
esternotomia
B. R. De Oliveira
Pantanal Editora

Esternotomia

B. R. De Oliveira

Pantanal Editora

Copyright© Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

O48e

Oliveira, Bruno Rodrigues de

Esternotomia / Bruno Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2024. 303p.

Livro em PDF
ISBN 978-65-85756-46-4
DOI https://doi.org/10.46420/9786585756464

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Título.

CDD 869.91

Índice para catálogo sistemático
I. Poesia: Literatura brasileira

Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
https://www.editorapantanal.com.br
contato@editorapantanal.com.br

Dedico aos meus órgãos vitais:
Camila, Felipe e Maria Helena

Esternotomia
para ver as entranhas

Enquanto escrevo...
corações param;
olhos captam última cena.
Mas para quem,
se não haverá depois à memória?

Enquanto escrevo...
alguém decidido pôr fim numa vida
do outro;
alguém decidido, da vida, é hora do fim,
da sua.

Enquanto escrevo...
o bebê rapinado do choro causa alvoroço na sala gelada;
a mãe a nascer agarrada ao vapor de esperança
chora por dois.

Enquanto escrevo...
o paraquedista despenca do céu,
a falha fatal avisara;
o pai atrasado viola apressado a luz carmesim:
abalroam-se carros e ferros;
o senhor aos 70, querendo ser 30,
injeta-se a química, e ela o vitima;
na academia: saudáveis prazeres (o peso,
a mulher), o peso no peito sufoca.

Enquanto escrevo...
a bala procura no corpo conforto
na estreita, daquela criança, a garganta;
a bala saída do cano em nada procura,
mas acha um corpo qualquer.

Enquanto escrevo...
talvez você leia turvado só mais esta vez
e ao levantar-se a cara dirija-se ao chão;
talvez eu escreva a palavra final
o que jamais pude escrever.

Índice

Fotossintético 13
Oscilações 16
Ecdise 24
Quem me leu, quem me lê 29
Presente de Natal 34
Pela madrugada 35
Homens passados 41
O mal de dentro 42
Maxwell 43
Desalmado 46
A Colina, o Farol e o Mar 48
Pés de barro 49
Feliz *anoversário* 59
Caixinha de joias 60
Perto do Polo Norte 66
Brinquedo 69
A banana e o engraxate 71
Cotas para gente feia já 75
Quem sabe se 76
Becos 77
Abster-se da verdade 79
Acordes na rua ao vento 80
Turrão 82
Artista inculto 85
Em fantasia adiante 87
Do barro do Mané 89
Quem eu sou em mim? 96
Sobre silêncios 98
Banguela de amor 101
Tá tão frio aqui 102

Cartas de não ler 104
Decisões particulares 108
Na falta e na posse 110
Farôfino 112
Carências explícitas 114
O violino e o bandolim 116
Sombras parabólicas 117
Reclamante orelhudo 119
Vou-me embora vou 121
Mecânico amor 123
Inhec inhec 125
O pianista 149
Monólogo 151
Outro não haverá 153
O Rei do Reino do Nada 154
Antifé que liberta 155
O Marechal cagão 157
Fases 158
Perdizes 159
Jardineiro solitário 162
Dia de escapar ou não 163
Sobre o amoldamento do ser 165
Vagabunda escolha 166
Ed pitar 167
Descer rolando 168
Da cidade para o campo e de volta 172
No quintal de casa: disco voador 174
Nas veias de Bangkok 176
Feliz Dia das Mães! 178
De volta ao jardim 183
Sobre os estranhos vazios 186
Os *jóvi* 188
Cansado 189

Setembro amarelo 190
Morrendo de fome 193
Pela sorte 195
Ana 198
Ao sair do lavabo 200
The Cure 201
Ela por eles 205
Ao natural 208
Estado: desatento 209
Arpões de luz 212
Realizar em você 213
Extremos globais 216
Sombras artificiais 217
Da boca à bomba 218
Costuras caóticas com fios vagantes 219
Sardinha 220
O casório da Maria virgem 222
Idiomático 223
Esculturas de pedras 225
O baile do ganso e do pato 227
Primavera hostil 228
Conversas paralelas 230
A bela é fera 231
Tombado na praia 233
Dor e prazer 235
Doxomania 236
Funerais 239
A suspeição da culpa 256
Empréstimo luminoso 257
Quando parei o meu tempo na estação 259
Um banco esquecido 261
Cão ateu 264
Safrinha 265

O você e a luz cruel 266
A derradeira pluma 267
Animal-humano, humano-animal 268
Poeira perdida 269
Autoridades 276
A vida passa? 279
Sem fôrma a forma é disforme 280
Ubíquo 281
Aceldama 284
Deus-homem revelado 290
Manual de sobrevivência 291
Posfácio 300
Apêndice 301
    Um algoritmo para construir poemas 301
Sobre o autor 303

Fotossintético

Ver paredes
paredes me vendo
vegetal urbano procurando parcos pedaços de luz.
Oxigenando.
Oxigênio
busco ao lusco-fusco alguém candeia,
um *réverbère* andejo
q'erre-o por gênio;
busco quem o pula
lustre-o ao desejo.

Ciposando em labirinto
caço o relicário escuso.
Despojei a foto,
fotossensibilidade,
engasgada na pa*red*e
red, *red*, *red*.

Oxigenada água mostra sombra escura
molde de enquadrar das mais lembranças de esquecer:
fotos frente ao monte ao fundo
nada não mais diz.
Mas a sombra? ah! sim me sufoca
induzindo ao cinza escondido dentro aqui.

Martelo alado vem para mim!
Não sou Thor, mas te cortejo.
Tenho ainda três desejos.
O faroleiro andejo
cedeu a eu pedir.

Demolição!
e ar pra respirar.

Fotossíntese noturna
nas goteiras da candeia
eis a minha cura:
foto na fogueira
logo mais é CO_2.

Respiro tudo!

Luz da chama fere a pele
na procura a cura esqueço
de ouvir o alguém candeia sobre os cacos ínfimos de luz,
sobre a chama negra espalhada
(afeta aos desejos),
de fechar os olhos deixar fenda,
ir na condução do faroleiro:
guia meu na via escura; de olhos fechados vejo a cura:
luzificação cravada aqui.

Cresço em movimento,
ciposando os tons de cinza
na floresta nua-dura-urbana, à procura
do pretérito lampista.

Cupidez cegou também os pés
dobrei à esquerda me perdi do *réverbère*.
Fora das paredes quis correr criança sã
pernas fracas surpreenderam: contumaz o ser é ir ao chão.
Os nãos do alguém candeia no buraco sem pa*red*e
um vice-versa: a luz a noite dentro apoquentar.

Tenho ainda dois desejos.
Não sou Thor, mas te cortejo. "Martelada dentro aqui".
Onde anda o andejo faiscando o que pedi?
Levou o plasma desistido de cuspir
tantas pedras-luz pequenas
necessárias, penetrantes,
paulatinamente estonteantes fazem-me tornar a mim
ciposando a via urbana
vegetal selvagem usa as pedras faz miragem
reconstrói paredes
empilhando pedra em pele
cola as cinzas, trama a foto
engasgada na pa*red*e
red, *red*, *red*.

Martelo alado vem para mim!
Tenho ainda um desejo.
Posso avistar o andejo
indo ao longe despedir
do candeia amigo alguém
que de um gênio por um dia um teatro ajeitou,
mas não quis tramar comigo.

Martelo tudo!
Abro o relicário escuso
nele asperjo orbes pequeníssimos de luz.
Não há fotos por saber,
fez-se de vazio segredo antigo aporrinhando uma cura;
um qualquer andejo bem fingiu a noite escura;
eu me fiz de tonto do lampista à procura;
o alguém candeia consentiu.

Oxigenado
— meio carbonificado —
ante espero o amanhã vir.

■

Oscilações

Esta vida senoidal implica tantas, muitas, quantas
indefinições inquietas,
        saltitantes,
trem aos solavancos,
indo afim abaixo, acima, adiante;
sobe e desce *ladeirando*
a cabeça estonteante;
cai rolando, vai rolando
— pedra-quica-ponta-fere-quina-marca —
vai rolando, cai rolando
pelo fundo do escuro poço (arcano),
sepultura dos projetos,
os largados, desdenhados,
rabos desta lagartixa: o eu sonhando.

E vai montanha à Rússia displicente
na Sibéria congelar
e depois volta inocente
no Brasil vai esquentar na bossa-enredo[1], e põe o dedo,
        quer em uma nota só,
mas desafina a vida inteira ao modo grego:
        lídio, frígio, *miquiciolídio*[2]. Zeus zangado eletrifica
        Pitagóricos (a corda) monocórdios e discórdias,
        destempera pelo raio
        ampliando tantas cordas;
        sobe e desce na escada da escala musical
complicando os tropeços,
tropeçando superposições das ondas senoidais.

        É complicado, reticente.
Reticências, eteceteras,
entre as setas desviadas
há algumas que acertam.

---

[1] Mescla de bossa nova e samba enredo, relacionando a verso seguinte sobre a música de Tom Jobim "Samba de uma nota só".
[2] O correto é mixolídio: modo em sol, que é o sétimo dos oito "modos eclesiásticos", este último nome utilizado em substituição ao "modo grego" devido às adaptações ocorridas nos modos na era medieval.

Por isso quer a linha reta, o trem bala japonês:
rápido, certeiro,
sai às 12 chega às 3.

Brincando de lunático na lua no espaço
didático escancara
os momentos planetários;
as previsíveis órbitas
— intentos fracassados —
dos mais moscados brilhos ao pensar-nos astronáuticos.

Daqui se vê redonda
a bola azul de um pé solteira,
flutuando tonta:
roda; gira;
gira a roda,
a roda gira,
volteando mansamente como o burro da moenda a cana **gira**, a cana **vira** caldo aguardente o pé rapado **gira** tonto na fronteira rapadura **vira**, morde e quebra um dente, *bebalando*[3] zonzo **gira** ultimando uma asneira **vira** asno uma, duas, três e vai dormir de vez e **gira**, leva o sol ao sol e **vira** só de um lado da esfera **gira** no escuro do espaço a terra **vira** a bola azul vai lá num chute espacial e **gira** e vai dá uma volta e uma a mais talvez a última afinal e **vira**.

Aqui silêncio e pó se entrelaçam
desprezando as vozes loucas
as bilhões, atrozes, roucas
pelos gritos e grimaças,
carapaças adotadas
pelas caras que fumaçam dores,
sufocando a dor
enquanto o eclipse não vem.

[3] Significa pedalando bêbado.

Esquece os modos gregos, fura a fila, vem CAGED[4],
vem facilitar o sobe-desce, e ser mais linear andando em linha
sem cambalear beijando o bafômetro
provar contorno desejado pra rolar a vida:
a forma-linda-linha de hipnotizar galinhas
de asas acessórias alçam voo rumo ao chão
ao recordar memórias entro eu no mesmo vão.

Na tarde há tantas tardes:
há a tarde da barriga cheia;
há a tarde de só trabalhar;
há a tarde de pôr pés na areia;
há a tarde da noite chegar.

Mas muito tarde chega a nós
a voz da professora idade.
De óculos, cara séria,
giz na mão (astuto aviador),
ensina sobre as tardes
das lacônicas anotações
no escuro da gaveta
(relicário abandonado),
nas fotos deslavadas das turbadas comemorações.

"Bate o sino, pequenino", mas não é natal.
Brada o ex-menino: — Intervalo... —
Hora de brincar.
Mão nas costas, passo a passo, vê o longo corredor.
Desanima e tomba,
tomba na cadeira coxa. Coxa!

Fecho os olhos matutando se esforçando em ser.
Desfibrilador no peito das memórias, ressuscita:
bife a cavalo, arroz branco e três tomates;
reuniões o dia inteiro: chato, chato, chato;
o dedão na areia desenhando passarinhos;
ir pra casa na tardinha namorar enfim.

[4] CAGED é um método de organização e visualização de acordes em todo o braço do instrumento (violão/guitarra). Ele se baseia em cinco acordes principais: C, A, G, E e D.

Na tarde há tantas tardes.
E quando pintainho eu fui cisquei ganancioso.
Correndo atrás do vento o ladrão dos meus bichinhos,
adejei sobre as tardes os caminhos não pisei,
pulei as sete pedras[5] que o C. Drummond deixou
no meio ou a um quarto do caminho dos caminhos.

Vindo a "melhoridade"
tão pouco tenho tardes:
        não posso comer chocolate;
        a mente barracando aos trancos;
        a praia a sussurrar distante;
        e durmo ao escurecer pontar.
Então me chego ao fim da tarde.

O rio limites certos
invocados nos olhares
parte de si esvai-se
indo sempre aos seus lugares
conhecidos, percorridos
os trajetos o compõem;
        o rio memória em si
em seu interior repõe-se.

O mar a tudo abraça,
tem começo e não final
espera em si memórias outras
antes de um tchau
do rio sacrificando nome,
essência, sua história
        se desafazendo em águas
tão salgadas às trajetórias.

A trivial lição é natural
em nós retém
a força emaranhada
de apegar-se aos vinténs:

[5] Referência a poesia "No meio do caminho" de Carlos Drummond de Andrade, Antologia Poética, 61ª edição, Editora Record, 2008.

memórias nossas — a herança — a ser deixada lá

no onde o quando encerra:
chão do não mais haverá.

NÃO SENOIDAL!
NÃO SENOIDAL!

Canta a mente profanando o sagrado sobe e desce,
pois querendo pernoitar,
a observar corujas
aprender se revirar,
ver aos cantos: arco-seno(-1)[6].

Afobado preparar-se,
ver no horizonte-além,
o lugar de descambar,
permitir a covardia
pôr as rédeas e a sela
assumir a tonta à monta-
ria: a cabeça zonza;
de mirar múltiplos rumos
dardos atirar a esmo
esperançando o certeiro
centro em nalgum lugar.

Como as bolas de um cão:
para lá e para cá
— movimentos pendulares —,
não quer ela fixar-se
inibindo as posições
de maior potencial
pela força restaurando
mesmo centro certo cetro
de um destronado rei.

Ela — a vida — sacaneia
nos cativa neste saco

[6] arco-seno é uma função trigonométrica inversa que encontra o ângulo no círculo trigonométrico cujo seno é um valor específico. Ela "desfaz" a função seno. arco-seno de -1 é igual a 270º que é a amplitude de movimento do pescoço da coruja.

dentro os bagos de cachorro
sufocando os vislumbres
de arremedos de alguns trechos
porventura de escapar,
nossos sonhos, endereços:
os desejos sem lampejos.

Pudera o caldo entornar sem perder seu sabor
e de esparrado ajuntar-se à antiga forma,
a forma adequada no invólucro abraço
do líquido unido pelas forças em disfarce?
Pudera um copo quieto se espatifar no chão,
e os cacos de mãos dadas retornarem a prima forma,
a forma inerte, estática, também a realística,
formada à plena vista pela mente do escultor?
Pudera a vida ao modo Lego ser moldada ao quer,
e de rearranja-la, remonta-la em tantas formas,
de forma em forma reviver a vida — a que perdeu —,
porque o derradeiro já foi ontem mesmo embora?

E andar de banda ao caranguejo:
é melhor que estar na onda?
Na senoide nauseando
no sacolejar da joça,
indo à roça de carroça
meio as pedras, nos barrancos
meio aos trancos e tramoias
ao trancafiar vontades
traficar meias-verdades
embrulhar os chocolates
mastigar meias-mentiras
diarreicas vão pra o rio
e depois chegam ao mar.
Esta vida roda d'água
que desagua, evapora,
vai ser chuva, enxurrada
rumo à praia a se trancar:
onde chora o filho e a mãe
vem cala-lo ao beliscão.

Chora a chuva. "Chuva chore!"
gota a gota na cadência
(periódico retorno),

decido nos pitacos
de uma reunião vulgar
dentre as Donas linhas-tortas
discutindo os destinos,
desatinos, feito grilos
predizendo nossas sortes.

A Verdade sussurrou,
porque velha e cansada,
meio que asperamente
no ouvido da Mentira.
Sussurrou meias-verdades
que as vezes são mentiras
dependendo se a menina
está meio acordada.

A Mentira então urrou,
pois menina e animada,
meio que suavemente
no ouvido da Verdade.
Ela urrou meias-mentiras
que as vezes são verdades
dependendo se a velha
está meio acordada.

Gangorra sobe e desce, vai a vida *gangorrando*,
acha tudo engraçado
divertidamente ri de **mi**-m sem **sol**
num **lá** de **si**, só **fá**-la em **dó**,
mas quando o **mi** do meu miado
pula pra'o **lá** sustenido,
bem ao mixiolídio
que esperava um **si** bemol,
nossas dores ignora;
quando tenta ser soprano
ir surfando pelas cristas
vem sem graça sopra vento
nos derruba lá de **si**-ma
diz que esqueci da escala:
de tocar a nota **ré**.

É só desculpa, mas sem culpa
quer nos ver *eslaticar*[7],
como a bola pula, pula,
mas o chão é seu lugar.
Porque fora ainda é dentro
se eu sou meu próprio centro
quem me vê de fora enxerga
quem de dentro o vê de fora.
Se olhando no espelho
eu me vejo tão de dentro
quanto o outro eu de fora,
se eu sou meu próprio centro,
porque fora ainda é dentro.

Desce; sobe; sobe; desce;
para cima; para baixo:
preferível volta e ida,
pois a reta — a retilínea linha desenhada no ECG[8] —
diz sem graça: "É o fim da vida".

■

[7] Quer dizer comportar-se como, ter as mesmas características do elástico, que vai e volta até relaxar-se num ponto de equilíbrio. Porém, ao longo do tempo perde a sua elasticidade, e consequentemente sua utilidade.
[8] Eletrocardiograma.

Ecdise

A moeda lançada na fonte
a mim desembrulha caminhos,
        num pardo papel sem um laço,
        ou cores, ou pompa, ou abraços.
É só mais passo!
No escuro da fonte
lançada a sorte eu caio de costas,
        de olhos vendados do Acho
        nos braços
e desço rolando ladeira acima
e subo rolando ladeira abaixo;
        opaco, indeciso,
        fulgindo sensato
aquele esperando a porta ranger
— por desenganado ou tolo discreto
socorre as preces da prima manhã
rogando à sorte passadas seguras
        nos desenrolares da dita —
de olhos fechados e fé das soturnas
        aperta o passo,
mas trava xereta a ouvir sabiás.

Moedas girando um giro de si,
        contorcem o *estamu*
        comprimem o rim,
é cara ou corou vão se divertir
as sortes carentes do seco regaço
por uma escolha despedir-se-ão.
"E ele? E ele?" Sou eu maltratado...
        O acaso num puro descaso de mim
aponta o dedo escolhe sem náusea, cantiga ou mordaça
— jamais fez questão de aprazer um qualquer —
(a máscara cai não revela em nada),
porque ao tilintar moedas no chão
sai fora matreiro
        e mato adentro dissolve a si,
e eu fico comigo
        e todos os Eus
        — nas emaranhadas privadas raízes —
ligados a mim firmes pelo umbigo.

Cabreiros e espessos que são os caminhos,
destinos ou não,
bifurcam em dois, talvez mais,
pedaços de mim que se vão
e ficam — sem susto pra trás —
os Eus que não querem jornadas
prendidos no ermo da mata[9],
ocultos à alma do lobo,
temendo a trompa bramir.

Não tem despedida ou mortório,
se vão tais os sois ao se pôr,
os Eus descolados dos bancos
da praça lotada (ruína
da própria apatia sagaz).
Na praça da fonte que deixa e desagua excessos num rio;
vertendo destinos em sombras fugazes
dos memoriais obeliscos fixos,
eretos — a seta da terra ao céu.

Quem fica abaixa a cabeça
chutando pedrinhas na estrada,
as mãos embocadas nos bolsos,
sem graça, sem riso, sem tapas
nas costas na cara ou no saco —
lembrança da ruça infância:
correndo os Eus nas campinas,
empinando pipa, caçando pardais;
olhares velados na saia mais curta;
das nuvens brincando de adivinhar;
no topo das árvores assoviando
(fingir que era pássaro: fácil demais).

[9] Referência ao "Soneto de Verlaine" traduzido por Manuel Bandeira, p. 190 do livro Amor e Poesia: Antologia Poética, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, 14ª edição.

No tempo que o tempo tão pouco valia;
a turva ampulheta rolando a ladeira
a não decidir
se o tempo contar,
se o tempo parava ou continuava
no carro de pau rodas de rolimãs
faíscas no asfalto
o sol na moleira boné-protegida,
o fim nunca fora destino buscado
queriam só mesmo bem-estar ali
e ainda a moleira negando pensar
viviam o pouco a pouco
pensavam voltar e voltar e voltar
ladeira acima, pra arriba, avante
então só rolar a última vez;
e o dia corria descendo as trilhas
na rua da qual a saída não tinha.

Dormia de dia, e a noite espiava
(qualquer dos meninos por estar ali)
estrelas voando nos longe capins
— uns parcos, escassos pedaços de luz —,
brincando de esconde-esconde: aqui,
hora ali, e não mais, já embora se foi,
os Eus mais-querendo ser lúmen
os Eus que eram um só
tais as águas do mar.

De um lado da ponte o outro fitava;
distância visível alguém desconfia.
A ponte trespassava a água da fonte;
a fonte da ponte só nada sabia,
vivia ela além de um mero horizonte
na praça indecisa prevendo os sonhos não-seus:
de um Eu transvestido de cidade grande;
do outro simplório andando a pé;
mais um por deixar-se nos livros perder;
e o torto marchando difuso;
do certo, casado e pai exemplar;
do outro de óculos na cara, o cantor;
o aviador vislumbrando de cima;
e o mãos-calejadas suando a terra do rosto.

Por baixo da ponte caminho atolado,
segredos ouvidos sem eco,
por ali passarem ficaram
deixando um resto de nós
dos Eus sempiternos na história
levada adiante,
largada ali.
Escolher o rio, molhar a canela,
pisar qualquer pedra de rasgar o pé,
deslizar na argila: a fuça na água;
molhada a fuça restava sorrir
talvez prosseguir na estrada molhada.
"Voltar ou seguir"?
de qualquer destino um Eu '*stava* ali.

Então os segredos gravados na ponte
ouvidos nos troncos da ponte austera
jamais saberão discernir
quem foi ou quem quis se deixar
permanecer pleno em sua memória
e ver renascer o passar do passado
(o pinto na casca do ovo voltar).

Do lado de lá o lobo à espreita.
Do lado de cá a trompa a bramir.
O meio da ponte não é cessação!
O ermo da mata é o meio da ponte
quem para arremede a outra história
não sua do outro inventada capaz.
Dividir em dois, talvez mais;
deixar uns se irem, os outros pra trás
a se despedirem nas suas mais puras autênticas tramas
qual nenhum dos outros jamais suporão.

Os vejo ficar. Me vejo ir embora
e mais de uma vez: aqui, acolá.
Na casa de espelhos
(no ermo da mata ou indo na estrada rumando ao sol)
um dia hão de se reunirem no solo
de porta aberta ou fechada, eu não sei!

Enfim é na fonte de onde provimos
fagulhas das almas se extinguirão,
então qualquer Eu trovará a cantiga
antiga, ancestral, umbilical canção,
na imensidade das infinitudes
do terno e eterno abraço mortal;
gutural história de entranhas escrita
no pacto rubro de sangue entre os Eus.

Derramada a água,
o copo vazio geme e pari um riacho.
Me acho encrenqueiro, tamanho de inseto,
e cavo um buraco. Eu não sei nadar.
Só quero estar do lado de lá,
na margem oposta de águas paridas,
a ver-me de cá me prevendo num dia
onde eu, finas pernas, enfim chego lá.

Do lado de lá,
as costas, as minhas, sim ver indo embora
tristonho, feliz por saber que a hora
pousou de mansinho, sem ninho seu ovo
caindo na pedra em dois se partiu.

Do lado de cá,
anuir a crença, crescer. Remendar
a água nos cacos, e as dores de parto
deixar revoar. O eu indo embora
um dia outro copo irá entornar.

■

Quem me leu, quem me lê

Na padaria dos lúridos tempos
        o jornal me lia.
Cheiroso, tapava a cara, a minha.
Virava, até se beijarem, as mãos.
Meus olhos prendiam,
queria atenção
        e ele a tinha,
mas não só a minha.

De pernas cruzadas (o saco espremido)
não era sozinho naquela esquina.
Bicava o café, e o rádio ciumoso
queria atenção,
        e ele não tinha,
mas não só a minha.

Olhares corriam
nas letras e tintas do texto impresso,
        datilografado,
que os olhos prendiam,
perdendo a disputa
apenas e quando donzela em vestido
mirando de cima virava a esquina.

Sincronicidades aos demais leitores,
em tal sinfonia as páginas liam
tornando-as de um lado ao outro
no ritmo mesmo marcado nas pautas do dia.

Não compreendia o rádio os motivos
        das bocas silentes,
        das mentes ruidosas,
curvando os bigodes,
com o tempo no bolso,
        sisudos ou rindo,
conforme a página lida
os lia.

Fumar o cigarro
        fendia o perigo,
porém nunca vi um incêndio em jornal.

Algum resmungão rachava o silêncio:
— De novo o governo põe pés pelas mãos!
Eu só concordava.
Se o jornal me lia, então não mentia.

E a padaria já velha na esquina
se foi esquecendo, perdendo a tinta,
assumiu a forma do seco esqueleto;
        deixou ir o tempo
assando seus pães
até que passassem do bom ponto certo.

O rádio enfim alteou sobre a mesa,
e na correria do início do dia,
bigodes na cara ninguém mais os tinha;
o tempo no pulso corria de todos;
        cadeiras vazias,
        as bocas quietas e mentes mesquinhas
queriam, sem saber o custo futuro,
de qualquer maneira ganhar o seu pão.

A televisão tomou o lugar
do rádio sem graça que nada mostrava,
agora as manchetes as tinham de ler,
        embora o âncora tudo falasse,
mas não ancorava, sem profundidade
num vocabulário esquálido, pálido,
        as desabitadas,
desertificava propositalmente
as mentes treinadas
        pra repetição;
        pra apertar botões;
        pra usar só as mãos;
em fila indiana,
        bater o cartão;
        bater continência aos patrões;
        bater nos irmãos,

disputar no tapa
        o mesmo
pedaço de pão.

E foi-se mais tempo, após ir mais chuvas,
enxurrando tantos dos modos de ser,
        levando costumes;
        as humanidades;
        os hábitos crentes;
        a dura expressão;
        a velha beleza da arte escrita;
        o escasso espaço do poetizar.

E plastificamos, sem compreender,
        da nossa comida
        até a razão;
das rochas — palavras moldadas no tempo,
no barro das evoluções, secadas no cotidiano da fala,
personalizadas na hibridação
        dos povos
fervendo em seus caldeirões
culturas antigas-atuais-futuras —
fizeram pedriscos,
        e trituraram mais,
        e mais,
        e mais,
        e mais,
fizeram areia,
        e trituraram mais,
        e mais,
        e mais,
        e mais,
até transformarem "você" em "vc".

No canto onde tantos jornais se sentaram
os jovens de dedos ligeiros não liam
o tempo passava na tela mandão;
seus olhos vidrados nas telas de vidro
no plastificado, *almado*[10] em silício,

[10] Antônimo de desalmado.

circuito integrado, que pouco integra

(sem cheiro,
textura ou toque
dos dedos na ponta da língua)
a língua escrita, pois só simplifica,
nivela no mais baixo nível possível,
e não o do mar, onde o sol se põe
e mostra a noite estrelada, revela,
mas onde o sol não mais pode tocar
no fundo da fossa do fundo do mar.

Nem mesmo a moça virando a esquina
os rouba a atenção.
A moça de pernas pra fora usando calcinha,
que chama de *shorts*; de certo é cubista
de mui rabiscada que é;
só chama atenção é da bunda durinha
erguida nas vestes da academia.

Da inteligência que já não mais tinham,
derivaram outra na computação
de *bytes* de *flops*;
convolucionais, regenerativas.
Palavras compridas que evidenciam
a nossa preguiça,
mas justificas pra otimizar
processos, deveres, as repetições;
também distorcidas pra mais engordar
a conta bancária dos nossos patrões.
E ela decidiu os rumos da vida,
o que você lia;
deixava de ver;
o que você via
deixava de ler;
al-go-rí-tmicamente ajustada
limava os motivos da razão,
confluindo a linguagem de Camões
nos versos imprestáveis de *Instagrams*[11].

[11] Quer significar qualquer rede social semelhante ao Instagram.

[...]
Vim pra Marte
de carona com Elon Musk.
Trouxemos Shakespeare, ...,
Dickens e Cervantes.

Mas me dá saudade louca
do jornal lá da esquina,
de enrolar o meu bigode,
e ouvir pura poesia do seu Zé da Padaria:
— Hoje vai dois pão
cum cafezím du bão?!

■

Presente de Natal

O feio rabisca sorrisos sonoros,
pendura na porta da casa vazia
um visco acuado do ano passado,
e cruza os dedos querendo o natal:
que ele repita, mas não tão igual.

O beijo, desejo jamais esquecido,
embaixo do visco não aconteceu.
Sucedeu ainda ao feio e sem sorte
o prazo da morte vir tirar vantagem
trazendo a mensagem, rastilho do choro,
explodiu certezas que ao feio doeu.

O cobertor verde, vermelho e branco
dizendo honrado a dor afanar,
secou todo o pranto e abriu a janela
pra o feio enxergar o Noel no trenó.
Seu borogodó colhendo anseios
gargalhando forte, sabendo o futuro:
a prenda Tereza o iria beijar
atrás do seu muro (o mundo guri)
— no escuro a lua não ousa tocar.
E ele a traria pra baixo do visco
de olhos vendados pra face ocultar.

Então vai percebe num breve tropeço:
a bela Tereza não sabe enxergar.
Suspira o suspiro do logo ao nascer,
e beija beijando o beijo beijado.
O visco tutela o dado presente
e o feio assevera bom menino ser.

Tereza vai embora, não volta pro saco,
sim volta pra casa impetrar os pais.
Noel esquecera a autorização.

O feio o natal só quer concretizar.

■

Pela madrugada

Abro a porta. Tudo escuro.
Quem espera lá de cócoras
como galinha botando,
        sim és tu, Demiurgo?
Vais parir a criatura
melequenta, pegajosa?

Sabes bem passar o tempo:
dedalares nos ponteiros,
        distorcer realidades
na psique enfia os quês;
testas tramas tuas tranças
(redes) esganando nortes,
das vontades de fugir
        faz sardinhas;
        salmonela
é teu tempero tentado.

Tua transata novela
pretejou duas retinas,
me expos avesso em pele
as entranhas (entrelinhas)
"antiquadas!", mas são minhas;
sei querê-las usurpar
pra cozer ou sopa-caldo
ou prever futuros prestos;
extispícios hediondos
tua cura, a criatura
quer comer da carne crua.
Não a minha, sai pra lá!

Mas turbado o meu ser
gozas tu ereto, ao certo
vais mentindo, e eu metido
— erigindo-me herói —,
vou entendo a queda certa
só por eu estar de pé,
mas dormindo e fingindo;
vigilante ela está,
pois me adiro à tolice
na mesmice todo dia
repetidamente insisto
na tolice me apegar.
Não empresto nem emprestarei
o que me faz um rei,
sim sem trono, sem coroa
rei de mim por vezes tonto
rindo à toa junto ao bobo
— fez na corte só um corte
separando duas bandas.
Julgo ver-te d'outro lado
pra não vislumbrar seu parto
lá ao tempo puerpério
nós conversaremos sérios:
do projeto enovelar
o quê sabes me dirás!?

Malemá sei Mallarmé[12],
mas delato que a tolice,
a vigia empoeirada,
passo o pano, dela esqueço,
pois se meço a distância
entre ser e querer ser
não há régua que me iluda
(mesmo a égua pare a mula
mas eu digo: ela é burra):
confusões peremptórias
eis o cerne desta carne
repetidamente retornando ao ponto de partir
eis meu *rosco*[13], eis meu *rosco*.

---

[12] Étienne Mallarmé: poeta e crítico literário francês.

Se lê em meio a biblioteca
teu e-mail aventado
redigido no escuro
quan'da[14] dança da garrafa
olvidou que não "É o Tchan!",
ritmando os má projéteis
coagindo meus domingos
— o projeto (propagandas) —
criaturazinha estranha
ludibria,
lubrifica
com seu vômito asqueroso
pra me ver me derrubar
depois dizer o pau torto
se endireitar não pode.
Tuas rimas são grasnadas
mas ritmas tão errado
rebolando ao quadrado,
já não vais me seduzir,
tua bunda murcha parca
não é *à la brésilien*.
Por que queres convencer-me,
induzir-me nessas tranças?
Teus desejos se escondem
na tangente pelo sol.

Sei das tuas intenções!
Inda ontem
escarafunchei
livro em couro-negro,
sacrilégio se acreditas
em um deus uno no espaço,
sobre ti exacerbando
no arroxo da argola
de nariz — o guia face —
o domínio do boi carro
estelar dos estalares
do cosmético chicote

---

[13] Ciclo oculto de repetição, que se movem em círculos contínuos e silenciosos, como uma engrenagem secreta ou um movimento sutil que parece eterno e inescapável.
[14] Elisão de quando + da.

— a filosofia cósmica —
fruto da disparidade humana divinista.

Não esperes q'eu releia seu ensebado croqui
de luxúrias mascarado
tal as farpas sorridentes
no aguardar as mãos fininhas
do petiz — o aprendiz
do lenheiro ermitão.

Queres ver "meu eu sangrando"
é seu tema de novela.
Mas prefiro as bibliotecas.
As novelas enovelam
se as nove ascendo vela
é porque TV não tenho;
na cabana estou livre:
a lareira me aquece
e o ganso me alimenta;
tenho tantas companhias
que precisam fazer filas,
uma a uma conversar
— mesmo eu comigo mesmo —
taramelo,
paroleio,
palro,
galro
e não canso nem descanso
só se o ganso na panela
a quentura perde, esfria
na cabana minha cria
onde o Só me faz um rei
pelo cerne labiríntico
— eu temo o equilíbrio —,
e por vezes racho as pernas
as ajeito na lareira,
tosco ascendo a fogueira,
e fumaço meus andares
pela mata,
embrenhado, cauteloso,
esgueirando sombras fora,
pois cá dentro me ignoras,
não desiste de tentar,

atentar, cabalar, maquinar, mancomunar,
tu insistes
"água-mole-pedra-dura-tanto-bate-até-que-fura";
empacotas minhas compras
num sorriso congelado.
És fanático por mim!
Queres ver-me indeciso,
mas não sou fumaça fácil
não defumarei seu rito,
admito, contestado:
eu prefiro em circunstâncias a cabana incendiar.

"Deus me livre" dos teus livros
libertinos. *Yo soy libre*.
Mas preciso decidir
quais dos livres eu serei;
quais estrofes lerei eu;
quais das linhas a caneta bic
há de rasurar;
quais das páginas me servirão a sopa no jantar;
quais serão da cama manca apoio bom;
quais filosofias cósmicas irão bestificar-me;
quais cosméticos inúteis a socapa há de compor;
quais dos livros eu serei.

Há um Anjo rodeando
escrevendo as entrelinhas
no idioma que inventei
no alfabeto blá blá blá.

Seus ciúmes?
Sai de reto!
Prhu...[15]

[15] Para a pronúncia coloque a ponta da língua para fora da boca, pressiona-a com os lábios e force a saída do ar.

Epílogo do anjo escriba

Minh'aureola tem bigodes e das emas tenho as asas.
Sempiterno prevaleço na sua confusa carcaça.

Sou complexos lampejos na cabeça, emaranhado
de devires radiantes, onde as sombras se entrelaçam.

Venho desde o Éden inato,
desoxirribonucleico ácido.
Não de aço,
mas na pele que me acho.

Os sinais eu negativo
retomando o equilíbrio
na ação homeostática
que evita o labirinto
desta cuca flutuante
esbanjando *sabi-x-se*;
lhe derrubo como um raio
deszipando o negro céu.

Vá escabulhar os gritos.
Salte o grilo da garganta.
Determine emulações.
Sacrifique o cabeção.
Et al.[16]

■

[16] *Et al.* é uma abreviação do termo latino *et alii* ou *et aliae*, que significa "e outros" ou "e outras", respectivamente.

Homens passados

Eles já não morrem de amor
ao modo dos livros antigos:
ou morte morrida
ou morte matada.

O terno, o único, já não mais estendem
na poça de água pra bela donzela
seus pés não molharem.

Duelos letais finaram lá trás
no tempo largado dos filmes vencidos;
forjaram da luta escape do olhar.

Ter a concessão de adentrar na família
é tão antiquado que há objeção.
Elas?
não querem ser vistas tais mercadorias.

A força; a coragem;
a brutalidade; o ser protetor;
já é uma arte de não mais valia,
só mais velharia legada à estante.

Suster a morada — garantir o pão —
é mais demodê que o Saci-pererê;
qualquer pode ser do lar provedor.

A porta do carro já não abrem mais;
a caixa pesada não vão carregar.
A conta de mais um jantar?
Será dividida por dois.

O Homem é peça que não se encaixa
no quebra-cabeça de bordas redondas.

■

O mal de dentro

As corujas vigiam as tocas.
Elas sabem: os grandes perigos
as vigiam nas voltas e voltas
ao driblarem *quaisqueres* destinos.

De um pio um alerta se faz
e prediz, sem perder ao ouvir.
Se com medo lá fora estás
ouve cá no refúgio o brio.

A visão singular não afasta
o que dentro no escuro está.
Uma cálida e verme ameaça:
a serpente tornando a matar.

■

Maxwell

Do espelho sincero e cru
delatando, dia noutro dia,
a perseverante decadência minha,
caio pra fora, e soberbo deslembro
a carnífice e antiga amiga
daquele demônio pequeno[17],
brincando com ela,
abrindo a porteira da chance,
trazendo o caos para a mesa,
forjando revanches,
para q'eu estremeça
ao bafo do breve sussurro
da sua enredada parceira.

Ah! Entropia escondida
entorpeces até os confins
e também brancos fios
de cabelos,
da vida se indo
embora, embora, embora
levando a corda atada aos meus pés.

Mas ela não diz mais a hora que tem.
O relógio macróbio quebrado parou.
O desdém é a sua palavra
de ordem, mas fora da ordem
escolhe um dia bobinho,
não mesmo do aniversário, o meu;
e esnobando leso a parceira,
que embora atrevida,
"metida a besta" maior,
só vai devagar, na viga toada
que é sempre a mesma.

---

[17] O Demônio de Maxwell é um experimento mental criado em 1871 pelo físico James Clerk Maxwell. O demônio abre a porta apenas para moléculas rápidas da parte fria e para moléculas lentas da parte quente. Com o tempo, a parte fria se tornará ainda mais fria e a parte quente ainda mais quente, violando a segunda lei da termodinâmica, que afirma que a entropia (desordem) de um sistema isolado sempre aumenta.

Entropia querida
conselhos a vida
você tem de dar.
Peça clemência,
um pouquinho a mais
a lamber paciência.

[...]

Ao espelho voltar,
encarar o cansaço,
com a corda nos pés
é verdade de fato,
mas tão longa q'esqueço.

É no breve começo
partido em pedaços,
se encaro os fatos:
que a vida caminha
pra o mesmo lugar.
E de lá vai voltar?
Nunca mais, disto sei!

Me despeço entretido
e carrego na mão
esta corda cortada,
mais não serve pra nada.
Ah sim... pra enforcar
o meu medo rebento
indefeso no tempo
quebrado em dois:
o passado de frente,
o futuro detrás.
Mas só vou para lá
onde nada conheço:
calabouço de mim,
cala a boca, a minha,
e a sua também.

E de tempos em tempos
calando, falando; o calo
nas pregas da voz calejada
impede falarem de mim.

Pois então, eu me vou...

Mas você Maxwell
(m a g n e t i c a m e n t e)
ficará pra sempre,
pela sua paródia
e coisicas a mais.

■

Desalmado

Três dias andou sem parar
tutelando-o no alto o sol.

Na noite
sumiu o seu corpo.

Su'alma vagava biruta
em meio a floresta das velhas memórias,
no encalço do cheiro de doce hortelã;
goelava insistente um nome encruado
nos poucos lampejos de um cemitério de mágoas.

As velhas nalguma empatia
à alma invitavam as asas pousar
na rede suspensa;
a um tempo de chá carmesim de hibisco;
a um pão muito leve, fresco,
sem fermentação.

Diziam ali ter passado
déspotas reis,
homens rasteiros
com secas cabeças em suas estacas;
mulheres em si alisando as barrigas
de branco dos olhos sangrento, e olhares
absorvidos em hesitações;
padres e bardos riscando palavras de rochas histórias;
pequenas meninas roubadas das nuvens
— metanoicas —
ao lado de um rio poluído de culpas.

Não deram à alma nenhuma esperança
local de guardar soube-se ela não tinha.

Os corpos dali não voltavam, dizia
um coro de vozes unindo as eras
perpassando o cerne das vãs, insolentes
        promessas bebidas num cálice limpo
por fora; por dentro ornado de limo,
porque há terrores — que a mente constrói —
        indomesticáveis.

A alma perdida, a loba, a viu,
        o leão e a pantera.
Viu Dante medroso correndo pra selva.
Virgílio ocupado
        não lhe fez menção.
Correu pelo susto, instinto comum.

Abrigo da densa aflita,
procura não soube encontrar.
Achou quem mais não procurava:
        seu corpo
batendo a cabeça num tronco escuro
de um pobre carvalho
cravado de histórias,
        sofrendo o mal do esque-
cimento,
lascando pedaços
de tantos passados
        passando ali,
        pesando os pés.

Alguns não voltaram,
        bem disse as velhas memórias.
A alma não quis mais saber de histórias
integrou-se a si, de corpo inteiro,
unindo:
a esparsa essência inefável
        aquilo que outrora
achou-se ser mais que um saco.

■

A Colina, o Farol e o Mar

Voz 1:

Eu me vi vendo eu de pé na colina
ao lado do farol de pé na colina
clareando o eu me vendo eu de pé na colina.

Voz 2:

O eu da colina me vê na luz do farol;
o eu na luz não me vê na colina.

Voz 3:

Eu vi os eus
na luz do farol
no escuro da colina.

■

Pés de barro

O menino sem braços carrega o irmão
embrulhado nas costas, atado ao torço
— *tamanduázinho* agarrado à mamãe —,
caminha na terra, a estrada de chão,
caminho de tantos os pés como os seus,
caminham ao léu; vagueiam a esmo
na mente, e tecem juízos aflitos,
e mesmo descalços os seus ideais,
almejam "porquês" fixados ali:
razões sombreadas em meio a aparentes
noções de um mundo entulhado no breu
— carente da luz ocultada ao aprazo
daqueles provendo mais escuridão,
pois suas ações manipulam o acaso
transformando em gatos, selvagens leões
famintos, mas sob controle dos vis
e indolentes senhores das trevas mui duras;
controle exercido com tal precisão
que mal se percebem atado aos grilhões:
cingidos, cercados por todos os lados,
na oculta muralha de arame farpado —
manchado do barro amassado aos pés
das proles da fome, dos tantos bastardos,
deixados, tal fardos lançados na via
expressa; na margem o mato abunda
e cobre as pegadas, tapando o que resta
da história que um dia se quis esquecer,
transformada em tocos, na desolação
da terra fecunda que a tudo abundou,
nos troncos cortados em tantos pedaços,
tolhendo o fazer de os juntar num espaço
coerente aos relatos dos velhos, mais sábios
montados nas lendas dos antepassados
tentaram a sua história manter.
A via é expressa, porque são aos montes os pés,
e tantos, trombando, batendo as cabeças dos dedos
se amofinando entremeio aos apertos,
auto-organizaram os próprios caminhos.

Herdeiros da terra, mas já deserdados
desde o seu primeiro suspiro ali
na terra onde a fome espalha as sementes
— a fome que é pobre, irmã da miséria,
e come com ela em um prato só,
e come o é que dela, é o que dela come,
na fraternidade que não se consome,
mas mutuamente alimentam-se da,
da fome, da falta, da fragilidade
que sobra na massa ao se cozinhar,
na tapera velha de um cômodo só,
que é feita do barro, misturada aos tocos
resquícios do mundo antigo e fundo,
afundado aos pés coloridos das cinzas
dos carvões tostados da sua história,
que nada lhe falta, que nada lhe sobra;
enquanto os avôs, morando no Norte,
escondem o sol (não vão rebentar),
mirrando folhagens, torcendo raízes,
impedindo frondosas folhas brotarem.
Olhares profundos procuram sentido,
qualquer ombro amigo que não só o seu,
embora o sentido ecoe perdido
— a reta indelével cortando os destinos
separando o joio do trigo; um trilho
o menino levando à alguma estação
vazia de nomes, mas abarrotada,
lotada de fardos meninos comuns
chamados de órfãos, meninos sem nome
— cascalho jogado por cima da rua
pra pisar o gelo e não escorregar —,
porque dar um nome é conectar
um corpo à alma: pôr alma no oco,
no tronco do coqueiro que não dá coco
fazer brotar lindas orquídeas azuis —,
a sua insistência instintiva o anima
a levar a carga por onde ele for,
a sina escrita na tábua da alma
não é esquecida jamais pela vida.

Ainda que a morte, o prato da casa,
esteja em destaque no exíguo menu,
aferra-se à vida, na luta, na lida;
desconsiderando o que Darwin citou
atua à medida, como um figurante
— degrau na escada que eleva o capaz —
que naturalmente foi selecionado
pra interpretar o ordinário papel
do inapto, inepto, *inipto, inopto*, inupto
dos vitais direitos comuns
tirados à força, por quem é senhor.

A calamidade mais nutri a alma
— comida abundante, nasce sem plantar —
escorre dos poros de um povo perdido
auto-alimentando a miséria sem par.
As crônicas narram a mesma história:
cotidianamente, o autor principal
de um filme antigo sem glória nem cor
— mostrado à exaustão numa sala vazia,
igual propaganda de um ditador
seduz a plateia seus sonhos sonhar —,
procura moedas de esmolas perdidas
no pisoteado chão duro da vida
— que a lida constante em graça buscar
amassa e enterra com as fés sob os pés,
marcados da história que nunca se finda,
repetidamente, os marca outra vez,
tal gado no pasto exibe a divisa
do dono opulento visando de cima,
que diz orgulhoso: "meu gado está lá" —;
e encontra outras mãos mais vazias ainda,
e esquece, que as mãos têm seu próprio lugar,
mas por mui razões que nem Deus pronuncia,
do pobre sem braços taparam a sina:
a carga levar, feito um dócil animal
de ações amputadas, vontades tolhidas;
no entanto, sua carga não é esquecida,
bem como seus pais no deixarem pra lá,
do lado de lá, enquanto o trem
sumia nos trilhos, mais pequenininho
ficava à medida que a dor do desprezo,
dolente espinho, cravava seus pés;

e o tenro irmão mal sentado no chão,
chorando inocente, prevendo que o colo,
mas não qualquer colo, o colo da mãe,
se descolaria pra sempre de si,
franqueia os braços abrindo su'alma,
exigindo abraço do único rosto
também a chorar, o choro que é seu,
com gosto de terra pisada amiúde,
do lado de lá onde na estação:
ninguém se arrepende, ninguém se vê gente,
apenas rebanho rumando ao cocho,
largando dejetos por entre os caminhos,
deixando desejos morrerem sozinhos,
por não conceberem que dá pra voltar.

A charrete humana mal sabe o que faz,
vagueia insalubre entre as multidões.
E o menino calado encara seus ombros
e o choroso irmão admira suas mãos:
bracinhos pequenos a movimentar
no ar, igualzinho ao tal passarinho
que a pedra lançada, ao chão o tombou,
e serviu de comida; estavam sozinhos:
meninos famintos, nas idas e vindas
dos ébrios seus pais, tormentas das crias.
O menino calado se prostra no chão,
une a cara ao piso que há gerações
tem guardado histórias, azedas histórias
que ao final das tardes despacha-as no trem
que espalha azedumes por onde ele vai,
e esvaziado, o piso respira
poeira dos pés tão trincados, estirpes
que agonizantes procriam ruínas;
e o choroso irmão engatinha instintivo,
tal o recém-nascido num pasto qualquer,
buscando quem lamba sua cara perdida
e d'alma ferida estanque o sangrar.
O menino calado ajeita o irmão
apara no lombo a herança vencida
mais leve que uma cadela d'esquina
ilustrada à fome num quadro roubado
da Morte aérea, quando espreguiçou
(quis bisbilhotar o seu próximo alvo);

os dentes num trapo que é velho, rasgado,
dá nó invejável ao superno nauta,
co'a rala criança nas costas, seu monte,
avança sem saber esperar o quê.
E o choroso irmão entrevê horizonte,
do alto no monte há o que destinar:
qualquer fim melhor, na dança do caos,
que os breves momentos pensando o jantar.

O menino largado tal barro dos pés
— por toda a estação espalha seus gritos —,
talvez fosse humano, se ao longo dos anos
de tanto acordar com sua cara no chão;
de tanto comer as migalhas do chão;
de tanto beber água suja do chão;
de tanto pisar pés descalços no chão;
de tanto andar só olhando o chão,
enfim, no espelho pudesse enxergar,
após se limpar, cuspindo nas mãos,
nas mãos que vê só na imaginação,
de toda nojeira na face encarnada,
grudada, encrustada há cem gerações;
decerto não veria um mero animal,
talvez a criança sentada à espreita,
fuligem e poeira: mistura de si,
misturada à antiga e precária estrutura
do velho armazém das criadas, na rua,
crianças perdidas, iguais ornamentos,
tais telas pintadas com tintas do chão
repetem as cores cinzentas passadas
em tons de marrons, refletindo os Nãos.

O sorriso em falta ao pular o muro
proclama atroz, o imanente, seu curso:
ser gado esperando na fila sua vez.
Honroso abate: desatar da dor,
trazida no pulso, marcando segundos,
minutos, enfim, marcando seu dia, o dia do fim.
No pulso fingido, do braço suposto,
moldado nos sonhos desde o amanhecer,
igual um brinquedo de herói desejado
por outro menino em terra distante;
seus braços seriam as suas espadas,

cuidadosamente forjadas nas ruas
de terra, e nuas de esperançar,
forjadas no fogo esquecido, antigo,
deixado pra trás por não ter onde usar.

Enfrentar gigantes, cortar as cabeças,
partir as correntes formando grilhões,
desbravar a selva, abrindo caminho,
caminhos libertos pra os pés correr,
analogamente à mente desperta
cortada das velhas histórias fincadas:
bandeiras ornando a sebenta estação,
que a todos maltrata sem cuidar da hora
e embora, esteja ali sem pesar
— os tantos farrapos trazidos no peito
corrompendo sua intenção ao pensar
daquele esquecido, num breve olhar,
sorriso atirado no trilho do trem —,
a vil estação se envergonha de ser
o último amparo dos despedaçados
meninos privados do que há pra ver.
Matar um bisão, cortá-lo aos pedaços,
beber do seu sangue, tomar seu vigor
ter algum valor imanente enquanto
percebe sozinha a coragem num canto
estando alerta a tirá-los dali;
distribuir todas as partes a todos,
àqueles que são, como tal, pés de barro,
pois feitos da pura essência, sem cor,
sem brilho, não excepcional,
exceto que a alma é pleno tesouro,
mas descolorida em plena estação,
que a tinge de escuro, tornando-a banal,
rebuçando o brilho pra a não enxergar.
O menino, envolta vê todo seu mundo:
guerreiros formados tão só pra lutar:
têm duas espadas robustas e cruas,
os peitos são como muralhas seguras,
as pernas são claves que a tudo derrubam,
e as suas cabeças são maças tão duras.

O menino, envolta estranha seu mundo:
os fortes guerreiros estão moribundos:
são pregos em tábuas grudadas no chão,
o galho que a árvore enfim derrubou,
a água parada, fedida, enjeitada,
um chapéu furado, rasgado no tempo,
o franco chinelo rafado demais.

(Se a água do poço não é pra beber
misturada ao barro milagre será
se o velho Jesus sua mão esfregar
nos olhos cegados por verem histórias
perdidas nos olhos, caídas no chão.
No chão que é duro até amolecer
por águas que faltam em toda a estação,
nas ruas secadas ao sol causticante,
deserto onde nada floresce à mercê;
as águas da chuva, as águas do poço,
a fonte do verde alimento viril,
a líquida fé lambuzada no rosto,
um doce composto que se proibiu:
por adocicar toda expectação;
por criar virtudes grudentas demais;
por contagiar quem a experimentar;
ao estropiarem as mãos que alcançam
em qualquer estante a herança comum
dada a qualquer um, sem inventariar,
criada aos poucos ao longo dos anos
contida nas folhas ou via orais:
o conhecimento tolhido dos tais
meninos sem braços, os órfãos da rua.)

O menino sem braços então alucina,
no meio da rua, a separatriz:
sem-cor estação dos largados à sorte,
a rua de barro ou poeira, depende
do tempo escolhido ao amanhecer,
por Deus ou por sabe-se quem decidir.

Balança freneticamente seus braços,
aqueles supostos tais armas mortais:
espadas, um ícone da liberdade
singela ao gosto do seu paladar
que sonha em três refeições no seu dia
comer, não cheirar como sempre faziam;
que anela ter algo com quem partilhar,
e não só o corpo das tenras meninas,
que matam a fome ao prazer virginal
dos vis portadores dos fartos galpões
onde aprisionadas sementes estão,
sementes que as mãos que o menino não tem
solidárias nos calos rugosos de história,
bem formadas nos fornos escuros da lida,
ferramentas tão brutas de tão naturais,
plantaram um dia no charco que é seu;
espadas, que a fome enfim mataria,
seus gumes-ações cortariam destinos,
separando o joio do trigo, em terras
que mesmo o joio tem sempre um lugar:
ocupar as mãos de mais trabalhadores
os separadores, briosos na lida;
apontando em ambas as vis direções
peleja insistente em seus argumentos,
conclama os irmãos, pés de barro marcados,
trincados e grossos no espaço e no tempo,
a reescrevem as suas histórias,
aquelas memórias que só eles têm,
porque gotejada das peles ao sol,
escritas no chão, gota a gota, enquanto
andavam descalços na matéria prima
usada por Deus para confeccionar
a todos, sem indistinção, com suas mãos
pré-moldando o humano, estranho animal
que mais se esforça em ações siderais
que por logo um fim nesta fome banal;
a reeditarem o filme antigo
colorindo com indistintas mil cores
de tons extraídos da flora, que é mãe
dos seus ancestrais, dos quais, sim cuidou.

E pode o menino ter sangue de águas
de esperançar coletivo a inundar
a todas as sortes que a todos abarca;
e regar a terra, plantando histórias
        que aqueles senhores não querem lembrar
        que já reescrita em seus livros foram,
porque se acovardam olhar nos espelhos
na casa de ouro, marfim e cristais,
nos nobres jardins rodeados do espanto
de dentro fugido por não suportar
a patifaria hipócrita quente
fervendo nos lábios mentindo ao fingir
nas leis lambisgoias qualquer ideal,
de mera justiça fadada ao fragor
quando estilhaçada na politicagem
cantando lamentos, um santo louvor
da boca pra fora; da boca pra dentro
deleites escusos dentre as entrelinhas
das normas regidas pra os favorecerem.

Mas se ameaçam seu establishment
construído ao longo das coloniais
        usuras, usucapiões usurpados,
        trocos não dados, promessas rasgadas,
        cheques sem fundo, ouro de tolo,
maquiam qualquer liberdade almejada
        (esticam a pele já tão enrugada
        escondendo o coro onde não se vê);
        e deixam os livres fazerem sua arte,
        dançarem nas praças, comporem canções,
        escreverem versos rimando direitos
        e reparações dos maus tratos trazidos;
        e que os museus reproduzam a si
        e a literatura circunde seus atos,
        que as premiações, as cotas e acessos
        os beneficiem para os elevar;
        e deixam que eles derrubem estátuas
        que manchem as obras de exaltação,
        que marchem, que gritem, que quebrem os muros
        e pintem suas roupas, as caras e as almas
        exigindo que suas vidas importam;
        e deixam o governo criar benefícios
        e sedam, também permitindo perder

um pouco, que é muito, demais para os outros,
pra eles? migalhas pra se dar aos pombos;
e deixam que vão; e deixam que são;
pois sabem que um servo feliz,
também é feliz em qualquer servidão;
e fogem pra ilhas de praias azuis
no próprio avião valorado em milhões:
milhares de pães e mais litros de águas
correspondência tão ignorada.
E dia a dia os livres os servem:
trabalhos e compras;
trabalho e trabalho,
mais compra, mais compra;
trabalho e trabalho.

[...]

E o menino tem braços robôs
que algum benfeitor concedeu,
e a sua história, os tempos no barro,
os pés calejados na velha poeira,
as defraudações, as meninas roubadas,
e tantas infâncias também mutiladas,
a estação cravejada de mágoas,
as pobres estradas baú dos seus sonhos,
o nascer do sol conclamando a idear,
e o tenro irmão só de terra forjado,
trocou por um filme qualquer no telão,
a sua epopeica história de luta
(agora pipoca e filmes de ação)
versada enquanto levava o irmão,
trocou por um apartamento apertado
em uma cidade com mais cem milhões
de desiludidos na fixa hipnose:
ter por mais ter,
porque ter
é mais ser.

■

Feliz *anoversário*

Não serei cereja
do seu bolo atrasado
do *anoversário* preto
esquecido no passado.

Passam **anos**, p**anos**, pl**anos**, oce**anos**
os dec**anos** se aposentam
e os cig**anos** param num mesmo lugar.
As pedras ficam nas mãos dos ins**anos**,
os pi**anos** desafinam e os goi**anos**
enfim cessam de comer pequi.

Não verei a vela
no seu bolo adiantado
do *anoversário* a vir
para o qual fui convidado.

Ficam **anos**, d**anos**, pl**anos**, deseng**anos**
os bich**anos** se acomodam
e os mund**anos** miram sempre o mesmo lugar.
As pedras guardam falas dos arc**anos**
os sopr**anos** afinados e os bai**anos**
enfim vão comer o vatapá.

Não serei a vela derretida a cereja não verei mordida, as palmas do *anoversário* as minhas não serão, porque meus nãos não mais verão, pois são inverno, d'hoje e além, no polo norte onde sempre a morte mata o ano inteiro impedindo o ano novo insistente vir nascer.

■

Caixinha de joias

Cruzeiro do Sul pontiagudo,
marcando as preces roubadas
enquanto angustiam-se nuas
meninas com nomes de estrelas;
implorando molhem seus lábios
sedentos, e secos, e mudos,
cutucam os dedos magrelos
buscando um resto de pó
no furo, trajeto do ar,
ansiando resfolegar,
as penas as duras, ardidas,
da mágica fenomenal
distorcendo realidades:
burila na pele agulhas,
tonteia até a sarjeta
o rosto acariciar;
e o rato, amigo das horas,
de um beijo lambido sincero
trovar sobre o chão-horizonte
tingido de preto ilusão
poemas dos mais absurdos,
falando do mundo que fala
e narra saídas, esquece ser mudo,
sussurra no escuro a adaga
que corta a mordaça, a venda dos olhos
e mata o imortal;
naquela abissal pretidão
só pontos de luz
de restos-bitucas
caídas, jogadas; luzes
vagas luzes, vagam
como vaga o lúmen
(pólen d'esperança)
procurando frestas,
vai se perde em festas
nos galácticos leilões:
no escuro a menina sem ter luz para brilhar
brilha plena de certezas — claridades virginais —,
aspirando luminar multicores das primeiras

quando então pairar no céu
rodeadas das irmãs
sobre o palco estelar.

Não sabem elas,
pois não há como saber:
se a sua essência fora embaçada ao nascer;
se a vida se resume ao enegrecido espaço;
acharão, imaculadas, nos desenhos da infância
que aquela estrela guia rabiscada no papel
logo um céu encontrará para a noite iluminar.
Mas o gozo é do outro rosto o outro q'ela não quer ver,
pois tantos são os rostos:
magros,
gordos,
barbas,
lisas caras,
compartilham toscos
sede e fome pela vil dominação,
porque são fracos como um galho podre, oco,
que a árvore despreza não lhe tem a função mais.
Querem mostrar seu vigor,
sua força, a brabeza,
que dominam a natureza e tudo podem pôr ao chão.

E elas são
ovos sozinhos no ninho
que o covarde esmaga, pisa.
E elas são
a orquídea exibida
que o bruto arranca, pisa.
E elas são...

[...]

As meninas, são as três:
M., R. e P.[18],
já vão quase apagadas,
o fogo do isqueiro

[18] Nomes das estrelas superiores da constelação Cruzeiro do Sul: Mimosa, Rubídea e Pálida.

já não acende mais nada.
Chorem as meninas,
as mulheres chorem,
o Bob[19] já se foi
e contigo a cantiga.
E quem dará consolo?
Quem é que terá colo?
Terá um fim o dolo essa vida subsolo?

[...]

De fora para dentro as cabeças vermelhadas,
hemorragias drásticas. Heurística pensada:
a adaga apossada não as pode libertar
mudaram o seu uso e a ode dos poemas;
a ordem dos poemas maculada se calou;
o rato do seu ósculo abdicou e foi-se
        — no esgoto suas trovas sob o chão
        ecoam os poemas pelos canos,
        ressoam só resquícios indo ao solo —;
e o mundo se fez mudo, viu cabeças sufocadas:
        saídas esquecidas;
        desprezos tão banais;
        a venda apertada ainda mais
        escapa ao pescoço, estrangula;
        saída pretendida:
        pescoço na janela pendurado
        enfeita de estrelas sujo quarto;
ao fundo o riso tonto muito longo do imortal
        o mal se alimentando do que é mau;
        se retroalimentando no seu pau;
        a larva decompondo a mortal;
a fim de esconderem camuflado nos olhares das meninas o seu véu
frangalhado aos pedaços pelas duras hastes nuas;
sangue escorrendo cedo lagrimado na tortura
do espírito pequeno
obrigado a crescer,
pois deixado pra morrer
como um animal ferido

[19] Referência a música de Bob Marley, "No Woman No Cry".

na cama,
na casa,
na vista,
debaixo das asas da mãe, a galinha
enchendo o papo. E as crias?
Nas garras do lobo.
Mas já fora ela estrela menina,
e na matutina vontade da vida escapar
montou no cavalo, rumou ao castelo.
O príncipe nem era sapo,
mas sim um enorme buraco,
um poço,
um fosso terroso, molhado,
tão bem adornado em frias correntes jamais.

E lá no escuro covil donde a vida fugiu
nasceram estrelas,
pequenas e parcas no brilho-intestino.
O breu varonil — animal hediondo —
de tombo em tombo a luz apagou,
a fé sem cabeça nem pé, no entorpecimento da realidade,
freneticamente ajustada aos brilhos artificiais,
escondendo a paz
simulando dor-desespero-silêncio
nas pompas dos drinks,
da música alta
do pó no nariz,
da erva fumada;
cifrões esmagando razões e emoções
projetando sonhos do quarto evadir-se:
— Só mais uma vez,
mais uma semana eu aguentarei
(enfiada a cara na lama-ilusão)
o estupro diário do ímpeto meu
não sucumbirei ao delírio senão...

[...]

Nãos se amontoam aos montes de Nãos
e não querem mais dizer nada.
No espaço escuro no fundo distante
a luz tão minguante, minguando o brio
inopera os olhos fagulhas visarem

— e cavam buscando esperança em si;
feridas rebentam a carne sem dó;
as lágrimas nutrem as dores da fé;
na perseverança do escape de lá —;
na ensimesmada ilusão
dos corpos franzinos, silentes,
em dor-abandono-lugar
pulsando a desolação.
Palavras a mente controla;
são fios de aço, costuram a boca,
rasgando a roupa desnudam a alma
e nua,
descalço,
no profundo frio
o brio simplesmente se faz
negrura perpétua,
tortura estátua
de adoração sempiterna
de alguma bondade a esperar.

Até Magalhães tão brilhante apagou.
O tempo cicatriza as chagas,
mas deixa feridas abertas na alma
debaixo das camas q'escondem segredos.

Ah! se as camas falassem
e os quartos soubessem bem como escrever;
se as luminárias incidissem luz nas verdades
tão dissimulada nos filmes,
revistas;
e telas pintadas;
vitrines de Amsterdã;
casas de show;
feira de peitos, vaginas e cus;
— provando de fato nos atos os tais animais —,
romantizando a dor eviterna ao tentar esconder
a bílis no vômito pela manhã, os ais
do longo lamento,
que desce ao bueiro, escorrendo cedo
inspira o rato amigo poeta
que cego aguarda poder ascender
acender estrelas da luz omitida;
cadente e cadentemente

estrelas caindo do céu,
num baile astral
e pelo salão numa valsa funesta
a ser conduzida ao fundo da terra,
        a sua morada final;
o túmulo faz-se o certo futuro,
        mas não o sonhado,
até dentro as noites sombrias,
quando a certeza espreitando sozinha
ansiava mais do que sabe teria:
prostituição pela carne e os vermes
        a cobrar-lhe-iam
o preço que o humo quisesse pagar.

[...]

O brilho apagado e pra nunca mais,
no vão cemitério de estrelas desluz.
        No frio do espaço vazio
os gritos na eternidade audíveis serão?
E há de encontrar um pousar as cadentes
e tão decadentes estrelas meninas?

Há um infinito que pedras derrubou das mãos,
        e as derrubará.
Seu reino de portais vazados
de sempre lugares pousar
na mesma e sempre eterna
a constelação, memória da cruz:
        Cruzeiro do Sul,
fincado no céu.

■

Perto do Polo Norte

P a s m e
ao desabotoar as flores no inverno!
Vem da sua ignorância as ideias vagas,
explicativas e teóricas
engendradas na literatura:
        estranhíssimas expedições mentais ao ártico
        caçando a branca raposa de olhos pequenos.

Ela percebe no centro sereno
tamanha escassez em você,
um ponto deserto cercado dos brancos silêncios,
        e para
— c a r a a c a r a —,
perscruta a toda intenção
        e foge;
há mistérios e você indigno é,
por tamanha pequenez.

As flores desnudas
desvelam o âmago congelado,
e as pétalas suas na neve escacam,
        todas de uma vez
ao toque da mão indigente.
Da raposa brotam cristais
dos pequenos oculares;
        e foge
        mais uma vez,
auscultando o uivo coronário da colina.

Ignorar ainda é conhecer,
de um jeito ou de outro.

À mercê do silêncio arredio, a raposa
        pensa quieta
sobre o grito da última pétala arrancada
na espe-
culação indigente.

"Por que matou a fome da própria consciência?
Por que matou a fonte da própria sapiência?"

Miríades de remorsos colorem a aurora boreal
nas cores indecifráveis da sua paleta vazia.
Tudo é branco em derredor:
a colina;
a raposa;
as flores;
como a folha branca de papel — ilegível.

Da colina espera a raposa seu corpo tombar.
Plácida pulsa a colina.
Sabe de antemão contar o tempo,
pois ela é
antes de o tempo contarem.

Na neve caído em delírio
asas faz para nunca voar,
e entende da ignorância o saber.
A flor está morta
seu âmago petrificado.
Implora à raposa
ruídos do uivo ouvido,
mas da colina emanam só parcos vislumbres
de uma aurora chovendo o verde das folhas.

CESSA O SUSPIRO!

Sincronizado ao dia você ressuscita.
A raposa, a colina e as flores fugiram.
Voltarei só contigo à urbanidade,
ao caótico e sempre
ruído-branco infernal.
Juntos daremos uns passos,
um, e por um, e por vez
até chegar onde
conscientes da frugalidade retida da fria viagem
sobre os sobres à uma distância de ti
e inalcançáveis por mim.

Diamante e carbono latentes no coabitar,
compartilhando existir de mistérios
aos ticos olhares da branca raposa,
aos pulsos marcados da branca colina,
aos tálamos coisas das brancas, as flores;
existiremos no outro
como um só (trincado) de nós.

■

Brinquedo

O brinquedo esnobado no lixo
vai ser alegria na casa alheia da outra menina.
Lá onde habita o bicho
de olhos gentis e gestos família
certificado na hierarquia ser o provedor.
Sabe camuflar as dores,
esconder o sangue usando alvejante
descolorindo do brio cores todas
ocultando pravo atitudes podres.

Submersa em magia
sai a menina de cena aos pulos
foge pra terra das mil fantasias,
e flora a mulher na angústia-surdina
num desabrochar de torturas parrudas
aos urros no tom da moléstia ardente,
grudada de culpas coladas nas costas:
um peso de não suportar por ninguém.

O brinquedo esconde segredos,
abraça a menina e chora por dois.

Soluça a menina brincando na praça
balança e deseja ser nuvem dispersa
até desmanchar-se em águas
correndo direto ao rio,
mas leva consigo sem trégua
a suja enxurrada da mão varonil.

O tempo enterra as águas da chuva
sufoca as mágoas na terra e turva
memórias: sangria daquela menina
nos idos desmemoriados.

A menina-mulher quis fingir esquecer
tatuagem-floral cicatriz encobriu;
não soou sua dor;
não ousou descrever;
assentiu a ninguém a justiça pra si.

O brinquedo na estante da sala
reclama de dia,
de noite:
— É tempo demais na estante da sala.

O brinquedo jamais se esqueceu
das noites;
dos choros;
daquela menina encolhida ao lençol protetor;
dos dias depois;
dos pais fingidores;
das dores;
do choro dos dois;
da menina saindo de cena — fugindo —,
buscando onírica terra — fingindo.

Reaprende o brinquedo a sua função
e mais uma vez, pensativo, se cala
permitindo a si cicatrizar
ao abandonar a estante da sala.

Volta ao lixo, esnobado,
levando consigo verdades,
sabendo será alegria na casa de outra menina,
porque o silêncio aduba a maldade.

■

A banana e o engraxate

Ela
a banana mordeu.
Com desprezo mordeu
a banana colhida.
Era verde. Amarela
nem quase a metade.
Apertenta que só!
Também sem cicatriz.

— É na feira que tem
as coxinhas de carne
de frango e de vaca
e gueirova ou jiló?

— Logo ali já se vê
bem na quina da rua
(na lápide fria)
um morto vendendo
mandioca-abantesma.

Do lado oposto
a dona acena:
— Saiu da fritura
vem cá pra ti ver.

Ela pede uma dúzia,
e come uma só.

O menino manchado,
sambando no pano
(lustrando sapatos),
aceita o presente
e come as onze
pingando do molho
secreto. Segredo
na caixa engraxate.

As doze então
a primeira visão:
O senhor de chapéu
nos sapatos brilhantes
vai cantar, vai pedir
a donzela amante
de banana na mão.
De joelho, solene:
ele pede, ela aceita.
E se vão, lá se vão
cantarolando anéis.

Feliz o menino tem mais um tostão.
Se fosse esperto fugia dali.

A feira chibata,
e hoje é domingo,
o santo na praça
vigia os errados,
sondando as trevas
das mentes doentes
dos pobres sem dentes
comendo pastéis.

Caiu de cabeça
de um escorregão,
na casca, na beira da esquina,
do resto que Ana deixou
dedando a promessa
de ouro de eterno amor.

O Zé Mandioqueiro
não pede licença:
— Vai virar coxinha,
menino levado.
Devolva os vinténs
dos novos casados.

E corre guepardo
mostrando o dedo
do meio da mão.
Esfrega o pano
de preto imundo,
o tinge de rubro,
vermelho furor
mesclado ao suor
da dura enlatada
labuta no arco
dos sóis que se vão:
nascer e se pôr.

Sim foge enquanto
o santo espia
por baixo da saia;
e a Dona e o xucro
seu Zé Mandioqueiro
escondem migalhas
nas lonas compridas
por pura ambição.

O chão pedregulho
da feira classista
os pés do menino
feriu pontiagudo
a última vez.

O bruto guardando
a curta entrada
soou ultimato.
Porrete na mão,
palheiro mascado
na boca mofada,
dublando medonho
chiclete quer ser.

Cuspidas no chão:
— Se eu vê-la secar
te quero além
menino tinhoso.
É daqui pr'ali
morrete pra lá.
Se eu te pegar
vai chorar manhoso.

No alto no morro
sangrando, bravio,
manchado menino
os braços cruzando
"banana" lhes faz.

■

Cotas para gente feia já

Não sabem dura vida é,
a minha cara carregar,
por onde quer que vão meus pés,
por onde quer que vão meus ais:
a mãe arreda a cria;
a polícia vai me prende;
só a cega me aprecia num milagre de natal[20];
cachorrada rosna, morde;
e a rosa, murcha toda;
os nãos para o emprego?! tantos;
o espelho fecha os olhos;
sol põe óculos de solda;
e a lua oculta face pra não ver meu eu *travez*[21].

Minha mãe na meninice punha pano nesta cara:
— É para o bebê dormir.
Mais mentira, mais mentia toda vez
se a pergunta, desta cara,
era alta e bom som;
tinha um jeitinho dengo:
— Que bebê mais bonitinho.

Ai saudade das mentiras,
as meninas feita em tiras
de enrolar o dedo a unha encravada malcheirosa,
feito a minha cara feia
dita "a prova do Diabo",
porque Deus até faz sapo,
mas um troço como eu
nem sequer vem do macaco.

■

[20] Referência a poesia Presente de Natal.
[21] Forma incorreta de outra vez.

Quem sabe se

Nesta noite amanheci tão louco!
Logo eu,
orgulhoso do quão são me fiz,
ao tentar satisfazer-lhe aos poucos,
pois se me endureci
— enervado em cicatrizes tolas,
tatuando pra afirmar em si
as miçangas de paixões singelas
como as pedras que eu recebi
no lugar das ilusões perebas
sob a lua a chorar em mim,
alapando sua luz sublime,
penumbrando o eu bem-te-vi
cantarolando assovios quase
afinados em um lá suave
(quatrocentos e quarenta hertz)
oscilando meus delgados flertes —,
foi por pura decisão insana,
mas tão branda quanto amar a ti,
porque torço o pano, o caldo e o osso:
que usei para limpar a tinta;
que bebi pra dar coragem tonta;
que engessei pra te fazer feliz;
redigindo em mim paixões celestes
como as gloriosas breves preces
entoadas, exigindo em mim
mil amares tais quais nunca vi.

■

Becos

"Do beco ele não sabe o solo".

É de ser verdade sua impressão,
porque nas vias urbanas suas
— da cidade pequena onde anda —,
não cabem os becos dos filmes,
os hollywoodianos,
dos becos sombrios
sempre empoçados pela água das chuvas.
Nem mesmo os de Corumbá;
se é que há algum por lá!
Não cabe porque esta terra é cara;
não vão desperdiça-la propondo um lugar de aniquilamento,
de união do escuro e da indigência do homem, como diz[22].

Da sua cidade fogem eles,
não pela imunidade ao mal
ou por não colar as sombras pessoais à pobreza local,
mas só porque não há um Bola Sete[23] lá
para fazê-los, para refazê-los,
tal como pretendeu com a biografia do orvalho.

Lá as prioridades são terrenas apenas,
elas são terrenas demais.
E do céu só esperam as chuvas
pra não-becos os não empoçar,
pra regar os solos dos breves sustentos,
infiltrar pelos solos procurando veios adregos
para então sopesar os porvires
— se há de enfeitar recompensas cabais.

Lá as prioridades são pequenas,
não se expandem corpo afora,
ficam no duro chão
quando as chuvas arredias se escondem.

---

[22] Sobre a poesia "Um filósofo de beco" de Manoel de Barros no Livro sobre Nada, 3º ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
[23] Personagem da poesia "Um filósofo de beco".

Solidão ninguém leva pra casa,
há poços secos para dispensá-las.
Ninguém planta solidões esperando colher esperanças.
Mas vem a chuva
ao acaso precavido ela vem.
Infiltra aonde não veem
adere a si os desprezos:
as partes de gente que a gente deixou para trás,
substratos melancólicos do gênio metabólico
        num solo sem argila separada
grão por grão pelos nãos e nãos,
nas venturas desatentas nas estradas,
        nos acostamentos mancos,
porventura onde a crença vai desmancha a pele em terra.

Sozinhas vão encontram veios castos
        — as águas das chuvas —,
percorrem caminhos sombrios, indecisos,
        por baixo da terra,
caminhos cavados pacientemente
ao longo das eras dos esquecimentos.
        E brotam sem qualquer plantio,
nas torneiras — as bocas —, nas larvas das moscas
dos ovos botados na noite, no sono,
do eu acordado desprezando gentes feridas,
        as próprias feridas,
um eu subsolo indigente
do eu sob o solo esquecido
desdenha o dom de a si aniquilar
        no beco salvar-se
        ao desenvolver novos entes em ti.

Os corpos se nutrem silentes
até a secura desértica, árida,
desidratados ao sol
estrela sozinha brilhando ao solo.

É a água que seca
(a alma deserta),
e mata o corpo que a desprezou.

■

Abster-se da verdade[24]

É covarde a escolha de abster-se
indo se perder num breve labirinto
— encucado dos presságios e desterros —
esnobando o desmazelo de importa-se,

tal ruínas dos segredados transatos
— excluindo do arqueólogo xereta —
pelo mato em meio a terra, os tesouros
redigidos nos rodapés dos contratos?

Ou encare o xeque-mate do acaso
feito pústulas pingando (mascaradas)
e corrompa as tais verdades abjetas,
acondicionando as gotas no seu vaso;

ou pulule as mentiras desenhadas
como a rupestre arte esquecida,
revelando as imagens do remoto
sob as sombras das ideias perpassadas.

Só inflija a dor que um dia suportou.
A verdade pode mesmo alforriar,
entretanto, os males (ácidos sulfúricos)
são intrínsecos no seu plano de voo.

Transfigure as verdades floreando-as
em aveludadas rosas escarlates,
e, por fim, entenda a relatividade
das mui vozes em sua boca ressoando.

■

[24] Último selecionado no concurso 35º Noite da Poesia promovida pela União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul.

Acordes na rua ao vento

Na rua queria tocar
o meu violão.
E não ter nas mãos
um puto sequer
pra qualquer refeição esquisita.
        Dos olhos
o choro quieto arrancar.

Sem brilho ou aplausos.
Sem nada...
a voz tão faminta esquecer na garganta,
tal o tolo em cima da ponte indeciso
no aguardo do anjo-da-guarda chegar.

Ao vento tocar
acordes mesquinhos:
um dó diminuto com quarta aumentada.
Ao desafinar,
rever as caretas,
se a lágrima ida é mesmo por mim.

Perder a moeda
caída da mão,
fingir um sorriso de canto, tardio.
Esperar o anjo seguindo os sons
de táxi ou de bi-
cicleta. Quem sabe?!

Buscar um olhar
complexo e gentil,
cabeça seguindo os dedos
acordes distintos formar,
daquela criança
burlando as rotas
somente na mente,
enquanto arrastada na rua,
        sonhos icnofósseis,
alentam o breve por vir.

Se toda a porta que abro
me leva ao mesmo lugar,
aqui me detenho então.
E o meu violão,
cansado e tristonho,
vai hoje dormir afinal.

E que ela me vele
a noite inteira.
Cabeceira
amanhã me acorde
somente se só
houver a criança
disposta a ouvir meus acordes.

■

Turrão

É preciso que me espere ao fim da estrada e lá pare.
Qualquer fim,
o que entenda,
é preciso lá parar.
Decididamente sei que argumentará o conceito,
que o fim jamais se alcança na estrada restringida,
se as pernas que o conduzem decidirem prosseguir
e provavelmente se convencerá na sua cuca
que os seus motivos hão de suplantar qualquer razão
        dada em minhas teorias,
        concebidas em teu colo,
entremeio as carícias mal curtidas nos afetos,
porque a sua sinfonia era de uma nota só.

Entretanto,
fundamento meu pedido em certezas,
na mais pura intuição
a par, inexplicavelmente,
do mais simples movimento,
de defesa, ou sei lá:
nos miúdos e inesquecíveis toques casuais,
alicerces das mudanças que estruturam as paixões;
dos olhares tão velozes mais ligeiros que um piscar,
mas suficiente em forças pra mudar se vai ou não.

Vá! E escolha seus motivos.
Mas é preciso que pare,
        lá no fim,
        fim da estrada,
onde o fim você encontrar.
Pode ser ao assoprar do caos no seu nariz certinho,
ou então quando uma nuvem escolher ser animal,
ou se o pirulito se extinguir tornando-se um palito,
ou se o papa decidir que Jesus Cristo não é Deus.
Não importam os motivos,
eu só preciso que pare,
mas que seja bem no fim,
ou então não o acharei.

Inacreditavelmente,
não pretendo que repouse,
antes, tenho meus pretextos
pra esnobar o nosso acerto:
em seguir a estrada adiante,
em segui-la até o fim,
de mãos dadas, anelados,
atrelados feito cães,
mesmo tendo antecipado:
"Concordância há?". Jamais!

Pouco importa,
vá embora,
e não pare, até o fim.
Vou lavar todas as louças,
passar pano pela casa,
a poeira acumulada:
espanar e espirrar;
na varanda,
no quintal
cuidar do nosso jardim
e alimentar os bichos.
Feito isso, partirei.

Mas sinceramente espero
que esteja bem no fim.
Se a sua teimosia me levar a outro canto,
já não sei se eu tolero ou se grito pelo mato;
talvez eu arranque as roupas
em protesto a decisão,
teimosia insistente, obcecada em contrariar.
Não se esqueça, traga à mente,
as promessas nos anéis:
na alegria ou na dor,
na saúde ou na doença,
até que a morte, ela a morte,
sem má sorte nos separe,
mas que não antes do fim.

É no fim que se encerra,
é no fim da nossa estrada.
Velha estrada esburacada,
pelos tantos sim e não,
pela sua indecisão,
pelo querer controlar,
tudo sim, tudo não,
sem deixar "à deus dará".
Incansáveis, tantos "há", que o "Já!",
espetado no meu bolo de aniversário solo,
foi da nossa vida assoprado pra se esquecer,
e do tolo de chapéu,
palmeando feito louco,
o desejo de um "Já!"
foi negado ao seu olhar
tão sisudo e general
que o louco enlouqueceu.

Mesmo assim,
obrigado.
Seu olhar se entristeceu
ao me ver sangrando molho de morando, mordiscando,
as fatias desprezadas do meu bolo sem consolo.

Se não conseguirmos concordar em nada, nada mesmo,
poderemos tentar fazer um *ménage à trois*,
entre Deus, você e eu.

Só preciso que me espere ao fim da estrada e lá pare.
Já estou indo,
pois de cá,
tudo é nada sem você.

■

Artista inculto

Lá vem ele perfazendo mais dizeres,
        já criou os céus e a terra
        desenhando-os na areia.
A maré amanhã cedo derribará a feitura
e o mancebo tagarela tornará recriações,
pois não crê, nenhum drama
poderá vir impedi-lo a não ir seguir adiante.
Entrementes, seu bastião
de vontades erigido
permanecerá fincado indo ao manto
        o *estamo* dos vulcões.

Antes tarde do que cedo
veio a descobrir na moita
um alvorecer sombroso:
o seu mapa céus-e-terra areou-se sob os pés
meteóricos prazeres do niilismo ocultado:
        fazeduras mão do outro;
incorporações da mente,
patejaram cada traço do artista ao natural.

Lá vem ele perfazendo cara feia,
arrastando as cabeças rabiscando a areia,
tinta *in natura* sangue
coagula em gostas lisas
enrolando grão a grão
acrescendo das verdades.

Todos mudos, boquiabertos,
moldurando a fogueira.
O mancebo explica sério seus motivos;
dão ouvidos, depreender as razões.

Vão dormir, exceto dois.
Amanhã haverá sóis
para alumiar a arte
que perene, ancestral,
        permanecerá eterna
        na eternidade sacra,
constrangida a ser do céu
dos espectros nativos
evaporando da terra
os espíritos antigos;
juntos, pactuam o mundo
recriado nas areias
margeando o rio das águas,
esperando consumir-se pra nascer das mãos *travez*.

■

Em fantasia adiante

Acordar sem pernas:
um sonho moleque-saci
caído da ideia na estepe
acerta no centro da cuca,
tonteia a Certeza matuta
que foge rumando à fronteira.
Tonteia indo ao desatino
permite o escape das veras
farinhando a pele na estepe
esquece *ondíkie* o rio.

E indo adiante
sem semente,
desregrada a Certeza
quer manter-me e meter-me
na balofa esfera, a pele,
retentora das minhas, minhas
singelas rebeldes idas
rebeldias adoçadas
pelas montanhosas curvas
escorrendo pela serra
nos dias de praia e rio
e castelos na areia.

Lá as princesas,
param ao doce meninote
(sobrinho da velha Vera)
esnobando um pirulito
leque-arco-íris-vento,
fabricando as marés
e, certeza, o pôr do sol.

E a tia Vera
bronzeada na cidade,
suas veras, sei deveras,
as suas veracidades,
enterradas na areia
embarcando nos vagões
do trem-onda vai e vem,
liquefaz-se em pleno rio.

Dormir nas rodas,
moendas florando os casos,
ressoados nas varandas
bem de tarde, a noitinha,
ao deitar do sol na cama,
na casinha da fazenda.
As palavras tão *linguadas*[25]
trepidadas aos tantos dentes
largueando os sorrisos
ou as murchas, bocas ocas
dentadura-desprovidas,
hão de se eternizar
como trapos de verdade
escolhidos pra tapete
costurados pra valer
proibidos de pisar,
feitos pra enfeitar paredes.

■

[25] Sinônimo de falado; produzido pela língua.

Do barro do Mané[26]

Tua birola[27] *azulinha* na minha
se cuspo além do que tu!
Se dobro a distância, eu dobro a aposta
coloco no rolo a mais preciosa
perdida por ti; lembras tu?
No dia onde veio o chorão[28] penteou
no largo terreno de 10 lá por 20
que a gente carpiu carimbando a promessa
a nossa somente, porque a do veio
sumiu, beleléu, lá foi-se
e sem pressa nenhuma.

E o campo sonhado, de jogar pelada,
tá todo só mato, de lata e bosta
dos tantos cabritos e os pés de mandioca
crescendo entremeio o Chevette acabado
gosmento de óleo, fundido o motor,
agora é casa de mais besouradas
que não bebem nada; o *véi* mentiroso,
o pé de manguaça tá bebendo cana
no Bule de Braque sem sua senhora saber da verdade.

Passou um passarinho
mais dois, e mais três: passaradas;
não sei por que passam asando.
As asas pasmam as pedras:
preveem assanhas passagens,
        assentam,
e, não passam nada.

O nome da rua, a nossa,

---

[26] Referência a poesia "Matéria de Poesia" de Manoel de Barros, do livro com mesmo título, publicado pela Record, 2001.
[27] Bola de gude.
[28] Também conhecido como salgueiro-chorão (*Salix babylonica*).

podia bem ser qualquer um,
mas é Januário Barbosa.
Ali se agarraram memórias, histórias,
cacos de vidro na rua: pegadas de sangue;
ano após ano formando meninos
na fôrma disforme da sina,
de esquina a esquina,
de campo em campo.

Os ninhos do joão-
-de-barro, joão-ferreira não,
curiosidade jamais dirimida:
a arquitetônica casa de barro:
o ninho dos inenarráveis amores;
na idade simplória, mas rica, mais rica;
a descortinada infância, o saldo pra vida.

Em meio ao calor infernal
momentosas sombras das árvores caras
no seu respeitável período.
Brincávamos: boca é iglu;
pedras de água (freezers no corpo)
na nuca, na boca,
na cara do outro atiradas.
Se há molecada na rua
quem passa às risadas sucumbe
ou larga a bronca da boca.

Aqui me detenho em pausa, Mané;
de antes, de agora em diante
tudo se pode vender no mercado,
e tudo é tudo,
mas alma já não vale nada,
pela ciência é física, química, biologia somente
o resto é coisa roubada da caixa baldia das aclarações.

Os corpos a preços *banânicos* negociados
são pelas ruas, sites, mensagens dos tais *zapzaps*,
de todas idades, cores, penugens, sabores, graças,
sem-graça[29] vulgos "não são de ninguém",
são de qualquer um, se há nalgum bolso tostões
ou porções estupefacientes: inventos do próprio Satã
erguendo discípulos em cortes, juízos e afins
pra legalizar o veneno nas veias, no fumo barato,
e alimentar a fome que come o vazio e não satisfeita
na atroz e rejeitada ambiguidade polivalente de sermos
tão naturais sanguessugas de nós,
retroalimentando os vícios
e perdendo força os suplícios,
o grito abafado de mais desespero;
e mais e mais vidas vão sendo esquecidas
jogadas na sorte do rio caudaloso,
mesquinho, barroso, faminto,
faminto, faminto, faminto.
Tudo é vendido, e mesmo o verde,
ainda nascente, corações meninos.

De tempo em tempo deixo-me —
nascer líquenes dos pés
aderindo a mim em mutual relação,
às plantas carnívoras adjetivas
devoradoras de verbos foliares;
e solto, imanente à abstração universal
das concepções celestes transfiguradas
nos divinais abeiramentos do céu à terra,
por infindáveis simplificações ramificadas
nas simbólicas representações,
desejos nossos de aprender
a hermética verdade estelar —
baixar às profundezas,
habitat do Leviatã poético.

Então volto e me vejo criança
a tantas ignorando, as coisas dos altos.
Ó doce herança perdida ao crescer.

---

[29] O mesmo que: sem nome próprio.

Os civilizados tupiniquins assistem cansados
de mãos, e bocas e pés amarrados —
pisarem, mijarem, cagando e andando
pra Letra da Lei, sujeita ao lado da cama
que o nobre ministro decide acordar.

Levando acima a cabeça, um louco,
empunha um estandarte
        sem cheiro
        sem gosto
        sem cor,
translúcido, vaza por ele a verdade,
trespassa a besta megera
salvaguardando os palácios.
Eterna, não morre!
quinhentos e treze são os seus braços
e oitenta e uma cabeças
com olhos sagazes, malvados.
O pobre-diabo esmagado
não serve de traste, mendiga a justiça,
o chamam de doido-varrido
varrendo-o pra fora, pra forca,
na força da camisa verde amarela de couro tortura:
camisa-de-força pra sádica noite
que o tal brasileiro, escravo no ato obsceno da urna
dedou dessabendo que dedos viriam seu cu cutucar.
— Pobre brasileiro! — ri o Proctologista.

Chega pra lá de falar,
mais politicagem só cansa,
preciso de ar; anuam às árvores
        fotossintetizarem
                borbulhas de esperançar.
Eu não sei, nunca vi alicate cremoso
talvez sejam feitos de polpa
de alguns abacates cremosos
se o pé de fruta
        "ali" eu troco por "aba".

Estrelas em lodo conheço as muitas:
Emily D.[30], poeta do norte,
do lado, o nosso, do globo terrestre.
O brilho atual não há o que precede,
fora velada em disfarce feito fantasma
(por que só de branco usava o gênio invulgar?).
Confinaram a luz sui generis, obliqua,
imanentemente tão transcendental,
num quarto isolado do resto;
do mundo isolada forjou universos
cosidos nas mãos pianistas, maestras:
imorredouras conjurações palavrares.
Gilka Machado, partindo cristais,
antecipando testilhas,
sensualmente e tão femininas;
devotos e castos espúrios, aos montes,
boicotes:
a faca afiada no cote o boi abateu;
a estroboscópica luz advinda de ti,
divinalmente Afrodite,
fizeram de conta esquecer
na Festa[31] das mais transgressões cariocas.

Estrelas fulgentes, espantos de luz;
as lentes vetustas, entenebrecidas,
visões embaçaram.
Estrelas distantes nascidas,
detidas no tempo, tocaram a nós,
no tempo exato da necessidade
dos seus clarejares.

[30] Emily Dickinson (1830-1886) foi uma poetisa americana, conhecida por sua poesia única e introspectiva, que desafiou as convenções literárias de sua época. Escreveu mais de 1.800 poemas. Embora tenha publicado apenas uma pequena fração de seu trabalho durante sua vida, é agora considerada uma das figuras mais importantes da literatura americana.

[31] A revista "Festa" foi uma publicação literária modernista que surgiu no Rio de Janeiro na década de 1920.

Agradeço ao Jorge, d'onde não sei,
por abandoná-lo, o livro
da pura essencialidade da bruta matéria do poetizar,
vertida da mente da mão de um nobre,
peão das palavras,
na demais planície alagada do mundo
o seu Pantanal:
fazendo
os amanheceres.

O que explicar
a tal lagartixa
e o tal sabiá:
é alguém que corre e anda e ainda não sai do lugar;
é alguém que alisa a cara pra ainda mais feio ficar.

Para o lixo vão humanidades também.
Vão humanos procurando restos,
restos de humanidade.
Restos humanos no lixo,
refugo da humanidade:
trocar sua joia de vários milhares
por dias de pratos em cores
na mesa onde o prato vazio
é branco-vazado-ilusão;
trocar seu iate de uso anual
por meses em cama macia
na casa onde cama é chão.

Repositórios os tenho, mas dependurados
furo-os e deixo caírem palavras
probabilisticamente ajustadas,
coisas estranhas que a mente compõe
são ilusões de realidades traçadas por quem?
De quem o silêncio provém?
Destroços do algibe da vida repleto
colho-os todos os dias.
Vadio sem rumo nas quinas da minha cabeça
e vagas receio encontrar,
pois ali perdido, embrenhar a alma,
mete-la no pote de barro antigo,
apodrecerá tal a água parada.

As coisas são jogadas fora
e levam seu tempo
no tal casamento com a terra.
Vidro? um milhão de anos;
Nylon? uns 30 ou mais.
Fósforos? somente 2.
Jornais? apenas semanas.
Plásticos? 4 centenas.
Homens? não dá pra saber,
pois se estou aqui.
Passou do meu lado alguém,
ontem de ontem,
não sei de onde vem
nem para onde vai:
vai e volta na minha moleira,
até que então ele não volta mais.
Talvez ele seja ninguém,
um certo alguém pra alguém.
Quem sabe é um anjo a ir visitar[32]?
E passam tantos muitos outros não sei quem,
e os vejo passar.
Eu no mesmo lugar.
Não passam os olhos em mim.
Não passo, os passos não tenho.
Raiz da escória fincado aqui
perduro eu sendo ninguém.
Sem chevrolé[33],
sem andorinha,
sem um lugar para minha poesia
não caibo em poema nenhum.

■

[32] Hebreus 13:2.
[33] Grafia empregada por Manoel de Barros.

Quem eu sou em mim?

Quis fazer cozido de certezas
daqueles se põe à mesa
e cheiramos bem profundo,
antes de experimentar.

Quis pensar tudo em minha cabeça:
os motivos pra não duvidar
dos caminhos que escolhi,
das certezas que não há.

Quis tantas palavras de apoio ouvir
tão fortes quanto dar as mãos,
me arrastando ladeira acima
suando junto ao meu suor.

Quis respostas curtas, todas prontas,
da mente a dúvida expurgar,
ter somente uma escolha,
deixar de canto as decisões.

Quis em tudo entender a mim
para saber então quem sou,
ao enxergar quem em mim há
e prever quem escapará
deste cárcere que é meu corpo
(o próprio me aprisiona em lodo).

Quis tanto que nada mais quis,
ainda assim não sei quem sou.
Sei não poder ser qualquer um,
pois assim eu não serei ninguém.

Mas no profundo eu sei quem sou.
E não sou a voz que grita,
nem aquela que se agita
para em mim não morar mais.
Não sou o eu sempre à janela
que um alguém a todo espera
ser conviva a festejar.

Sou a voz quase inaudível,
uma brisa em um temporal,
o tempero comedido,
o esbarrar na multidão.
Enterrada aos pés das outras,
sufocada entre os barulhos,
dos arbítrios de outrem,
permaneço ainda muda.

Sou a voz que me acalma,
— sou externa, não de dentro,
sou bem antes do meu corpo,
vivo antes do meu tempo.
Eu dissipo indecisões
conduzindo sem alarde
para eu ser quem eu já sou,
mas o havia esquecido,
pois disseram eu ser ninguém
e que a vida escolheria
quais de mim seria alguém.

Quis ser eu enquanto eu!
Fui eu e sou e assim serei.
Quanto aos outros que em mim há
nenhum deles serei eu.
Enterrá-los-ei em mim
pra ser livre em meu ser eu.

■

Sobre silêncios

I

A fonte dos silêncios secou.
Sem rumor verteu a última...

Fala num qualquer esquecido
e expecta as chuvas:

"Só barulho", "só ruído"
— a fonte acusa.

Rota antes da peregrinação
hoje poucas lágrimas.

Passou por lá um irmão
poeta das musas.

Colheu num frasco pequeno
silêncios sem curva.

A chuva não faz aceno;
secou o céu suas páginas.

Lágrimas secas num frasco:
grãos de silêncios ousam.

O irmão semeará silêncios
ao plantar os pés de agá.

"Plantei dois
pés de silêncio.
Meses depois
as mudas presencio
indizendo agás
umanamente."

II

A estante abarrotada
não tem uma folha sequer
a dizer simples nada.

E ainda insiste no quer,
por algum exemplar de poesias da mata
alega os versos fartos em lhufas ser.

As folhas arbóreas sim não dizem nada
caem ao tempo alheado, o de não gozar ler,
querem engasgo,
dizendo o lugar sempre seu é a estrada,
pois não compreendem,
o seu não-dizer é tão mais que dizer;
e as folhas da estante caídas ao chão,
pelo vento amigo tão bem misturadas,
não sabem que o seu vão esforço em não dizer nada
já foi expressado e não pôde reter
aquela autêntica essência do nada,
qual foge, esgueira nos rios e no mato
e vai se esconder entre os montes no alto
no circular culto das pedras caladas.

E as mais das guardiãs antigas
de natural forma tão evoluídas
a absorvência completa das sabedorias
do quando ficar com a boca calada
prensando a cabeça falante
ao nada somente;
somente ao nada querer.

III

Silencie as portas abertas à vista
e em sua visão em silêncio proclame
fechamento de portas silentes na cena;
inibidos seus olhos, se abra o silêncio.

É preciso fender os silêncios

silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio
silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio

e nas fendas os nadas silentes
as suas ausências, as silenciar;
esperando rangeres de portas
fenderem silêncios da mente
sem olhos a verem silêncio soar.

E se vá sem silêncios — portas afora —
a cura curtida em silêncio anuncie,
ensine o tempo da alma a si silenciar.

■

Banguela de amor

Queria suas feridas todas lamber
pra desculpar-me das mordidas proferidas.
Nutrir-me do seu sangue é recompor
o bem perdido,
pela inveja que é capenga.

Do seu coração roído nos molares,
os fiapos aderidos, o palito não remove.
Ingerir amor cru tem me sido indigesto,
mas cozinhar dor sem sal me é remédio.

Me atrevo a soluçar carícias esquecidas,
ou assustar-me pra perder essas memórias.
Construir quatro paredes sem porta
pode resolver meu paladar absurdo.

Não me ouso na crença da porteira.
Transpô-la
é comer cural sem dó.
Se eu trago vestígios de pegadas no barro, acredite,
erva amarga haverá para tempero.

Queria mesmo ser tal tipo vegano.
Receio que me falte coragem enxuta
para sobreviver sem carnais substâncias.
Comer o ovo do sossego
pode ser uma cura.

Nosso encontro tem de ser na véspera,
dia 25 preciso de muitos perdões.
Prometo ir enfim ao dentista marcado
e voltarei de lá,
sorrindo fofo,
banguela de amor.

■

Tá tão frio aqui

Estalactites de gelo ameaçam
de cima as nossas cabeças.
Entendo as todas, as tuas razões
e as intenções, aferros e mantras
pairando nas margens da fria caverna
ricocheteando no doppler efeito
rererrepetindo o mesmo, o mesmo, o mesmo
mutado, tão mal deformado,
discurso encardido, passado
da rede neural intrigante
pra boca infernal indecente.

Esperas a fala inquieta, constante,
mas só o silêncio a lhe oferecer
é que tenho, e é de remendos
de tantas miúdas e antigas friezas,
cristais deformados no vocalizar
do negro morcego saído da boca
de tu tagarela! Bem nesta caverna
impera o silêncio bramido no escuro
escorrendo ledo, sentindo calor
do teto acima das nossas cabeças,
de amor ressoando bem antes que tarde,
que cedo. Segredo é deixar que se vá
o frio bem vadio que outrora perene
agravos gravosos quis mais congelar:
lançados na funda (a língua rugosa)
rumando a testa (o estático alvo),
mira dos cegos morcegos sonoros;
e tantas menções desalmadas e vãs,
palavras faladas por dois ou por três
ou todos que tu recebeste a mais:
dez mil forasteiros do fundo do poço;
espectros castos, versados em dia-
logar com o mal, prever o futuro
usando as estranhas entranhas
do seu deturpado humor cerebral;
lá no pretexto pretérito antes
das pedras rolarem de cima do monte
tapando a caverna (prisão ressoante).

Mato o morcego. Mate o morcego!
Silenciosamente se o ócio da mente
se perpetuar em silêncio frequente,
abrace os beijos e beije os desejos,
deseje os abraços e abrace os beijos,
        fagulhas, lampejos acender-se-ão
        (do mais bruto e negro carvão, a fogueira),
        de fogo ardente vermelha as faces;
        escorre em gotas fruindo arrepios.

O frio de joelhos adora o calor
no templo onde o ouro anelado
circulando os dedos (passado sagrado)
penejou nós dois, tintando só um.

■

Cartas de não ler

A carta sim escrita a mim ainda não
chega logo mais persisto abrindo a porta
indo ao portão, na rua
        as faces perscrutando
vejo-a do início ao fim.

        Mas não vem, o carteiro.
Onde ele se meteu?

Angustio-me na ausência de notícias minhas
intrigantes. Quero (cardiológicos anseios)
ver, ler, ser meu E'utra[34] vez.

Irrequieto almoço as unhas,
bebo angústias com café,
sulco — agônicas passadas —
o mesmo chão. O mesmo leu
sem ter autorização
        alguns pensamentos meus.

O espelho repartido já não pode decidir
        se sou eu
                o Eu sorrindo;
        se sou eu
                o Eu aflito.
Cai o dado rebatendo-se nas bordas do lavabo,
escolhemos par ou ímpar.
        Haverá de decidir a sorte quem vai governar?

Durmo, ronco, acordo,
no banheiro os vejo outra vez.
        E o carteiro? Ou me esqueceu,
ou vigarista ao outro Eu
deve ele alguns favores,
e tramaram entre si cozer a mim dissabores,
já que o dado paranoico tem só número polares[35].

---

[34] Contração: Eu + outra.

O chão com pena,
da psique despenada,
conta tudo aos seus vizinhos
espalhando pelos solos
os escritos falseáveis,
são letras e palavras do alfabeto blá blá blá.

A carta assim escrita a mim espera
chegar logo, mas sujeita à vontade alheia
dobra-se ao não, na rua,
tal o ventre da baleia
que a Jonas[36] degustou,
esconde-se na bolsa espremida meio as outras
fofocando confissões.

Chegou o carteiro empurrando a bicicleta
veio arrastando a perna e gemendo sem parar,
o buraco entreaberto
sorridente abocanhou seu pé.

Tomei-lhe a carta
pelos sulcos escorri ligeiro.
Vi reflexos no espelho
o Eu sorrindo
afligido;
o Eu aflito a esti-
gmatizar
os percalços concebidos
nas grafias espontâneas
no ulular maquinário
da Underwood *number five*.

---

[35] Pensando aqui na representação polar ($re^{i\alpha}$) de um número complexo. Estes são números na forma $a + bi$ (onde a e b são números reais e i é a unidade imaginária, sendo $i^2 = -1$) e não podem ser classificados como par ou ímpar.
[36] Livro de Jonas, capítulo 1, Bíblia Sagrada.

Coragem não mais tenho mais
deixei-a ir pelo ralo
juntamente com o dado totalmente imaginário,
no banheiro dos espelhos
do espelho afastador
dividindo só por dois
pois os pares, mais adora;
pois as sobras, ignora.

E eu
de dois inteiros que me fiz
parti-me em dois pra ser mais fácil
facilmente me entender,
mas só dobrei o emaranhado
das emanações erradas
hipotetizadas nas filosofias das esquadras palavrares
perpetuando enigmático lampejo
das piores constrições que meti a escrever.

Piquei a carta
a tesoura afiada auxiliou.
O chão tentou um terremoto
demonstrando frustração;
derrubou móveis,
a parede de rachados enfeitou,
fez do espelho mil pedaços de reflexos rasgões.

O caos doméstico na sala na gaveta esparramada
um milheiro revelou, uma plantação de cartas.
Impecavelmente sem pecado nesta minha mente,
pois mentir não é pecar se meu eu me antecipa
na mentira pessoal, plenamente arraigada,
perco a possibilidade da mentira revelada
ao queimar as escrituras no alfabeto blá blá blá.

Algum dia
após mais luas crescentes
quando o verão amainar
quando o inverno ir embora,
farei um cachorro-quente,
e tomarei Coca-Cola,
digitando alguns e-mails
que não vão pelo carteiro,
não refletem no espelho,
ficam bem longe do chão,
são mais fáceis de apagar
e não serão confundidos
com pacotes do correio
de um certo bombardeiro[37]
decidido a inspirar
rebeldias
impossíveis de aprisionar num breve manifesto
indo extrapolar limites apagando discordantes,
como o eu
divergindo dentre o mim.

■

[37] Theodore John Kaczynski, também conhecido como Unabomber, foi um matemático americano, terrorista doméstico e autor anarquista-primitivista. Ele se tornou notório por sua campanha de bombardeios por correspondência entre 1978 e 1995, que resultou na morte de três pessoas e feriu outras 23.

Decisões particulares

Há tanto ainda lá fora,
mas estou repleta
não só do que lá fora há,
mas do que me completa:
peças brancas, *incontrastes*
(disfarce dos disfarces),
paralelepípedos sem margem
degrade de íntimas paragens
esmorecendo quando cedo em mim
espaços ao exterior entrar;
desenchendo
verto calma o que há cá dentro:
partículas incontestes das auto-existências
frenéticas,
vibrantes,
interioranas
amantes da praça das objeções mesquinhas
perto do coreto,
onde o medo entoa mudo atoa
poéticas canções às desistências.

Lá me vou eu indo fria, decidida
encucada amortecendo aversões
de carona nos mais breves, instantâneos
raios de solar destinos infringidos
caindo pela via tantos dos pedaços meus
descamo-me
e abro-me a ventura.

Acolhido o riso alheio,
meio vazio
meio cheio
meu peito dói nas circunstâncias das escolhas.

Brindo abraços, comparências,
ouvidos servientes a ouvir,
voz-brisa chilreando as lacunas
pondo a balançar meu dengo
        na rede dos tecidos
partes minhas, partes suas
costuradas na libido:
        interstício do não ter e não querer.

Atiro da sacada, sacana,
        o corpo meu;
plana, plano,
os braços longe ao peito:
asas tentáculos, salva vidas
        as todas elas vividas,
uma por vez na descida as apanho.

Caindo arrasto vastas circunstâncias
introjetadas no absorver exteriores
        incompatíveis,
        supérfluos,
inerentemente esclerosados,
evaporando pelos poros
sangue gota pinga sangue:
        suor de rosas negras
furtadas dos jardins auriculares.

Aproximando ao solo e só
pairo nas asas translúcidas da certeza:
        o que há em mim basta.

■

Na falta e na posse

É que a falta me toca bem mais que a posse.

Na falta a lâmina é muito afiada,
a cota de malha checada à exaustão,
respira-se o foco: vencer a batalha.

Na posse as armas largadas no chão
liberam minhas mãos para o despojar,
distraído e obtuso não vejo além-mar.

É que a falta me toca bem mais que a posse.

Na falta eu semeio o futuro alimento
em diversidade pesando as tormentas,
e rezo aos santos que zelem o tempo.

Na posse festejo na mesa a fartura,
nos embriagando das bênçãos do céu:
co'os amigos, tais pulgas no pelo do cão.

É que a falta me toca bem mais que a posse.

Na falta eu fumo um paieiro de pé,
andando com o dorso da mão na lombar,
cismando o passado, propondo o futuro.

Na posse eu sento co'as pernas pra o ar,
cochilo à toa pra tudo esquecer
e acordar ao cheiro do grito: — Jantarrrr...

É que a falta me toca bem mais que a posse.

Na falta eu costuro as próprias feridas,
cauteloso secando o exsudato seroso
pra deixar emergir a cicatrização.

Na posse eu tenho mui pares de mãos
adornando as feridas pra o tempo curar,
não permitem que a dor apareça ou dure.

É que a falta me toca bem mais que a posse.

Na falta eu sonho a vida esperada,
olhando ao longe por cima do monte,
ao desatentar o caminho pisado.

Na posse eu vivo o sonho previsto,
o sonho sonhado do eu acordado,
não o tal ofuscado no cerne do ser.

■

Farôfino

O Caos bateu na porta e perguntou:
— Eu posso entrar?
Mostrei-lhe a casa aberta e disse:
— Já esteve aqui.
Franziu a boca, coçou a cabeça, mostrou não lembrar.
Pedi-lhe com jeitinho:
— Vá embora *véi* gagá.

O Caos se foi senil, contando os dedos e dizendo amém.
Perdido na esquina as três luzes ascendeu.
Buzinas, gritos ai, "— Filho da piiiii...", "— É a sua mãe...".
O cachorro mendigo, Farôfino, o acudiu.

O Caos fez um barraco ali perto fixou-se.
Dois meses se passaram e o pobre faleceu.
Pegou-lhe a Madrugada pelas pernas: congelou.
Morreu contando aos dedos
(1) casas tantas rejeitaram;
(2) mantas várias renegaram;
(3) coisas muitas desdenharam;
(4) tantas casas rejeitadas;
(5) várias mantas renegadas;
(6) muitas coisas desdenhadas;
(7) casas tantas, mantas várias, coisas muitas;
(8) casas várias coisas, tantas muitas mantas;
(9) coisas muitas casas, mantas várias tantas;
(10) rejeitados, renegados, desdenhados.

No olvidado obituário do Jornal A da cidade
eu paguei uma notinha que escrevi de coração:

> † **CAOS DO FARÔFINO**
> Comunico com pesar a partida de um amigo. Nesta sexta-feira Santa há de se nos despedirmos. No altar a céu aberto no parque municipal, às 3 horas e 50, bem será seu funeral.

Foi comigo para casa, pois o frio já se exibia
o parceiro Farôfino, falando os 60 dias.
Arrumei-lhe uma manta e as coisas num cantinho.
Conversamos noite afora
sobre o frio que faz lá fora;
sobre como é dor lá fora;
sobre a fome que é lá fora;
sobre a pouca luz lá fora;
sobre eu não ser lá fora.

De manhã o seu cantinho já estava mais vazio.
Com a cara amarrotada e um bom café na mão
rumei para o trabalho no aperto do *busão*.

Farôfino na esquina um saquinho carregava.
Suas pernas agitadas. O seu rumo definido.
— É o entregador de pão. — Disse alguém. Eu não sei quem.

Sinal verde. Lá fui eu.
Farôfino não mais vi.
Recordei o seu sermão:
sobre tudo que há lá fora;
sobre o que não há lá fora;
sobre aqueles,
os de dentro e o modo deles
verem fora.

■

Carências explícitas

A mendicância me oprime a ser mais tola.
E aberta a arca dos afetos deixo-os pleno a vista sua.
Nua escancaro pontos fracos,
modos de dobrar-me origami
a enfeitar a sua estante mansamente empoeirada,
espanada lá no quando esquece,
quando lembra o livro qual conhece tão somente
do seu primário capítulo.

Sem segredos
muito cedo vai se enfastiar da tola.
Brota a chuva.
Cai a flor.
Flora a chuva.
Chove a flor.
Cai a chuva.
Brota a flor.
Chove a chuva.
Flora a flor.
Porém nada lhe espanta, lhe apanha a atenção.

Faço suco de limão com cubos dos meus gritos congelados. Verto do meu sangue pra engrossar docinho de morango. Tempero seus bifes com as cálidas cadentes lágrimas. Lavro as emoções pra adereçar a biblioteca branca. Passo a noite abertos olhos faço o corpo meu, seu cobertor.

As pílulas nas caixas entreabertas não revertem,
torno-me a depender das mais carícias suas
(elefantes brancos, mochos, surfando no mar da lua).

Mas entendo, compreendo,
mesmo finjo apreender:
é difícil ser você.

De ti vazam coloridos todos tons de amarelo
ante espero
os efeitos medicais,
        pois moída:
corpo, mente e gordura de emoções,
ei de ser a claraboia suja do seu *hall* de entrada.

[...]

Quando ao voltar pra casa eu prometo
dar-lhe-ei amplexo amplo e complexo,
dar-lhe-ei um extintor
caso queira amainar o ardor da arca a inflamar a sua sala predileta.

Vou — mudando no caminho —
a um país bem distante
burilando meus segredos novos
        quais os guardarei
trancafiados por mil chaves
espalhadas pelos cantos
deste planeta redondo;
        e se acaso vindo a ciclicidade desta vida
vir se deparar comigo,
os segredos nas memórias suas (cinzas mortuárias)
não serão mais que memórias suas de uma tola antiga,
de imprestáveis formas tão inúteis por ti carregadas,
        porque eu,
        Fênix serei inconcebível,
irreconhecivelmente sobre ti pairando em asas.

■

O violino e o bandolim

O violino malcontente
faz-se outro, range os dentes,
mas não soa ao bandolim
do seu modo seco, duro:
parco som resiste pouco,
evapora-se mal chega ao ouvido de algum tolo.

Mas insiste o violino
na modinha dos amigos
e mediocramente vê-se
no espelho deformado
que a sua efígie inata
desreflete o ingrato ser que a natureza fez.

Quebra a vara o violino,
fende o braço, quer uns trastes
esnobar o seu tempero
pra desafinar depois desprezando o vibrato;
        ser nas cordas cutucado
pelo plástico nos duros dedos,
dores palhetando.

Da aberração sinistra sai ruídos:
        gato espichado o rabo;
        faca no prato de vidro;
        obturação do siso.

Já não mais serve pra nada,
antes fosse o violino
reprimido musical,
q'este troço de madeira
        coisa feia,
antisonoplasta abu.

■

Sombras parabólicas

Que sombra é essa lição,
pois lerda, austera me guia?

Num rastro de vã harmonia,
marcando o chão,
vai ela sem direção imbicando,
seguindo cadente a monotonia
da sua amparada missão,
sem brilho. E em cada via,
há sabedoria estranha
em simples ações aforradas.

Avançam, esvaindo o brio,
mas deixa, por trás da lambada
um traço, talvez, infeliz abraço,
que o mundo não vê por querer:
é cego dos pés.

Movendo-se, paira, ensina
o tempo, a espera da sombra.
Na sua esfera bem tudo se inclina
com calma divina, esquiva da sorte.

É a vida sincera,
sem pressa, mas bela,
que o mundo impera, sorrindo infantil,
no ritmo certo, sereno, alternado
no curso terreno;
as lições afloram em cada demora.

O instante é pleno, sem hora,
e diz a história na mais bela forma:
a mente adora o ser.

Em cada avanço na noite ou na aurora,
há força que mora no breve balanço
do seu lento passo. No fundo, demora,
e o tempo evapora, se esvai...
mas segue no espaço
a curva que traça
com brilho, com graça, disfarça
o corpo na dança na terra se lança:
pois sabe a verdade afinal.

A plena rotina ao chão se apega.
Nada se nega da forma que inclina
a força tão fina a vida carrega
as almas sinceras ao mundo sossegam
na curva do espelho o fluxo habita
em cada jornada,
fixa; não-fixa.

A lição repete no passo da trilha,
há sempre as estradas tortinhas
sumindo por detrás do morro
é a vida sagrada se indo.

E ao fim, na partida, a nada se apega.
A história largada marcada da vida
e a terra ungida alarga o rastro, sem carga,
e o eco sim vaga, vagarosamente;
em cada lembrança, deixando esperanças
no tempo, na dança no perto abraço.

Nas breves andanças a alma avança
no rastro ela cansa de o sal perseguir
e quer derreter-se, ser leite a contento
de onde virão os motivos.

■

Reclamante orelhudo

Pobre sou eu em mim.
Estava ali, tranquilo, comendo capim
e um estalo usurpou-me a paz.
Não sou eu capaz de desforrar
as marcas temperadas no lombo,
porque de tombo em tombo, arrefeço-me;
ineficaz tento, pelejo, e assim esqueço
de aspirar, incansavelmente, ser Pegasus então,
ainda que tal elevação, não sei mesmo se atinjo.

Canso eu em ser assim.
Rústico bruto carro do Sim,
sempiterno amontoado, nunca digo um não,
pois a mão que maltrata simplesmente à toa
não destoa o intento do cuidar raivoso,
intrometido como um mimoso animal caseiro,
o qual invejo bem grosseiro, mas não me iludo,
porque meu desejo é mudo ante a ilusão
que me detêm num alçapão de cobiças perdidas.

Penso eu ser como anussim[38],
pois dócil, fui convertido a ser em mim
um maquinário bestial quase incansável,
entrementes, desejável. Embora, não soe meu relinchar
tal o imponente alazão a cantar, resisto ao mundo
assentado em meu dorso imundo pelo desmazelo
largado sobre o meu pelo, que água limpa desmerece,
porque meu dono esquece que poderia eu sentir afago,
pois quieto trago a servidão, que pesa um mundo de fardos.

[38] Judeus convertidos compulsoriamente ao Islã ou ao Cristianismo.

Lembro da cruz, o sangue carmesim.
Por ele a salvação veio, e não foi para mim.
Mas tenho orgulho, porque meu longínquo ancestral
carregou o Deus carnal para adentrar Jerusalém
e, embora eu diga amém, para este dia triunfal
no mais sublime, e sem igual, lá não estarei.
Porque bem sei, que o tal Jesus um dia voltará,
mas num cavalo branco montará. Pois até o justo
mede o custo de intentar reinar sobre um jumento.

■

Vou-me embora vou

É carne.
Depois carne e osso.
Após, só osso.
Então pó,
enfim
nada.

Nada não tão nada assim.
É nada de matéria,
nada de pegar
cheirar, pisar, lamber
e coisa e tal.
Mas é um *tantão* de letras;
talvez,
se o ente extinto o fez descrever.
Ou telas desconexas pintadas:
memórias do "se foi".
Fotos ou foto em movimento:
capturas fixas de momentos sempre.

A chatice sua, o chulé,
o chinelo arrastando o pé;
o peido mudo heim!? sob o lençol;
gritos desproporcionais;
velas acesas: romance a entregar;
parcos sabores, profundos os gostos;
mão na cintura, cabelo enrolado na mão:
contorções;
clímax;
cansada a respiração ruímos na cama;
tempos de cara de porta fechada na fuça;
tolices camurças vermelhas em pó.

A sujeira sob o tapete
encontrei
e lá deixei
juntar mais das tantas lá iguais.

O tiro na têmpora põe fim nessa dor,
pensei.
Quis calar desamores malsãos,
mas só despertei a ira da saudade.

Hoje minha amiga, ela não separa:
de negócios à parte, dessabe,
entende só de aporrinhar memórias tolas,
mas não as todas, toldos protegendo-me do sol
(luz de pele em câncer aprimora as dores idas);
então *chóro* arrependida,
e *chóro* mais,
a noite toda passa vento cabisbaixo
e embaixo da terra você
quieto.

Quieto! repito: psssssssssssss.

Dedo na boca
sem sedução.

Adeus amor de medo todo tosco
vou-me embora desta casa,
incendeio as dores todas:
anagógicos pesares,
bem ou mal
sei que os idealizei
abstratamente à superfluidez do sobre-humano.

Morro como a mim morreste tu também,
o teu corpo:
carne,
osso,
pó
e nada.

■

Mecânico amor

As máquinas amam as quinas
(os ângulos retos):
        sofás
ao modo isopores e caixas forjadas em bom papelão,
mas escolhem labores;
são más as máquinas são
nas suas escolhas mesquinhas
— de tão aprazíveis na pele-metal —
reconheço-as admissíveis,
        pois sendo tal ilhas
assim, mesmo assim as abraçam o mar.

Elas sangram o óleo viscoso:
a tinta interna
in vitro da vida tolhendo ruídos.
Sem usurpar as colheres alheias
não querem da fome do outro,
        da sede estridente
vir estimular os engasgos fatais
quando o ar toma forma palpável
confunde a língua e traça destinos
os certos — não cabem nenhum decimal.

Embora se saiba milênios atrás
a Dona Ferrugem mais persistirá
        se o óleo não lubrificá-las por dentro
        se fora o desleixo deixar envolver,
por tantas ausências das manutenções
das cotidianas ações dos cuidados sutis.

É preciso cuidado nos dias ruins.
As máquinas sangram nos dias,
nas noites assim
quando sons de sumiços preenchem o ar,
e a fábrica fica vazia
        sem som;
        sem tom;
        sem com.

As máquinas amam também,
e de lubrificados os seus corações,
por mais engrenagens trincadas
        a virem encarnar,
poderão não desesperançar
insistentes na sua função
nos rangeres mantendo o brio
        só folgando nas caixas
a espera de longos labores
forjados de amores
dos de não explicar,
e na mesquinharia vulgar
        exigi-los aos dois.

■

Inhec inhec[39]

Um dia. N'outro dia.
Num carrossel de dias.
Os dias indo e vindo
um a um,
dois a dois,
três a três,
no quarto, bate e volta.
Ricocheteia nas quatro quadras do quarto quadrado,
e enrosco no *rosco*, porque eu já não sei mais sair.
Meu corpo lançado
nas quatro paredes
macias e amigas,
pulando, pulando
no inflado balão,
pulando, pulando
até se cansar;
rebate a cara,
estende-o no chão,
levanta num chute
aos cantos, enquanto
eu canto alegre,
cantamos alegres,
em coro (o tolo),
em terças e quintas
deixando as demais
pra escada cantar,
aquela escrita
(cristã e fingida)
nas pautas da mão,
desarmonizando
(sinuosamente),
a fria canção
cantada no escuro
no velho porão
(parido do des-
colorido inflado balão
de pular pelo ar),

[39] Poesia inacabada.

oculto na casa
por tantas mentiras
cravadas na mente
e no coração;
porão antiquado
rebento da alma
(rebelde debalde
nos penduricalhos
um dia encalhados:
pregados na orelha,
trespassando os lábios,
cintilando o grelo,
dolorosamente
revolucionários;
alma adolescente
de pernas pra o ar,
cabeça pra baixo,
talvez insurgentes
sem qualquer razão,
ou então, por que não?
por mil e trocentas
agudas razões
fugidas da mente
riscadas das notas
ocultas em pó
guardadas sozinhas
debaixo da cama
buraco mais íntimo
que algum cobertor),
querendo ofuscar
o brilho imanente
soando na boca
que tem de calar
no escuro e sombrio,
o porão;
e tremendo de frio
no porão;
tal é pleno em vazio,
o porão;
aceito o desafio
no porão;
abandonar navio?
(o porão);

não darei mais um pio
no porão;
nem em lugar nenhum.
A escadaria regente
nos leva apressada
rangendo aos passos
(antiga ranheta
do limo porão),
entoa harmonias
pelos quatro cantos
de noventa graus,
deixando as quartas
enfim ressoar
num eco sem fim:
os gritos infantes,
mascarados bem,
e os pius na gaiola
desejando auroras
tal luz pela fresta,
se esforçam, se apressam
lumiar no quarto
com toco de vela,
o quadro quadrado
refletindo o espaço
que alguém almejou:
um abatedouro de concepções
debulha utopias, frangalha ambições.
No teto um buraco
nos dá esperanças
ao passar do sol
rumando à aurora
pintando arrebol,
arrastando a lua
(sua sombra no escuro),
pois certo esperamos
em cima do muro
alguma festança
pra ensopar a boca
molhada, mas seca
(palavras se gaseificaram no ar).
Não posso falar
das tardes à toa,
que embora tão boas,

nos sonhos trazidos
na brisa singela
nas tardes silentes
tão intrometidas
vazando as frestas
(os livros guardados
um dia esquecidos
no fundo empoeirado,
um mundo verbal
de estante erigido
e papéis, e cordões,
pra ideias unir,
conservar utopias,
onde, mas onde
uma só, se somente
uma só mente pia,
ancora em coragem
[dissonantes pios]
as demais em harmonia);
as tardes à toa
não soavam bem
aos donos do centro
de mil diversões;
de cem mil dispersões;
de um milhão de ilusões,
do eixo do mal,
que sob assoalhos
estocam a nós
o gado faminto
(bem alimentado,
mas tão malnutrido)
comendo migalhas
os restos das mesas
as sobras dos áureos
palácios da nossa
altiva e central
capital, capital;
fincado, o espeto
empalando a alma,
perfurando entranhas,
rasgando na sanha
as pregas vocais
moídas no açougue

supremo dos deuses
terráqueos togados
da *terra brasilis*.
Sem poder falar
eu corro a esmo
sonhando escapar
da macia prisão:
de múltiplas cores:
se eu fecho os olhos
e calo a mente
e deixo os livros
apenas na estante;
de cores cinzentas:
se eu abro os olhos
e as páginas toco,
e deixo os pios
(me contrariando)
em mim entoarem;
eu corro e mais corro
em volta da casa,
(será o destino?)
em voltas e voltas,
no meu pula-pula
vazio de espaços,
lotado das tralhas
que a mente compõe:
entulho de crenças,
de tolas mentiras,
repetidamente
contadas lá fora,
enquanto a fumaça
se espalha no ar
fazendo fantasmas
trazendo ameaças:
cosendo as traças
entradas, buracos,
motivos macabros
penetrando fraco
(imperceptíveis)
desejos, estados
de espera almejados;
visões intrincadas
trincadas no sol

após moldação
nas mãos do mandão,
fingindo artesão,
fazendo esculturas
ocadas de ecos, tais cocos
seletos, bem selecionados
pra um único fim:
cocada grudenta
na boca adoçar;
desprezando a água
a casca e o oco
que ecoaria em
todos os cantos
pelos quatro cantos,
cocantarolando,
verdades debaixo
ebaixo da casa
a baixo o assoalho
no *aixo* do corpo
ao *ixo* dos pés
no *xo* desse chão
e o *o* da minhoca,
voltando ao oco ou a oca,
contrai, se finge de morta;
por dentro dos canos
levando fluídos
a todos os cantos,
cooptando santos,
crianças no escuro,
prometem certezas,
certézam[40] promessas
lorotas, balelas,
e balas ardidas
ou dedos melados
de terra-escrementos
da oca minhoca.
Fantasmas, os Bardos,
sentados na roda
em volta à fogueira

[40] Como se fosse a conjugação na terceira pessoa do singular do verbo "certezar".

cuspindo fumaça
no breu do porão,
relatando histórias,
que ouvimos calados,
desacreditando,
mas acreditando,
porque duvidar
nos tira de lá,
do quarto quadrado,
o quadro enjaulado
nas quadras pintado,
a casa albergue:
famígero lar,
retratando os sonhos
que alguém almejou,
e o vil senhoril
(o dono do centro)
tão bem escondeu
em baixo das tábuas,
também usurpadas
da escadaria, que ria
cantando o riso,
escaldando o rio,
aguado em tristezas,
afogando as nobres
rebeldes ações,
tão emudecidas
nos olhos grudados
por tanto viver
abaixo do solo,
na boca cosida
por grossos arames,
arames farpados,
fardadas pra guerra,
farféu desalmado
sem armas vou lá,
na voz eu tropeço,
com grito nos olhos
a guerra começo.

De tanto falar,
berrar e chorar
e me comportar
tal adolescente,
qualquer piedade
derrama. Inflamada
ateia o pavio no porão,
        e as páginas queimam
        os verbos estalam
        fagulhas de histórias
        daqueles que enxergam
        pra fora da alma
        do próprio porão,
        pensando horizontes,
        construindo pontes,
        piando os espaços
        os campos e pastos
        pra onde fugir
        cultivar os sonhos,
        plantar utopias
        regar as verdades
        as próprias e não
        aquelas contadas
                incutida à força
        lá fora, lá fora, lá fora, lá fora.
O dono,
        o vil senhorio,
num lampejo de graça,
        o preocupa a fumaça
        atingir os seus pés
        e queimar suas peças
        de asfixiar, então abandona
        a velha escada
        ranheta encruada.
E fugimos de lá,
        do porão;
e trazemos sinais
        do porão;
e não me esquecei
        do porão;
e de lugar algum.

As pessoas vão,
vem, vão e vem,
vem e vão, e, vem;
vão, vem e vão,
vem, vão e vem
indo, vindo,
rindo vindo
findo o indo,
lindo o vindo,
zuniiiiiiiindo o
perniloooooongo
looooongamente
a meeeeente
meeeente o "ãoooo" do nãoooo
ou o "ãoooo" da mãoooo cansada,
que a perna magra esmaga,
a asa da desgraça,
a graça desta asa:
baixa e sobe sem dar pausa
sobe o tom mais uma oitava
tonteando o labirinto
iiindo, viiindo e zuniiindo
bem no pé do meu ouvido
ou viiindo bem no meu pé
no pé do ouviiido renhiiindo
as hemácias pra gestar;
e indo, e retornando
e sem parar, à toa vão.
E batem, batem
e trombam, trombam
sobre as suas cucas
elevando o pensamento
eletrificando os gritos
e os olhos fugitivos
frente ao sacolejar
correm da pancadaria
circulando reto no
circunvalado espaço
o retângulo de aço
gradeado não impede
de saírem de entrarem
como a lama nos atraí,
tais porcinos a fuçar

badalando feito sinos
para lá e para cá,
swingando os suínos,
balançando o traseiro
não balança o que há atrás
fossa a frente, e fremente
sofre a mente; põe no cofre
o enxofre inconsciente,
inodora o focinho
miasmado pela lama
mia asmático, tal lhama
tentando imitar um gato.
atoleimado na lama
porcocavadeira cava,
cava vala lá na lama:
o coveiro, tal cordeiro
que Isaac imaginou
— substituí-lo monte
acima, bem na fuça
do seu pai Abrão —
inocentemente fuça
fuça o chão, a cara fuça
escarafunchando escarra
lama presa na garganta
ruminando a terra aguada
esperando pelo sino
alertar: "abatedouro
te aguarda *beaconzinho*".
E as pessoas tombam,
destombam, *retombam,*
tocam tambores
cantando às chuvas;
tiram as tampas
e colhem as águas;
abrem os braços
e exigem o sol
pra secar as ruas,
nascer carnaval;
e socar a mão
nos seus tamborins,
batendo os tam-tams
nos tantos e tantos,
e também nos tampos

que impedem a verdade
aos ouvidos chegar;
dia após dia
imitando o relógio,
em voltas e voltas
até se cansar,
até chacoalhem
os seus ideais
movendo as águas
que a cede esnoba
e estorva somente,
turvando a clareza;
pensar em parar
de tanto rodar
(pião desalmado
girando em delírio
as vis rotações).
Igual o girassol
hipnotizado
no brilho do astro,
não mede cansaço
se vira em seguir.
Tal como a gente
hipnotizada
no brilho dos bens
esquece o que tem
para mais perseguir.
Esquecem as beges lições
que os tic e tac esmaecem.
E as múltiplas luzes
e os tantos sabores
soterram no fundo
num mundo profundo
da mente que um dia
no sombrio e vazio
no porão mais que frio
construiu intricadas ações:
liberdades nos campos;
verdades nos ares;
vontades nas águas;
desejos no fogo.
E a luz que brilhava
do lado de fora,

só vista das fretas
delícia sonhada:
de olhos fechados
pensavam o vê-lo
nascendo, aquecendo,
lumiando o escuro
de fora e de dentro
da alma esganada
nas botas do dono
que os abandonou.
O sol não é mais
o astro de outrora.
As luzes do parque
calaram sua voz.
São tantos barulhos
e luzes piscando,
mandíbulas em mo-
vimento perpétuo
comendo sem fome
falando sem ter
qualquer algum algo
ou algo qualquer a dizer.
Não pensam jamais
porque se pensassem
fugiam dali.
Porque não percebem
que o vil senhoril
a estátua erigiu
em pleno deserto
(a antiga floresta
desertificada
enquanto adoçavam
a nobre e obesa
a velha de cima
do globo terrestre,
derretendo o preto
das peles atadas,
bem acorrentadas
nas suas funções,
suando na sauna
em meio a fuligem
na queima insensata
da cana, a doçura

também amargura
no mesmo lugar;
até a brancura
do açúcar brotar),
proclamando ser
o tal salvador,
aquele esperado
e profetizado,
imitando a história
deturpando a história
porque só mentir
de hoje em diante,
não basta jamais.
E seus descendentes,
não mesmo em sangue
mas nos ideais,
constroem à sombra
das ambições idas,
mas ressuscitadas
de dois em dois anos
em tantas promessas
calçando inverdades
ornadas de sonhos
melado em cristais,
os mesmos que outrora,
em sangue e suor
tiraram de nós.
Dizendo que são:
a tábua no mar
pra o caído do barco;
a gruta na serra
pra o exposto à chuva;
a árvore no pasto
pra o punido ao sol;
Não dizem que são:
o vento bravio
que o barco virou;
o clima sombrio
que trouxe mais chuva;
o sol arredio
que exagera o calor;

A roda Golias
de cima a baixo
voltando em volta
do mesmo lugar
no chão a voltar
rangendo, inhec
inhec, rangendo,
enquanto o moleque
no seu moletom
esconde moléstias.
Moralmente insano
só quer da menina
os peitos tocar,
e um beijo roubar,
porque é ladrão
se candidatou
a ser presidente,
e vai escolher
os rumos docentes,
indecentemente,
nas indecisões
caídas, da mente,
o safo Caim
irá imitar.
E a roda girando
girando, inhec,
nos mostra ao longe
o sábio horizonte
que sempre distante
vai distanciar
os nossos delírios
quando ela voltar
(a roda girando
inhec, inhec)
ao seu ponto A,
que é feito no chão,
de onde começa,
onde a porca come,
e a pressa interessa,
e onde as coragens
só nos pregam peças.
A roda que gira,
mas nunca se vai.

A mesma história
no mesmo lugar.
No ciclo infindável
        as repetições
calejam e tramam
cansaços constantes,
preguiças colando
as almas nas camas
que não querem mais levantar.
Nos deixam o cheiro
sentir um cadinho
pipoca quente,
        no tempo esfriada
        e, mesmo gelada,
servido em carinho,
        embuçada, doce,
        tal uma granada
        recheando a rosca,
nos faz esquecer
que a nossa vida
é sempre voltar,
ao mesmo lugar
de onde saímos
no chão nosso ninho
onde os pintainhos
sim, aprenderão
        sua sina, uma sinta
        no lombo, a educação,
pra não converterem
seus braços em asas
fixar a desgraça
deixar que se vá,
a mesma desgraça
mostrada nas urnas
onde o vil carrasco
está a sorrir
junto aos aliados
os eternizados
nos ternos ingratos
vestindo os coveiros
que não nos enterram
porque seu viver,
        depende nós.

E girando tonteia
e gira os tontos
cravando seus pés
na frente das lojas
dos shoppings e feiras
(mercadologicamente
hipnotizantes)
dizendo o trajeto
impera a sua vontade
e a nossa vontade, a alheia,
jamais lhe importa;
na porta atrás se escondem
pra nos assustar
parar em sufoco
o já estressado
o nosso cansado, afobado,
coração ingênuo,
vendendo a cura —
"sem qualquer efeito dos colaterais" —
no dobrar ali, ao lado daquela lojinha
piscando as luzes
das cores artificiais
do pacto arcaico
tingido no céu.
E aos tantos inhecs,
quais podem alguém revelar,
pingam do óleo prescrito
inodoro, incolor, copiando a água,
mas sem aceitar a mistura;
no parque não pisam seus pés
pois fogem pra onde os nossos
não podem e jamais entrar:
        por que contamina?
        por que se apropria?
        por que nossa sina, não é?
porque "na real" escancara,
lança às claras
as tantas fraquezas,
        as hipossuficiências,
a necessidade de nós
que somos milhares
e podemos pôr o seu reino ao chão.
Porém nós estamos tão inebriados,

lutando a pagar pelo "carro do ano"
as roupas tão caras,
viagens pra Disney,
e mais soterrados em tantas parcelas;
pensando em como gastar os milhões
que um dia na "sena" iremos ganhar;
queremos,
intento atrás de intento,
sermos tais eles,
porque são tais deuses
detendo o poder que as posses lhe dão.

Os cavalos de olhos vidrados:
espetos de carne,
mas sem o calor,
e sem a fogueira,
as chamas vermelhas
estalando estrelas
pequenas em cores
escondendo o câncer
no lance empedrado,
esquecido ali
embaixo dos tantos
focinhos
e mansos
caminhos
sonhados por tantos irmãos,
que nas suas mãos
têm velhas canções;
encaram os rabos
partilham a força,
a força centrípeta
que o próprio capeta
(o mal encarnado)
ali alojou.
É a velha estaca
que nos faz girar
no mesmo lugar
com a fuça no rabo
cheirando de lado
metano exalado...
Sem poder fugir!
Sem querer fugir!

Sem saber fugir!
Talvez Josué[41]
— o velho guerreiro —
parasse o sol
e a lua também,
tocando os tambores
que a chuva invocou
que o tempo parou
pra ouvir o clamor.
Mas copernicano
que somos e estamos
e como os sapos
saltamos e erramos[42],
vassalos que somos
amantes da modernidade,
o sol ditará os nossos caminhos
e arrefecerá na noite soturna
a sorte noturna, mas sem o calor
do dia, da areia desértica clara,
histérica, por viver de solidão,
em pleno deserto:
os dedos na areia
também já desenham
alguém a dizer:
"desperte os desejos
por mais ilusões
por tantas miragens
tal fumo enrolado
em cordas atrozes
que amarram o cavalo
no próprio lugar;
amordace as fuças
pra não relinchar
cantando esperança
que os libertará".
E ver tão somente a visão desenhada
a bunda do outro bem na nossa cara,
— É assim!

---

[41] Bíblia Sagrada: Josué 10:13.
[42] Referência a poesia "Eh, como outrora era outra a que eu não tinha" de Fernando Pessoa, do livro Poesias Inéditas, Editora Monte Cristo, 2013.

Por "assim" o que quero dizer
é que calem as bocas
e finjam sorrisos
e gostem do que há pra ter,
e gostem do que há pra ver.
Contentem-se mudos
rodando em volta do centro
presos na roda escravista
usando o cobreiro invisível,
visível porque nos ditaram o ser
dizendo insistentes
bem onde é o nosso lugar;
que é de rodar, de rodar, de rodar
        gerar energia,
(equinos moendo a cana)
conduzindo a carga no lombo surrado
e cicatrizado, montados por tantos fingidos de santos[43].
— É assim!
Pois assim, de "assim" em "assim",
lá se vão calejados eu e você,
e também descentes os nossos
        nascidos no parque
só sabem no parque viver
sua vida que é parca.
E fomos ao longo dos anos
assoreando a personalidade
a nossa a pura
        a identidade,
mesclada as todas
tornando-as iguais no fundo dos rios.
E agora que somos as cópias malfeitas de nós
não há discernir evidente
só mostram os dentes sorrir,
na cara pintado o sorriso
        estático, fixo,
sinteticamente estampado
ao brilho dos olhos
        da dona criança
        as filhas dos donos da nossa herança

[43] Verso plagiado da poesia Antifé que liberta.

atrair todo sempre pra o lombo lisinho,
polido por muitas as bundas patronas
sentando em nós de dia, de noite
sentando em nós
        enquanto rodamos
sentando em nós
        enquanto rotamos
sentando em nós,
        dia após dia os tontos
de tanto voltear o centro prisão
rodando, sorrindo, rotando, sorrindo;
chorando as vezes, ainda rodando,
as vezes chorando, mais ainda rotando.

O neném chora, chora e chora...
        — violino arranhado ao pé do ouvido —;
a mamãe consola,
e o pai se esconde
no distante horizonte
ao modo do sol.
O neném ignora
as regras mesquinhas,
        a carpintaria,
o mundo enquadrado
no esquadro disforme
conforme as vontades
dos reis, os herdeiros,
        parindo as leis
        nas casas mundanas,
        onde as prostitutas
        procriam as pedras
        q'esmagam os crânios
        e enterram os sonhos,
                sufrágios sepulcros
                trocados por dentes
                        — arcadas dentárias
                        usadas somente
                        pra localizar
                        os pobres famintos —;
        no novo aterro
                — antiga lixeira —
        lugar ideal
        pra um parque montar,

ou um circo, quem sabe.
De posse da carpintaria
os tantos coveiros,
na casa das leis,
mamando nas tetas
da cega guerreira
ou bunda-ficados
no plano palácio
enterram de tantas
maneiras sutis
as nossas vontades
de querer fugir.
Os pés das crianças
levantam poeira
que empoa a pipoca
de terra sabores,
dos gostos terrosos
dos sonhos no solo;
alguns foram solos,
mas outros grupais,
solvidos na mesma
mentira forjada enquanto
a menina tentava do pravo
padrasto escapar.
Apalpa os ouvidos
os gritos agulhas,
o inhec inhec
das voltas e voltas,
que a cada outra volta
inhec outra vez.
E o samba enredo
já se vai distante,
levando alegrias
deixando certezas:
as mesmas tristezas se repetirão,
porque tão tristonhos,
vestidos de preto,
encarando o luto,
as voltas e voltas
irão aceitar.
Mais aceitarei,
voltear o centro
cavalo alado,

de asas tolhidas
(o pinto no lixo
na casca do ovo),
voando em volta
da mesma carniça
distante o mesmo
diâmetro sempre,
na circunferência
perene, infinita,
enchemos o papo
de putrefação.
Cavalos disformes,
formados na fôrma,
forjados nos pés,
pisados na terra,
não feitos de barro
nas mãos Senhor,
mas pisoteados,
e apedrejados,
pra nunca alçar
um ousado voo.

O menino do parque
baixinho me disse:
— Só quinze minutos —,
mas me esqueceu.
A garota almanaque
se abriu a falar
aspergindo o riso
ao balançar no ar
o vestido florido
pintado à mão
pela mãe displicente
de olhos no chão,
e ouvidos atentos
ao sacolejar
das tantas moedas,
talvez mais que trinta.
Talvez sendo Judas,
eu aceitaria
sua tal decisão.
As mesmas moedas
dão corda ao brinquedo;

já não é segredo,
a fascinação
no áureo prazer:
de ter, possuir.
Trocar inocência
por mais tilintar,
por mais algum peso
no bolso esquerdo
onde o coração
devia pousar,
devia pulsar
o seu coração,
mas sem melodia
na palma da mão,
perdendo o compasso
dos seus tamborins,
lhe sobra o centro
correr só em vão
(o cavalo preso
no vil carrossel,
não ser o corcel
montado pra luta,
mas tão só um burro
de carga, de dor,
que expele rancor
e merda no chão).

De rodar já cansei!
O sol eu vi se pôr
e o pai se esconder.
A poeira inalei
na pipoca ao comer.
E os ouvidos tapei
pra garota ouvir.
Tudo vi, e ouvi, e cheirei, e senti...
e de novo, inhec;
e de velho, inhec;
e de agora, inhec;
e de agora, inhec;
e de velho, inhec;
e de novo, inhec.

E entendi Salomão:
bem embaixo do sol
é inhec inhec
e sempre
inhec.

■

O pianista

O manco dos braços dedilha o piano
de um jeito só dele, talvez ninguém saiba
se é ele o mesmo que toca que aquele
comendo com a cara enfiada no prato,
pois saber comer com talheres nos pés
é de tal absurdo insensato.

A sola dos pés
        em cima da mesa,
os dedos dos pés
        nas brancas e pretas
tropeçam arpejos, apogiaturas,
quiálteras saltam em duas oitavas;
tremula o arroz, entorna no colo,
o bife inteiro, a faca, não pode rasgá-lo.

(A tia esperança tolera
        a sobrinha arteira: a perseverança,
correndo do dia a noite
não cansa, parece criança soltinha
brincando com cinco amigos, em dobro,
amigos ligados que só ela vê.)

E falam e cantam os pés
        do manco dos braços.
Eu não acredito, eu acho,
na evolução das espécies,
então o insensato sou eu.

É pura inveja a minha,
porque desisti de os dedos tocar,
os dedos da mão tocar o piano.

Os tenho em 10 quantidades,
perfeitos, tão bem afinados na evolução,
mas não sei tocar,
        e os pés
só comem poeira.

Bem antes de o sol ir embora
        prometo
pedir o perdão aos meus pés;
        pelo pouco-caso,
        por tê-los usados de casco
        e pelos descasos,
porque é a mão quem escreve
e na sua história, portanto,
        é ela que é sempre a mesma,
a mesma atriz principal.

■

Monólogo

Sangro amarelo doído
e a lâmina
acutila-me
— acuminada forma.
Escudo me é de espada,
pois feri-me ela sem fé,
em o nosso ancestral ritual transgride,
desavindo-se a crucial lei:
dilacera-la,
apara-la em retenção;
a escolha objetiva é sim,
e por isso então
ela me fere.

Não haverá coexistência pacífica;
em nós habitam porfias
afinadas na Podologia estapafúrdica
ao engendrar — solerte — barganha siliconada.

De hemorrágica condição esgoto-me,
e se houver piedade escondida,
poderei clamar misericórdias.

Em agonia urdi elucidações de verdades e consequências,
sem jogo duplo expliquei em pausas bisonhas:
"a cobra pica o rabo, então morre".

Meu escudo; antes proteção.
Hoje arpão do meu destino.
— Morreremos juntas, pois não serei podada jamais. —
Disse-me ela enquanto adormecia eu.

Pensei ter-me reanimado no céu,
mas era eu; só eu na terra.
Ela extirpada cedeu seu lugar (ferida minha).
Outra virá e tempos haverão para ensinamentos puros.
Jamais regressarei aos antros da Podologia
esta ciência nefasta da discórdia.

Nossos problemas problematizaremos nós
supondo caiba em mim a tua sina.
Não quero puxa-saquismos descabidos
"antes só" (meramente) obediência a lei:
podas bissemanais cogitando higienes esperáveis.

Sim! Sobrevirá a dor sobre ti.
Sua dor imprescindivelmente materializar-se-á em proveito a
[esquivar-me da minha.
Ou dói em você,
ou ser-lhe-á o destino da outra o seu.

Interessado em furtar-me das lamúrias anfêmeras
pela divina imposição da função cabida a ti,
aquiescerei que chore,
mas tão só nos dias de poda,
e nada mais.

Poderemos cultivar uma amizade sólida,
desprovida das velhacarias inflamadas
incutidas pelos dedos tronchos
quais quiseram-nos fazer sangrar.

■

Outro não haverá

Disseres haver tempo de sobra a dar generosa
semeando aos campos sorrisos
— pequenos milagres —
brotados sutis sem ter hora marcada
em um derradeiro momento suspenso
dos mais importantes a mim infligidos
no tempo. Ao tempo dos desesperares
quando meu corpo caiu pendurado
num único fio amarrando o corpo ao dentro
por ele tão ignorado.

Quis desprezar o de dentro, porque eu não pude tocá-lo.
Me avisastes sem pressa, respalde,
timidamente sorrindo
— pequenos milagres —,
sobre eu ser imbecil;
mas néscio estando imergido em mais pensamentos
achei tão sincero (mãos dadas ao vento) ter entendido
de tudo, de todos, que os tolos são outros
e eu, porque materialista me fiz, sou um iluminado.

Ristes tão alto deixando de lado a tal timidez;
vi o teu siso (a bocarra aberta), então entendi:
porque o sorrir contagia, e, sendo os humanos
os únicos seres na terra brotando sorrires,
há de haver algo de especial, e é dentro que há.
Sabendo não ter eu o tempo que sobra em ti
aquiescerei aos sorrisos apreender mais sobre mim,
me lendo cá dentro, pois fora o espelho revela,
mas dentro tão só
— pequenos milagres —
far-me-ão entender.

■

O Rei do Reino do Nada

Eu sou o Rei do Reino do Nada.

Minha coroa encrustada de sonhos
demonstra a desalmada realidade
dos elaborados projetos bisonhos,
esfarelados com rija impiedade
no trecho das pedras vulgares
não evitadas por tola hombridade,
pois os pesos da coroa não salutares
desenfreiam em mim a vaidade.

Eu sou o Rei do Reino do Nada.

O meu trono foi erigido no tempo
pensado pra dissimular os reis bedelhos
que fingem amar aquilo que é destempo,
mas deixam sorverem as ilusões nos espelhos.
De pé alei meu longo cetro cor ouro,
mas nenhum deles se dobrou sob os joelhos
entoei a velha canção do tempo vindouro
esperando, temente, erguerem-se em parelhos.

Eu sou o Rei do Reino do Nada.

O meu cetro é uma longa bengala de papel
colado pelas lisas púrpuras lágrimas caladas
nas noites sombrias de mui estrelas lá no céu,
ofuscadas nas memórias das idas passadas;
ocultadas sob o chão por mil forças varonis;
aguardadas para serem, uma a uma, soterradas,
pois traduzem os desejos amoldados feminis
numa súplica cruel de aparências engodadas.

Eu sou o Rei do Reino do Nada.

■

Antifé que liberta

É no lombo surrado e cicatrizado,
montado por tantos fingidos de santos
amigos mendigos, em seus megafones urrando inertes
[vindoura esperança.

O ânimo presto; joelhos calados
na trilha trilhando a promessa dispersa,
em vão penitente, fugindo indeciso do seu repertório
[legado ao chão.

A fé se despede, ladeira abaixo,
deixando os amigos arriba clamando.
Expulso do clã, procura sozinho onde possa enfim
[almoçar um cuscuz.

A igreja badala, ressoando o azo;
as doze mordidas a prazo na bala
tão adocicada, permite ao romeiro seu prato salgado
[ofender sem chorar.

E a cruz em palito de dentes torcida,
reduz a antifé aos seus pés calejados,
o torpe cajado, apoio robusto atormenta ranzinza as
[ovelhas do amém.

E na romaria, os pés curupira
mais antagonizam que os adjetivos
lesados no lombo, no ombro onde sua idosa
[hombridade, um dia, se foi.

Vê face a face, sorrisos avessos;
a frase é a mesma, anosa e cansada,
guardada em armários, o baldo salário quitado em
[moedas que não valem mais.

Martírios e cantos, aos cantos perder,
a paródia olvidar demolindo a paróquia;
as emulações e os tristes enredos, torná-los segredos ao
[seu próprio eu.

Voar como pipa aos tapas do vento,
no centro das mãos da criança Jesus
nos céus sem adeus; sem ripas no lombo, no tronco da
[praça onde brotam as fés.

Não ter holocausto, mas misericórdia,
a pomba eximir do seu sangue doar.
Mas que o espírito, o santo, que é livre, em seu lombo
[possa, quietinho, pousar.

■

O Marechal cagão

A guerra lá fora espera ansiosa.
Bem dentro de cá, os olhos se encaram.

O Marechal de mãos na cintura
faz duas caretas e corre em disfarce.

Sentado no vaso defeca enxurrada,
se limpa ligeiro e lava as mãos.

Voltando à sala do alto escalão,
encarando os olhos, sozinho decide:

— Lancemos as bombas! Eis nossa missão. —
Ajeita o quepe. Virando as costas, retorna a cagar.

As bombas despencam do aéreo orifício:
no alto o B-52.

Abaixo, clarões os repartem os corpos
feito a diarreia do condecorado,

que a morte decide (esfíncter pulsa),
como dar um peido, mas sair cagado.

■

Fases

Hoje estou cansada de você
e você não percebeu.
Mesmo eu,
tão cansada de você,
tal um cacto fingi
um abraço pra dormir.
Mas você não percebeu,
        o meu eu,
mais cansada de você,
encolhendo-se malsã,
no deserto bem só meu.
E você não percebeu
o cansaço no estado:
        eu cansada de você;
me cobriu de beijo e a manta
ajeitou ao perceber:
        frio; vazio; deserto; noite;
        eu cansada de você.

Hoje estou saudosa de você
e você não percebeu.
Mesmo eu,
tão saudosa de você,
tal pelúcia exigi
um abraço pra dormir.
Mas você não percebeu,
        o meu eu,
mais saudosa de você,
espalhando-se bem sã,
desejando o que é meu.
E você não percebeu
a saudade no estado:
        eu saudosa de você;
ridicou o beijo e a manta
arrastou sem perceber:
        frio; vazio; deserto; noite;
        eu saudosa de você.

■

Perdizes

A lama moldou pés pretéritos:
quereres próprios teus
dos pés indo ao porvir,
legando hoje aqui
as pegadas tuas.
Observo-as dissolverem-se
nas limítrofes difusas amalgamações
        do barro;
        da grama;
        da lama;
        do pasto;
em pé de milho sendo eu
plantado ao pé da estrada
liquefeita nas trapaças temporais
impedindo conhecer de ti
o trajeto ensimesmado.

Desenraizo-me segurando a mão do vento:
        de quatro,
                de joelhos,
                        de pé,
calço tuas pegadas
e vejo-te vendo-se em mim
perdizendo o espichar das sombras
pinceladas do deus sol
arqueando: Leste a Oeste,
atolado no solar sistema
mente o seu trajeto,
como mente o alor teu,
pois que sendo eu tal tu
posso às claras perceber
teu andar: Oeste a Leste,
tua sombra encolhendo
(baixa-mar, volta ao vai),
e recolhe as incertezas.
És antônima, percebo
agora e hei de confiar
nas passadas ao futuro
qual passado imaginei.

Pedirei ao espantalho mais conselhos,
feito as serras guarda histórias
poetadas em cadernos.
Ele pede sacrifícios:
        alguns pássaros ariscos
        imolados aos seus pés.
Lhe concedo...
debulhando os milhos todos,
os atraio a arapuca.

Seminu então percebo:
os teus passos verdejantes
ontem mesmo os pisei,
mas a mente confundiu-se
sobre onde iam os pés
sobre onde ir os pés
sobre onde irão os pés.

Me limito ao barro seco,
        fora dele
desvanece-se "você":
puro impulso trapaceiro
quer que eu a siga em fé,
mas a bicha não domei.
E se eu ao sol não for
virá ele ao meu encontro?
Como andastes tu outrora
no escuro, na penumbra,
tateando os pés nas sombras?
As pegadas já são frias
(tua voz codificada:
pé direito, pé esquerdo)
perdem-se na madrugada
a chorar orvalho puro.
Quer humedecer o barro
preparando minha cova
onde irei reflorescer
vigiando as pisaduras
como "O Palha" ensinou.

Enraízo-me apoiado a mão da terra,
espreitando os revezes desfolhares
teu regresso pela rota,
tua trama parabólica,
o olhar de canto figurando
não me ver pensando perseguir-te.
        Inerte faço-me,
também tão pouco útil.
De bilontra tu já foste suportável,
entretanto, maluquices bem nutridas,
te elevaram à objeto desejável.

Passa tu e logo passo eu também.
Fico aqui e ficarei:
        alma
e
        lama,
atolado qual o sol
em um pêndulo invertido.

■

Jardineiro solitário

Há um jardim deserto dentro de ti
e uma fonte de estáticas águas
secreta, envolta em luzes
fingindo que é sol em supino,
a meio caminho do mundo
de fora de ti,
dos olhos, nos olhos
do eu curioso e sozinho
(menino pensando o caminho),
lugar onde é certo que há
um "Há"
da sua fonte jorrar.

Vê-te olho vivo fechado,
o outro só finge enxergar.
Sua luz sol raivoso se diz.
Acalme-se e apague essa chama,
se inflama e queima, se faz cicatriz.

E mova as águas por entre as tréguas,
lágrimas lânguidas dentro de ti
as deixe a fonte jorrar para fora
por dentro dos olhos só seus.

Abra as tramelas das tramas,
inunde o caminho e cante,
clame ao menino sozinho,
c o n v i d e - o
às flores plantarem.

■

Dia de escapar ou não

Das escapadas raquíticas de ontem e depois,
tive orgulho imenso.
Nos orvalhos pulei dois espíritos brandos,
amigos meus de outra hora,
feitos por laço grosso — no depois —,
daquelas peças britadeiras trincando-me até espatifar os meus
[intentos cerebrais.

Foram eles de alto a baixo arrastando lustres apagados
e então,
embrenharam-se na escuridão afunilada
donde escapar sem choro era muito improvável.
Preso por dias sobrevivi sorvendo gotas parcas de orvalho
mas doce,
açucarado como o pé do doce do moleque:
a receita da vozinha, em eras preservada,
para manter em riste, mas de fato enganado,
os desígnios internos trancafiados no escuro mudo mundo
a r t i f i c i a l m e n t e afunilado
só nas intenções mesquinhas dos espíritos dolosos.

Cansados,
obtive rasteiro meu sublime êxito na dormência deles.
Pulei coelho branco — ao seu modo silencioso —,
rastejei *desafunilando-me* também,
e soltei sem dó:
larguei na roda as escórias partes minhas,
e de lá zarpei magro, medindo os passos aquietados,
abafando os meus egos e remorsos.

Na colina fria e quieta o silêncio arrebentei.
Feito lobo bobo astuto, muito menos precavido,
de uns uivos áureos vivos
implicância experimentei
como quem "tô nem aí".
Fiz da lua um troféu, lampião e carretel donde as linhas do pulôver cada uma retirei; luminosas linhas sacras, lumiando, clareando pulsos largos das tensões
descabidas, ou talvez justificáveis pela fúria indecisa,
pela incapacidade de pronunciar perdões.

Remendei a minha saia, pois saí dos algodões
transformados, reformados, face ao linho bifurcado,
rumo aos tantos uivos gratos da matilha a convocar rebeldias, embaraços, sem ter graça ou esporas; sem cabeças nas sacolas, ou tortura, mas lembrando os velhos gritos, dos históricos gemidos, lá do tempo aprisionado pelos dois brandos amigos.

[...]

Pois que a vista das montanhas,
vorazmente inalcançável,
foi um soco na barriga, um tabefe estatelado.
— Só cansaço —
previsões dos pés descalços
vendo a caminhada à frente
vendo o quanto pela frente caminhar há tão somente.

Desistido,
mando embora a matilha
indo os uivos e a lua,
indo som e lamparina,
indo as linhas luminosas de coser apostasias.

[...]

Na colina fria e quieta o silêncio abracei.
Fui forjei-me afunilado pra caber bem ajustado,
sem justiça descabida por cumprir missão antiga
bem farei dos velhos gritos, como um bom fiteiro o linho
dos pulôveres rasgados eu os retificarei.
Haverei de perdoar o imperdoável,
dia a dia:
não as tramas e torturas,
nem o doce caloteiro,
muito menos o orvalho, qual bem sei não é do céu;
mas eu sei a mim, eu sei a mim, a mim perdoarei
pela covardia impregnada nos meus ossos na carcaça nesta cara tão sem graça, neste ser "não poder ser".

■

Sobre o amoldamento do ser

Há sons vindos de tão longe detidos em mim.
Outros ouvidos também os devem ter em prisão.
Há sensações que estes sons despertam em mim.
O que outrem sente com esta mesma apreciação?

Consigo bem lembrar de singelos momentos que vivi,
ou vislumbrar futuros soflagrantes que posso conceber.
Porventura nesses átimos lá esteja quem não vi!
Aquele que provou do mesmo passado que o meu ser.

O âmago é a fundição secreta dos esboços d'alma,
que exprimem as reações aos sons do autêntico Eu.
Embora muitas respostas sejam retidas empalma,
se as abre, desvela a voz singular do espírito seu.

Dentre as facetas inventáveis na gênese de nós,
solfejamos reles notas da harmoniosa sinfonia,
destoando o meu canto quando se encontra em vós,
pois diferenças estorvam uma uníssona melodia.

E dos caminhos a trilhar ando naquele que está,
distinguindo distante, que vem em minha direção,
pois os sons que recebeu não foram os que recebi lá.
Antagônicos seguimos até me estender a mão.

No caos musical ressoado das múltiplas vozes,
um elo originamos arpejando um solitário acorde,
perdendo no trajeto as palavras que nos tornam algozes,
das discordâncias espaçadoras que arranham nossa sorte.

Na unidade as discrepâncias cessam como a tempestade,
e eu apelo com insistência para que perdure assim,
pois somente seremos uno se formos pela metade,
se eu calar todas as notas de ti que dissonam em mim.

■

Vagabunda escolha

Pode ser melhor então nada fazer.
Tão escolha quanto qualquer outra é,
posso dizer seguro
entre as famélicas dúvidas de outrora.

Fazer nada!
Se for factível tal feição
ou, de antemão, pensar assim
covarde, mas prudente,
sobre evadir-me das decisões potáveis.

Nada fazer:
catártica escolha;
(com café, rosquinhas e coberta no sofá na tarde preguiçosa quando o sol se esqueceu e a brisa fria corre feito a menina pelos quartos no encalço de unicórnios no escorrega-arco-íris)
encaixar-se-á em mim como
luva de adulto em criança.

É...
Fazer nada.

Diga-me Fernando:
"Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates"[44].

■

[44] Excerto da poesia "Tabacaria" de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa.

Ed pitar

... de um maço de cigarro saco três bebês de câncer
fumaço os pneumáticos engenhos alveolares
torcendo a juventude a espremer lhe gota a gota
nas louças das inexprimíveis faces fracassáveis,
plungendo[45] os resquícios da aurora cintilante
melada entre os dedos (azedume indesejável)
retidas na espuma *detergêntica*[46] da coisa
metida entremeio as lambidas fumegadas
na palha que já fora pé de milho na campina
mais enrolada às folhas de tabaco se transforma
em nuvens carbonadas efluindo dopamina,
prazer dos perecíveis junto à boca nas tragadas ...

■

[45] Gerúndio do verbo plunger. Defino-o como: desentupir por meio de pressão exercida em uma superfície, obtida após movimentos sucessivos. Em inglês *plunger* é um desentupidor de encanamento.
[46] Relativo a detergente.

Descer rolando

Alameda descendo da Pedra Redonda vai lisa sorrindo
não sabe se há de esperar
o chão ou o mar,
ou um fundo sem fundo
um há despencar.

Rejeitar esta queda ainda mais sendo sensata
não burla cair na roubada dos nobres joelhos ferirem.
O são, pois porque no altar de oração conectam:
homem e deus,
o homem o sendo tão elementar nuclear criatura de mim,
bocado divino,
e eu feminina pelejo,
sem dura armadura a me proteger,
rolando da pedra abaixo
até senhor solo me abrace carente q'estou.

[...]

Não é bem assim.
Exagero!
As lágrimas descem com facilidade.
Rolando elas e eu
Alameda abaixo.

[...]

Esquivo ao contrato inato,
qual nunca assinei.
Queria arrancar dessa pedra a espada.
Trinca-la, parti-la aos pedaços,
pulverizá-los na orla da praia
acrescentando à orla da praia
todos os tipos de gente.

Gentes só tem é de dois
os tipos a mais degeneram, cromaticamente:
subtração e adição de zeros e uns
frutificando multiplicidades
de inumeráveis combinações
inimagináveis, mais moles ou duras,
um pouco mais mole,
um pouco mais dura,
mas mole ou dura.

Oro a deus por qualquer sensatez.
Talvez eu esteja acuada.
As proles das minhas amigas
são bichos dos mais animais
não têm racional,
comem o vômito seu,
cheiram a bunda procurando o quê,
pulam de galho em galho,
no chão não se acham,
no céu também não,
são gatos magrelos fingindo leões,
zebras de múltiplas cores,
hora na lama, hora no pasto
hora se escondem no chão.

A mãe é quem sofre!
De tantos escorregadios caminhos,
escolhem andarem beirando barrancos,
seus coraçõezinhos.
O homem diz grave nos tons pra deixar que se vá,
mas a fala é volume inaudível.
O eu-feminino suplanta o outorgar do eu-masculino,
desce da pedra esfolando a bunda, as mãos,
com o *fi*[47] na cacunda,
e cai de joelhos se acaba as alturas;
pronta e imersa
vai e começa uma reza.

[47] Forma coloquial da palavra "filho".

Mas não são[48] mais assim,
com certeza não são.
A mãe aos 50 imagina 20
disputa no tapa o macho da filha;
e chamam a velha "menina".
(É tanta mentira que a alma da Realidade
cansou dessa humanidade
e foi procurar algum outro sistema solar).
A teta não é para "dar de *mamá*"
é pra silicone, pra justificar o decote,
chegar em primeiro lugar.
Que cuide a escola, a babá, o padre, o vizinho
ela, a mãe,
ela é quem não proverá
a educação,
afetos, amores, também orações,
porque o seu tempo é seu,
na agenda não cabe mais nada:
clínicas pra *embelezadura*,
academias, lojas e compras
— "o que é bonito tem que se mostrar".

O tempo que sobra é só para si,
se vangloriar,
bebendo na taça vaidades:
vícios de egolatria insatisfazíveis;
esquecem,
as tolas,
a morte é o certo lugar.

Queria ser homem repleto em mim.
A barba cobrindo a cara;
roupas de uns 20 anos atrás;
a unha cortada uma vez por mês;
pensar sobre a queda ser aprendizado;
deixar ir e vê-los seguir por caminhos pedriscos;
e ter mais algumas certezas,
adicionando e subtraindo as necessidades.

[48] Esta frase deve ser pronunciada acelerada para soar como se fosse a frase "Mães não são".

Por isso o humano precisa de dois,
e somente dois:
o eu-feminino
o eu-masculino,
o resto é descer a Alameda ladeira abaixo
tal pedra redonda escapada,
sem rumo
sem chão aconchego — abraço cativo —
ou sequer as chances de a si descansar.

■

Da cidade para o campo e de volta

Quero tanto
morar num pé de serra,
para abrir tranquilo uma janela
e ver, despreguiçando,
o curió cantar.

Procuro no escuro,
porque sou tonto da cidade,
um casebre de idade,
com preço pela metade,
pra onde eu possa
no campo morar.

Então mudo,
mas sem mudar a mim mesmo,
permanecendo ainda espeço,
para ser mudo
quanto a quem sou de verdade.

E de lá da casa nova,
na janela expecto...
Lá vem o curió
com muito esmero;
pousa na amoreira
da qual espero
apenas que o deixe em paz cantar.

Principia a cantoria.
Instantes se passam
e logo me toma a agonia.

Agudo canto insuportável:
parafuso nos ouvidos;
as buzinas e os gritos;
xingamentos proferidos
no caos do trânsito mordaz.

Lamentável minha escolha!
Puxo a mala pela mão.
Pego o vinho, tiro a rolha,
mas o atiro bem distante.
Indeciso sigo adiante,
eu não quero seu sermão.

Zumbido alado que não para.
Enfurece meu caminho.
Pensa que é um *spalla*
bem-dotado da gnose.
Se do vinho só uma dose
não estaria num cadinho[49].

Sento à beira da estrada
ao me perceber sozinho.
Foi-se embora o curió,
não me quis vizinho mais.

A forquilha preparada
arredou o seu sermão.
Volto embora pra cidade,
com saudades desse campo.
Do curió eu levo o canto
e ele fica com a verdade.

■

[49] Local ou momento de provas. Fonte: Michaelis.

No quintal de casa: disco voador

Veio o E.T. engasgado
adoçou curiosidades
contou, cuspindo os segredos
        — pós bem mais de meio metro
        de pancadas musculares —,
revelou mostrando o dedo
onde escondeu as paisagens
seus notórios passatempos,
brincadeiras da infância
        lá pelo planeta Marte
habitado dos espécimes
mais raros, estelares,
tão sincréticos tais ventos
se intrometendo às almas
esculpindo pacientes
violando outros corpos
os formando violões
        feito o corpão da menina
        (dependente-academia),
        anabolizantemente
        sua mente atrofia
        musculusando a luxúria
        a amiga *paparazzi*.

— Onde vai o cabeção? Fugiu para o milharal? Ah se pego essa porqueira lhe arranco o sexto dedo! Tá fazendo agroglifos? Convocando os sangue-verde? Ou desenhando segredos, estragando as paisagens?

Da garrucha toma posse,
põe a botar de bicar,
a espora ele ajeita,
de chutar,
rasgar o peito.

— Já lá vem os sexto-dedo. Arrastando um corpo ao saco? Matou ele a menina de corpaço torneado? Só um tiro na cabeça, mando ele *pros* inferno, vai se intrometer c'o as fêmeas do planeta avermelhado. Das daqui eu tomo conta. Seu covarde salafrário!!!

— Trouxe os milhos da pamonha, não precisa esbravejar. Pode abaixar a arma, meu senhor. Meu senhor, me perdoe a intromissão. Eu só quero ir embora, confusão não é pra mim. Me liberte por favor! A família me espera, que eu volte para casa com notícias desta Terra.

— Vai-se embora cabeção! Vai e leva um recado, para todos, para cada um, pra toda a população, dizendo aqui não é lugar de gente que, sangrando verde, vem pra ver de perto tudo mesmo que há de bom. E volta igual a nós contando até 10 com as duas mãos. Seus dedos ficarão aqui, fresquinhos, dentro do formol, pra eu lembrar de ti, pra eu lembrar de te lembrar, pra ti lembrar de me lembrar, e pra lembrar onde é o seu lugar, onde é o meu lugar.

Foi então o E.T. embora pedalando a bicicleta
gotejou o sangue verde lagrimado pelas mãos.
Cá ficou o xenofóbico e a receita secreta,
replicando a *pamonhada*, na feirinha do planeta.

■

Nas veias de Bangkok

Pichai[50]
piche co'as pretas canetas
as conexões discerníveis.
As mentes sãs
não suportam a verdade,
        mas você sofredor mor
sabe eleva-las à autêntica sabedoria terapêutica das ruas.

Descobrir a verdade
— motivos vulgares do pravo ceifeiro —
é um copo bem pela metade,
meio vazio e meio cheio.

Faça então pois o sangue fluir pelas vias,
as linhas traçadas nas pretas tinteiras canetas sem paz,
        porque paz é descanso,
porém suas pernas não cessam andar.

Negue a menção dos tais especialistas.

Jogue no lixo qualquer intenção de classifica-lo: "de rua artista".
Não cabe em panfletos,
museus, galerias de exibição
a dor revelada-escondida
nos traços no chão,
pilares, paredes
        estações onde todos estão,
voltam, vem e vão;
marcando os rabiscos
"inúteis"
aquela impressão singular
        de um louco da rua,

[50] Pessoa retratada no documentário "Mystery Mind Maps - Full Documentary" do canal Raphael Treza, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bbVPzSGQ2Xg

incompreendido e admirado.
Em todo sentido só seu
        construindo mapas,
        os guias pra fora da mente:
destinos por onde da dor escapar.

A dor afrontando de cara em cara
(de casa em casa),
as caras na rua perdidas cuidando entender
aonde os traçados do louco os hão de levar.

■

Feliz Dia das Mães!

Mães foram várias,
e várias das vezes tentaram um elo se conectar
às várias e tão variadas meninas difíceis morando em mim.
De casa em casa,
meu caso mais era dos brutos cascalhos
        ferindo os pés
daqueles ousando descalços
trilharem na crença do após o morro
        — depois da singela estradinha escondida
        depois de uma árvore torta e sozinha
        depois de curvar lá no fim da subida —
planícies tranquilas poderem achar.

No Dia das Mães
eu me perguntava o porquê da sacola.
Sacola de supermercado timbrada:
        "Mercado do Santo Senhor Bom Jesus".
No lago boiei   por horas, talvez.
Mas eu não chorava...
O sol aquentava a água, mentiam: sacola e lago,
e a noite inteira,
        gestaram,
                gestaram,
                        gestaram,
                                gestaram,
um troço de carne que alguém desprezou.

"Criança achada no lago irá precisar de mais três cirurgias".
Assim, da manchete em um qualquer jornal,
        eu fui concebida ao mundo.
        O esperma, o óvulo, o DNA,
        certamente
não estavam lá. :(

De tantas revoltas que eu inventei
        nenhuma explicou:
por que é que a vida
se fez de chiclete, mas fora da boca,
grudada tenaz, no longo cabelo,
        insistentemente insistindo?

Tentei evitá-la:
untei-a de óleo;
busquei dissolvê-la;
meti-a no gelo;
e mais de empenho, mais esparramava.

O espelho sandio emitia: — Feiosa.
Mostrei para ele
alguns dos meus dons:
maquiei na cara pintura mortuária;
no pulso, a lâmina cega
me fez cicatriz-tatuagem-pulseira;
na goela, a corda grosseira
de roxo-azulado me fez um colar;
raspei a cabeça...
deixei, pois, a morte tirasse o meu véu
seus lábios beijassem, os pálidos meus
lábios abus[51]. Nua de qualquer recato
do céu ao inferno calão não poupei
na núpcia-noite, eu e a morte,
minh'alma urdíamos forte foder...

A morte brochou, saindo de fasto
de pau entre as pernas
me abandonou.
Na cama deitada, as minhas abertas,
mirando o teto, o ventilador
parado, pensando
o que era eu; enquanto meu eu
pensava, parado,
o que era eu.
Respostas ventaram do lado de fora
sussurrou o vento em seu idioma
verbos airados cheirando cebola.

[51] Em que não há ruído; silêncio. Fonte: Michaelis.

O espelho sacana,
brincando de amigo,
mostrou-me grudada aos pentelhos a vida.
Desisti então, desisti de vez,
talvez algum dia ela pare. Atrevida!

Cai. Acordei. Era Dia das Mães,
e ainda a sacola timbrada apertava,
mas já que havia crescido, então
somente a cabeça
asfixiava:
o ar não mais vinha;
tentava rasgá-la;
o ar não mais vinha;
tentava arrancá-la
o ar não mais vinha;
tentava expurgá-la;
o ar não mais vinha.
O ar não mais tinha coragem
de me frequentar.

Prendi um restinho no pulmão esquerdo
bem perto do meu coração.
Cantou distorcida a frase escusa,
que tanto ouvi durante a vida,
mas nunca entendi:
"prenda a respiração".
Era a mamãe
cuidando de mim,
no dia que ao lago aos cuidados deixou
a filha que ela não quis
de quem desistiu — à sorte doou.

Ecoava em mim na campina de final de tarde
de névoa fria escondendo as árvores,
alguma cantiga[52] entoada no terno levar
do corpo pequeno nos braços;
da última lágrima atoa enquanto o amor expurgava
nos passos dos maus embaraços;
perplexos e concatenados os dois corações se entrelaçavam
na dança pulsante e suave, cientes do fim que o maestro apressava.

Vá minha filha.
Vá logo embora.
Neste meu corpo
decido quem mora.
E não é você
meu feto querido.
Não irá nascer!
Meu corpo eu defino.

Vá minha filha.
Te espera Deus.
Mamãe te entrega,
pois não há lugar.
A vida é minha,
meu corpo é meu.
Não se intrometa
no que não é seu.

Vá logo embora
sem um adeus.
Imitando Deus
a morte lhe dou.
Te verei no céu
onde irá nascer
a filha sem nome
tal qual Deus me deu.

[52] Inspirada no *slogam* "Meu corpo, minhas regras".

Vá minha filha.
Vá logo embora.
É chegada a hora
de se despedir.
Respire a vida
a última vez.
Os seus olhos fechem
juro ser cortês.

[...]

O elo rompido eu nunca emendei,
porque o cordão do umbigo,
que à parasita a vida lhe deu,
tomei-o por pravo chicote,
patrão do castigo,
pois nunca comigo ousou amainar.

[...]

Sacudo o choro, seco a poeira,
tem mais um dia, o trecho é comprido.
Eu posso parar? Vida enxerida!

[...]

Um dia
nas breves histórias narradas
à beira da cama,
julgada aos finos ouvidos,
nos olhos (botões de jasmim),
contarei às crias, vergônteas,
a minha história
que um tal de Moisés[53] copiou.

■

[53] No capítulo 2 do livro de Êxodo da Bíblia Sagrada narra-se como a mãe de Moisés "[3] Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos, e a revestiu com barro e betume; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à margem do rio. [4] E sua irmã postou-se de longe, para saber o que lhe havia de acontecer. [5] E a filha de Faraó desceu a lavar-se no rio, e as suas donzelas passeavam, pela margem do rio; e ela viu a arca no meio dos juncos, e enviou a sua criada, que a tomou.".

De volta ao jardim

Eu... ferido
caminho arrastando comigo
os meus pecados.
Avultados,
tão pesados
dilaceram minha mão.
Sangue escorre pelo saco
onde guardo cada caco
do estilhaçado coração.

Inundado
no meu sangue
eu sufoco sem esperar,
que alguém irá lembrar
de um inteiro coração
que outrora fora bom;
deformado e sem lisura
ruiu toda sua estrutura
dissonando o seu tom.

Os pecados
pegajosos
se aderem aos pedaços,
preenchendo os espaços
numa forma monstruosa
de um pravo coração.
Dominado de miséria
a vontade é deletéria
me amoldo à perdição.

Uma vela
na outra mão
me revela a mim no breu.
Bravamente luto eu,
mas expulso do jardim,
não irei prevalecer.
Miro para todo lado
visto estar tão atolado,
só me resta esfalecer.

E cansado,
fatigado,
deito os cacos pelo chão,
ajeito-os com a mão
lado a lado cada encaixe
acentua quem eu sou.
A visão é do fracasso
não fortifiquei o laço
que me atava a Quem me amou.

Fecho os olhos
e entreouço
o derradeiro pulsar.
Cada naco a cantar
sua última cantiga
numa forma de oração.
Mesmo sendo estilhaços
malsonante, aos percalços
brada pela redenção.

Pela fresta
compreendo
eu estive enganado.
Ele sempre ao meu lado
em silêncio almejava
eu meu coração dispor.
Para unir cada parte
transmutando em baluarte
a minha forja de amor.

Sem fissuras
em Suas mãos
pulsa um novo coração,
entoando uma canção
com uma inocente voz
que com toda alma expresso.
Expulsados os pecados
os sangramentos estancados
de pé ao jardim regresso.

■

Sobre os estranhos vazios

Argumentação:

"Estar repleto de vazios". Dizendo assim
desta louca afirmação, como se
vazios enchessem mesmo...

Não me perturbe se não sabe,
dos vazios,
sua inata capacidade volumétrica.

Os ditados populares são orvalhos
da sapiência divina:
raros, caídos sobre os terrenos.

Medir vazios é como amar:
inexplicável; mas sabe-se sua substância
pela experimentação corpórea.

Meu ditado preferido é assim:
"Todo vazio é vazio de um outro vazio".
Contra-argumente se a preguiça permitir.

Colhi orvalho das rosas,
pela manhã na brisa sã.
Congelei-os para os dias secos.

Escapou por querer um arroto,
lá das profundezas estomacais veio.
"Talvez não esteja tão oco assim", pensei.

Dos vazios do vazio contei doze.
Uma dúzia de ovos drenados pelo chupa-gema,
sobraram apenas as cascas intactas.

Não diga entender dos meus vazios;
há um vazio central inacessível,
dentro do qual há vazios domesticáveis.

Se pudesse teria uma cabana no mato
ao lado do brejo do Judas; quem sabe
os cantos aviários expulsariam os vazios.

Um dia certamente aprenderei sobre espaços
sua necessária existência desde o princípio
quando ela, "sem forma e vazia", via Deus.

Conclusão:

A estante abarrotada vomita livros
e cansada, quer flores para enfeitá-la,
um pouco de jazz e chá de canela.

A estante vazia cantarola assoviando,
felicita-se na inutilidade e vai
ficar no mesmo lugar, provocativa.

■

Os *jóvi* [54]

De unhas imundas
e mãos calejadas
a roupa encardida,
a vida lascada;
pãozim com café,
e mais margarina;
levanta o *zoio*
acorda à matina
pra ir *trabaia*
de trem ou *busão*
aguenta a dureza.
"Não é mole não!".

Enquanto na rua
bem perto dali
tem uns *estudanti*
fazendo "pipi"
no meio da praça
em protestação.

Pra que *trabaia*
se tem os *bestão*
que *pranta* e *coi*
o que vão *cumê*
que pisa nas uva
do *vim* de *bebê*?

■

[54] Em itálico palavras no dialeto do interior de algum lugar do Brasil.

Cansado

Há esta exigência pregada a martelo:
a vida é curta, então viva demais.
A cada minuto mais intensidade,
abrace o amigo até lhe faltar ar.
Sorria o tempo inteiro sorrindo
e ame acrescendo amor sem parar.
Perdoe pra ganhar mais tempo de vida;
esqueça o amanhã e o passado também.
Só viva o presente, afinal ao presente que é dado
não se deve olhar os seus dentes.

Mas há tantos dias, os dias pão-duro,
que nem a mim mesmo eu quero abraçar.

Trancado no quarto escuro e calado:
dormir e sonhar vendo-me indo dormir,
fingindo que sou um leão-da-montanha
deitado no aguardo do passar da presa,
enquanto a neve morosa agasalha,
me esconde pra q'eu possa só descansar.

■

Setembro amarelo

A febre acabou foi tão logo o sol se esconder,
e a gélida brisa, dos pés à cabeça começou.
Conteve o ímpeto de todo um corpo só seu,
de o corpo atirá-lo bem dentro do lago
de pedras de gelo da cor de mostarda.

O lago queria a quentura do corpo,
e viu indo embora a raiva
cobrindo a cabeça ajeitava a todo instante um grosso e macio,
nas cores do inverno,
algum cachecol;
descrente daquele estranho no gélido banco
olhando enfadonho o lago inerte,
pedindo respostas, chorando cristais;
a raiva inteiriça em desdém na névoa se foi
camuflar na neve os passos — ligeiros mistérios —,
levou a quentura do corpo
a raiva em seu obscuro atrator
hauriu a alma de um corpo ignoto
a alma carvão de aquentar.

Solvente das outras tristezas não dele,
o lago esperava, e, sempre silente, a raiva passar.
A febre findava tão logo o sol escondido
calava o dia.

Os corpos entregues, tal marionetes da sina invulgar
caiam aos prantos anemicamente tão amarelados.
A musculatura molenga bem mal arrastava o corpo
que cambaleante ia a si,
insinuava sinuosamente a fortuna do dia,
de vale em vale e depreciando o humor:
depressão, depressões.

O lago tingiam da cor de mostarda ardente
e odorizando no ar desesperos,
a alma no fundo amarrando em pedras,
asfixiavam o halo da vida.

No gélido banco, o estranho,
depois que a raiva passou,
no lago atirou as botinas surradas.
Queimava a neve seus pés,
mas não por calor
porque pela raiva, também a ausência do sol,
só frio lhe restava
destro a aplacar os desejos em ser outro cubo amarelo no lago,
um cubo de tal deformada estirpe que o lago o queria distante dali,
porque anelava quentura e formas exatas a petrificar.

[...]

Se a raiva passou e levou a quentura consigo
e dele restava só o indesejável,
persegue a raiva e a toma meio ao colarinho...
sufoca,
esgana,
puxando as pontas
das cores do inverno.
Mata a raiva na falta de ar.

Do gélido ar insuflando os pulmões
soprado da boca
— na ressureição molde "boca na boca" —
retoma o calor no carvão pele em brasa
comendo a quentura do corpo,
e, parte de lá pleno em alma
correndo no frio de corpo aquecido
esquece do lago e quer se aquecer,
caminha à casa onde há cobertores.

No quadro na sala o lago inerte.
Moldura em madeira bem serve à lareira.
Após o inverno a neve em água
no sol mais feliz por mais horas no dia
o corpo da raiva o revelará.
O lago verá mais de si indo as nuvens
até a secura, até se trincar no verão incomum
deixando pra trás só um solo amarelo
dos tristes passados, repleto de pó,
das cinzas das vidas vencidas delirando o fim
— desesperançando acordar noutro dia melhor —
num vale de ossos por onde a batalha segou.

[...]

De hoje em diante o estranho
dele será tão amante de si,
porque é melhor horizontes,
pois ontem não muda,
até chegar lá haverá de descer e subir;
ao certo nalgumas manhãs terá sol
nas outras as cinzentas nuvens
o recordarão pois dos ontem de sóis;
e é das memórias em tantos retalhos
remendada a vida, que boa ou não,
sempre haverá plenos dias de sol
e lagos de águas azuis
e gramas, e sombras gentis
onde fazer piqueniques.

■

Morrendo de fome

Alcançar a vasilha sentindo-a leve
e trazê-la ao peito apertado de fome,
empunhando a esperança do pobre sem nome...

No cabeiro momento de um movimento,
abaixá-la à vista supondo-a cheia,
ensejando o milagre de um tal Elizeu[55].

Constatar o vazio, só o suspiro do ar,
este gás tão vulgar que não é alimento.
No olhar da criança um sorriso inventa
(este grito da fome não pode suster).
Mas tapar os ouvidos derrete a alma
qual cerume da vela acendida pra Deus,
o vazio na barriga não enche com calma.
A lazeira da cria a desfaleceu.

Estender a vasilha fiando as migas
e trazê-la de volta vazia de fome,
empunhando o desterro do pobre que some...

A criança calada lagrimando a alma,
(inocente verdade intragável no ar),
o embate entre a fome e falta de há.

Essa fome lhe cega irá pra Jericó[56],
ansiar pelo Filho de Davi passar.
Jericó não há mais! Só aumentam seus ais.
Em seu colo a afaimada cavalga na dó.
Lançou toda a fé em um poço de alvos
aguardando o natal. Nunca aconteceu!
A Estrela D'alva plagia o sol,
e por isso o menino Jesus não nasceu.

[55] Bíblia Sagrada: 2 Reis 4:2-6.
[56] Bíblia Sagrada: Lucas 18:35-43

Avistar a vasilha no tempo vazia
e trazê-la aos olhos repletos de fome,
empunhando a indolência do pobre que dorme...

A esperança perdida à beira da estrada
tal um feto expelido por lhe desprezar,
desvelando o papel desta vida castrada.

Empoleira a marcada criança em si,
pelo flagelo vivo, gritando: — De pé!
No ardor das feridas tratadas com sal
sente o choro escorrer e desaba enfim.
Os joelhos em carne não podem rezar,
e as palavras diluem, prostradas em vão;
suas preces limadas ressoam no breu
e ela vê o seu anjo ascendendo ao céu.

Preencher a vasilha com lágrimas frias
e trazê-la à boca sedenta de fome,
empunhando a angústia que ao pobre come...

Enterrar a história a qual não se escreveu,
deste mundo injusto vai indo pra o céu,
encontrar o seu anjo nos braços de Deus.

■

Pela sorte

Como se a sorte
não fosse a raiz
de toda conquista,
alguns orgulhosos
nos fitam de pé
no pódio, do alto
erguendo o troféu
arriba às cabeças
coroam-se reis
no trono fortúnio,
legado perene.
"Herança devida",
por sabe-se o quê!

Como se a sorte
olhasse a nós
nalguma esquina,
contando nos dedos:
segundos, minutos;
mas néscios que somos
virarmos as costas
pra o lado oposto
por sermos vassalos
desde o originar.
Esquecem atrozes,
que ela nos foge
para os perseguir.

Como se a sorte
não os abraçasse
desde o amanhecer,
cuidando seus passos,
livrando os caminhos;
criticam a nós,
espalham mentiras,
dizendo: "o Mérito
é pra qualquer um".

Mas se alcançamos
um décimo deste,
seremos motivos
de mais suspeições.

Como se a sorte
não determinasse
o local de nascença,
carências da infância:
as emocionais
e as alimentares,
exigem sisudos
os mesmos critérios
pra o tal "merecer";
querendo que nós,
que não temos pontes
(cruzamos aos braços),
sejamos iguais.

Como se a sorte
não fosse um pai
dos mais influentes
livrando-os sempre
de tantos problemas;
credores do acaso
de toda fortuna
esperam o melhor
dos reles criados,
que devem ser gratos
(de dia e de noite)
da sorte que têm
podendo-os servir.

Como se a sorte
não nos deixasse
na sala das freiras
sem olhar pra trás,
e então esperasse
que a pouca sorte
perdida no cheiro
do último toque,
bastasse a nós,
pois ter só um pouco
aos olhos parece
o mais justo troco,
para os que querem mais.

■

Ana

Ao amigo Renato Lustosa Sobrinho.

Ana Clara,
Ana Vitória,
Ana Benta,
Ana Aurora,
Ana Sofia,
Ana Celeste,
Ana Bela,
Ana ...

Ana era tudo,
tudo que era bom.
Tudo que era bom,
também era Ana.

Na missa ela peidou.
E seu peido inodoro
soou tão angelical.

Em plena santa ceia
dissolveu-se a comunhão
juntamente com seu gás.

Ana foi rebatizada
pela igreja do Senhor,
e liquefez-se porta afora
tal qual seus adjetivos,
noutro tempo tão benditos.

Ana foi-se então com o peido,
Ana Peido era Ana,
mas Ana não era peido.

E a igreja foi peidando,
em oculto, em cada casa,
mas também na sacristia
quando a solidão deixava.

Ana Peido abandonou,
toda igreja do Senhor,
porque todos já peidaram,
e expulsos da Sua glória,
certamente eles estavam.

Mas só Ana condenaram,
o Santo Ofício imaculado
que peidava em silêncio,
mas um cheiro insuportável.

■

Ao sair do lavabo

Lavado o rosto o espelho mostra,
escancara um ser repleto e não sou eu.
O ralo drena a tinta (socapa aos pedaços)
e extingue aquele que já foi o meu;
o era o veraz ente, o senhorio inato,
espólio dos passados, mas escafedeu.
Será vão perceber tão puro, perfumado,
limpo o corpo foi-o-breu?
As letras garrafais na lápide
o nome só de quem irá ao céu,
ou hão de enterrar escombros do posposto ele,
o antes foi sandeu?
Deixar se ir a tua história desde marco aqui
ao tempo do plebeu,
porque percebo hoje, agora
horizonte há de ser meu apogeu.
Engano-me tão logo claro o dia
vem aos olhos os sonhos de Morfeu,
e neles flambo as agonias
pele-aderidas em minh'alma ilhéu.
Dos tantos ocultados crimes,
espremi da mente as culpas por seu réu,
e fiz de tolo santo oco as palavras todas as ergui troféu.
Percebo não poder ser limpo
se o interior descamba sem o véu,
mas posso recusar as honras,
arredar o espanto, me doar ao léu,
se vejo dentro embora fora brilhe feito o sol inox pra dedéu,
um doce saboroso a vista,
mas mordido deixa a boca como féu.
E volto ao lavabo, a tinta em minhas mãos será
o retorno ao meu eu.

■

The Cure

A cura montada
— nas sombras dos olhos,
na rubra fatídica boca,
no energizado cabelo,
em ondas sonoras
gritando estridente:

"Boys...
don't cry",

distorcendo acordes
soando constantes
na mesma batida
em semicolcheias —
desperta o punk
há tanto esquecido,
chorando por dentro
cuidando esconder
os olhos vermelhos

"'*cause boys...*
dont't cry",

em cima das teclas
do longo piano
nas pretas e brancas
perdendo o sentido,
buscando as negras
histórias das noites
pernando nas ruas
(*pernarambulando*)
ao pular as poças
— reflexos natos —
dos postes agudos
de *sodium*-Luz,
alararanjando
a noite soturna
— espelho invertido
do térreo menino —,

querendo encontrar
sentidos altivos,
mas mira o chão
a cama perene
q'esquece de onde
provém as moléstias
as bifurcações
destinos de cara ou coroa
os modos estranhos
escolhas erradas
acertadamente errantes
ao passo intrincadas,
pois vê, pois, é tonto,
qualquer sensatez impensada.
Se vê no asfalto
em poças de chuva
(espelhos turvados)
quietando a cura
sonora e distante
montada a cavalo
um velho animal
perdendo as forças.

Um rádio qualquer
de ondas errantes
trazendo-lhe à tona
mentiras opacas
(meninas ocadas)
em amontoados,
pirâmide erguendo
a história forjada,
que hoje o faz rir
e chorar a vida,
a vida esquecida
do velho e cansado
menino disperso
querendo a cura,
um colo augusto
no qual se ajeitar.

Espera a paródia
no palco da vida
não sabe cantar
dançar descuidou;
mas toca o piano
com um dedo só
e só com um dedo
compõe melodias
que a alma arredia
diz não entender.
Mas sabe esperar
porque é perdido
em toda estrada
carona o dedão
escreve no ar;
desprezo das rotas,
dos rumos, das causas,
os objetivos quaisquer
já não mais os pode entender.

E se quer cantar
o rádio que cante,
e nas madrugadas
ecoem os sons
aos tantos ouvidos
aos indiscerníveis
anônimos homens,
mulheres, sei lá...
Se canta, então cante!
E ouça o ouvinte
de lá do horizonte
termina alguém;
aqui eu começo
tomando café
querendo as ondas
sonoras, senoide,
de alguém entender.
Mas pra quê
e por que?

Se resta seguir
pulando os tropeços
caindo nas ruas
de cara nas poças
fingindo molhado
que está tudo bem
e os cada ralados
nas quinas do corpo
são aprendizados
pra vida e depois
lá quando a vida
se faz perenal.
Mas pra quê
e por que?
Não sei bem responder.

Depois escrever
um breve começo
pela madrugada
soturna e nua
ouvi-los dizendo
palavras furtivas
distorcidamente
cantadas no rádio
qual já desprezou
o punk gritado
menino insensato,
pois nunca cresceu.
Mas sabe esconder
brincar de esconde
sorrindo, chorando,
fingindo, orando...
(gerúndios demais).
A cura espera
na infinda esquina
da quadra infinita
na sem-fim cidade
do eterno país.
Espera a mim
trazendo você.

■

Ela por eles

Ela acorda o sol,
faz o galo cantar.
Frigideira e ovo,
o olor da manhã.
"Hora de acordar".
Os motivos quentinhos
(abraçados, espessos)
enrolados no ninho,
alimentam sua força,
        — afluentes do rio
        (sinuoso se esforça) —,
rio que desce ao mar,
mas o mar tão distante,
inda a vai esperar.

Ela abre a janela
e "Bom dia!" ao sol.
Escancara o riso
e disfarça o temor
pela saia (embaixo),
tão curta, colada,
ela intenta esconder.
Os motivos dessabem
o seu fardo, o castigo:
        o "socorro" bramido,
        o mutismo perene
                na boca tapada
                no escuro, nos becos,
                na face encharcada;
        os nojosos sabores
                engolidos em prantos;
        cusparada na face
                ao ganhar um vintém
        de joelhos no chão,
                a outra face a encarar
                seu olhar infantil.
De bom grado, um "Amém",
sorrindo ao benfeitor
que ignora sua dor
pra erigir seu prazer.

Ela os põe pra dormir,
os motivos ingênuos,
pois o sol já se pôs.
Se entrega ao cansaço
e o surrado sofá
a acolhe em abraço.
As lembranças do dia
ficarão pra depois,
pois a anatomia
em um livro roubado
de um sebo esquecido
em um gelado beco
(um daqueles que outrora,
pode testemunhar
estuprarem num canto
o anseio em fugir)
põe a ela, sonhar:
ela plena de branco
adentrando o salão
(incomoda as muitas
abismadas, as faces
cochichando avidez);
a cabeça erguida,
não sustém vaidades:
labirintos vividos
(becos tão percorridos)
não os logra esquecer.
Ela agora é Doutora,
aprendeu a curar
as feridas do corpo
e da alma, as chagas.
E as vozes contidas
(tão frustradas nas fugas),
ela amplia seus tons,
e, ressoando bem,
vão seus rumos tomar.

Ela acorda o sol,
o admira brilhar.
Os motivos em sono
(tão ausentes nos sonhos
dos que passam nas ruas)
avigoram seu rio,
o apressa pra o mar.
Ela sabe o quer,
onde quer ela estar;
também sabe das pedras
escondidas nas mãos,
redigidas nos olhos
em sentenças cruéis,
que às provas desprezam:
as tramoias da vida
enroladas nos pés,
principalmente os seus
q'em caminhos comuns
não souberam andar.

Ela continuará
sob os prantos e améns
a jornada que é sua
que a fortalecerá.
Os motivos um dia
do amor saberão,
que mesclado à dor,
os levaram ao mar
pra ver nascer o sol
e o galo cantar.

■

Ao natural

Voltar à primeira semente plantada desejo
furtar a semente plantada no chão
desejo antever a semente brotar
e neste futuro queimá-la à fuligem;
abortar nasceres das filhas sementes
desejo o domínio da prole extirpar.

Nômade, emaranhado nas quatro estações
desejo estar nu, confundido nas flores
aos seus arredores ser camaleão;
desejo entre a mais absurda esperança:
a maturação pelo tempo dos frutos
sem saber ao certo se o tempo virá.

Desejo voltar ao jardim
e não nomear um qualquer animal
os sons dos grunhidos deixar definir;
perenes assim:
um ente em si proximal
sem culpas de ao natural ser.

■

Estado: desatento

As palavras sobem e descem na garganta na mesmíssima frequência do pulsar do meu coração. O refluxo as expele esbaforidas para fora, mas fecho a boca e aguento firme. Travo o maxilar. "Não direi!". Depois repito insistentemente, "Não direi! Não direi!". Deve haver nele uma vontade oculta, inflamando sob o solo um incêndio tímido. Escondido ele fica à vista dos desatentos. Mas há calor. Eu o percebo aquentar meus pés. Mesmo o grosso solado da bota não dispersa sua vindoura luxúria, que ainda branda sorri de lado feito um leão cravando os dentes no traseiro de uma zebra.

Estando eu a caminhar, tento energúmeno acalmar o ritmo taquicardíaco. Respiro fundo esforçando-me a não pensar em nada. É óbvio o não sucesso. Tem aquela voz irritante, tagarela, rodeando meus passos, apagando meu rastro. A todo instante ela circula perfeitamente a circunferência cujo centro sou eu. Chamo-a de "Ele". E querendo falar de mim para mim, como se existisse aqui neste intrincado e confuso emarando neuronal algum rego d'água escondendo pepitas de ouro, tece maravilhosas fantásticas paragens à beira de precipícios. Dá-me a mão tal uma dama entretida no próprio embaraço cativante, mira o fundo (o riacho lá embaixo quase sumido) e implora aos ventos das encostas para coragem sensata bafarem em minha cara. Ou empurrarem de vez meu lânguido corpo para cair estrela cadente desmanchando-se aos pedacinhos pelo ar desdenhoso.

De pé, depois de sentado a ouvir contrariado a mesma ladainha do vale nas brisas sinfônicas, o fogo revela-se furioso gigante chicoteando oxigênio. Permiti-o tempo demasiado se retroalimentando oculto sob séculos de matéria orgânica dispensada das copas. Ele vem sobre mim pensando-se avalanche monstruosa, porque padece desmesurada fome. "E sou eu lá qualquer pedaço de coisa apetitosa ao paladar?" Pergunto encrustando medo em minha parte mais sublime e fantasmagoricamente indelével: minha alma etérea, pois a outra abandonei a tempos em algum qualquer caminho desmembrado das lembranças graves.

Embaixo do vestido do fogo restam apenas cinzas dos ossos amadeirados dantes unidos por carne, nervos e sangue. São histórias de vidas que ninguém contará, pois, a testemunha, a única que resta, sou eu. Entrementes, não quero dizer nada. "Ele" não pode dizer

nada, por ser verbo somente. Tapo a minha boca então. E uso ambas mãos. Uma sobre a outra com os dedos costurados. Engulo as palavras, e de novo, e mais uma vez as engulo. Ignoro a apimentada indigestão insistente. De súbito um arroto escapa. Perco ao astuto ruído trincando as bordas do amigo silêncio algumas palavras rivais. Saiu de mansinho: "amar" e "odiar".

Ou pulo agora crendo na enigmática carpintaria da mente medonha enraizada em mim, a "Ele", ou deixo o bravio gigante me açoitar, transmudando minha forma magra em fino pó, que, certamente mais tarde confundido pelos ventos misturados aos tantos outros mais, lançar-me-ia daqui de qualquer jeito. Ou ainda… ou ainda, posso dizer trêmulo "Tem mais". Há mais uma escolha: deixar as ninfas alfabéticas voejarem livres boca afora, rindo entre a liberdade fresca e o oco sombrio de onde escapuliram.

Decida por mim. Por favor! Rabisque no chão mesmo um símbolo amistoso, eufórico, ou enfeitado de epifanias. Discrepantes que sejam, não importa. A luz vaza quieta por entre as brechas permitidas pelas árvores e topa no mais efêmero comenos algum cotilédone de boa ventura. Este selecionado ao acaso será parte da história futura da floresta incendiada. Os outros, menos afortunados, precocemente não serão. Ou serão microscopicamente tão relevantes (ou mais posso arriscar) do que os iluminados.

Não quero chuva de culpa encharcando escusa minha mente. Então decida você por mim. Lance a moeda agora.

Agora responda: "Cara ou coroa?".

Obrigado.

Desculpe fogo. Aquiete-se e vá embora farejando o vento rumo ao norte. Vá com ele. Esqueça! A floresta não arderá para sempre. De joelhos clamarei perdão aos céus choroso para que resfrie o ímpeto vulgar esquecido por você ao abandonar suas pequenas crias indesejadas.

Nada é como eu quero. Os sinônimos de perdão vieram tarde demais. O sol se fora para o Japão e a andorinha desaparecera em algum canto impossível de ser, já que a terra é redonda. "Ele" escoou teletransportado da patifaria teatral engendrada na mais crítica miséria encarnada por mim, quando quis convencer você a

mão estender, ou se melhor pretendo expressar, a sua mente amolar, só porque tenho dúvidas tamanhas sobre como escolher entre duas chances igualmente prováveis.

O gigante exaltado escancara a boca enorme caótica de frenéticas labaredas oscilando em redemoinhos infernais num vórtice inescapável. Queria chorar, mas as lágrimas evaporam. Pular percebendo o fim crescendo perante a presa respiração da alma ou autorizar o plasma derreter-me em densa gosma sangrenta. Ficar quieto é selar a segunda opção. Aquieto-me e contemplo o céu distante ignorando o fogaréu tormentoso se aloprando sobre mim.

■

Arpões de luz

Ilusão são luzes arpoadas no dorso
        da besta ao quadrado,
que vai submergir oceanos
e se afogar rente à praia,
        e faz-se castelo luzente
        que a água e o vento lhe temem,
porém, o sublime, o sol de qualquer,
perene esboroa, à faísca, seus pés;
derrui na prima preguiça, sem mote, holofote,
prelúdios ou tarde de autografar
o livro das mélicas fan-
tasias deitadas em meio à cabeça
        galhofando nítida ser um chapéu,
ou cartola, ou boné
ou o mesmo de palha.

— Convertem-se pulsos eletrificados
em mero barraco pra se proteger
do calor, da quentura, da luz esbanjando sua fúria,
prepara uma canja e dobra mais um cobertor,
e prepara-o pra noite a sofrer os efeitos da insolação.

Mas a noite o espírito cansa,
        transcorrido o dia inteiro a fluir
        as hemácias da boa esperança,
há de se ser sensato e tirar o chapéu pra dormir.
E deitado se o sonho não vir, é a besta,
a besta ao quadrado que o abocanhou.

— Se esforce, projete mais hastes de luz,
e forje arpões, incomensuráveis,
sabendo ciente o desprezo perpétuo
que o sol de ti se retém.

■

Realizar em você

Esta vontade...
— amontoado de desejos —
esfarela a sensatez,
me enterra nos teus jeitos,
superfluidos das entranhas
das escondidas vergonhas,
camuflado em teus beijos,
nos meus sonhos, só eu vejo
que entre os mil e um apegos
me apego ao teu cheiro.

Teus cabelos, o meu laço,
me enlaça na euforia,
rouba cada som de ar,
me preenche a Fantasia.
Entremeio aos embaraços
dos quereres proibidos,
a distância me inibe,
então tento respirar.
Coração corre a galope,
montaria nele agora
se não me faltasse o ar.

Não perdi a minha calma,
eu confesso de mãos juntas,
por não te ver ao redor;
e teus lábios encarnando
os espíritos lascivos,
tal miragens vanesceram
para enfim me deixar só.

Eu pelejo, com esforço,
um tiquinho te esquecer.
Mas tu já és parte aqui,
nesse antro de emoções;
morreria ao te perder.
Eu garanto! Não me iludo,
com imagens de ilusão.
Exagero alucinar?! Já não sei!

A razão!? É um pássaro arisco
que não pousa mais em mim.

Os meus pensamentos vãos,
desabitam o delírio,
— excitavelmente insanos,
corajosos, sem temor —,
fogem pra realidade,
rastejando pelo breu
evitando claridades.

A realidade pura,
ela espanca minhas faces!
Sim
esfrega em minha cara
os artigos desta lei
tão cravados cá na alma
que só resta obedecer,
ou então ser condenado
a endoidar sem te querer.

Assessore essa juíza
— realidade soberba —
(em silêncio eu imploro),
que me julga sem pesar
teu controle sobre mim.

Não q'eu seja inocente;
minha cela reservei
quando a porta abri então
e a jantar te convidei.
No intervalo do banquete
em dois crimes me meti:
ao beber na tua taça
teu sabor enfim provei,
e perdido em tentações
planejei te sequestrar;
ao mirar o teu olhar
desvairei te pertencer
estar dentro de você,
matar as proibições,
sermos um só corpo, só.

Mas não ouço sua voz.
Nunca ouvi! Será ouvirei?

Em minhas telas tu projetas
paragens ensandecidas,
horizontes perecíveis,
quimeras factuais,
tão vorazes quanto o mar,
me atraindo ao profundo;
fecho os olhos, deixo o mundo,
em ti quero naufragar.

■

Extremos globais

O mundo é bipolar.
Nos polos norte e sul
        as auroras
— araras psicodélicas guturais —
fazem festa;
        voam;
        revoam;
        soam;
        ressoam;
o cântico arco-íris céu se faz.
Aos pares manam paz,
circulando vórtices de luz,
da terra ao céu traçam delicados lúmens:
        espíritos vagalumes pasmam Deus.

Brota o sol e traz lucidez,
        desfaz o par,
        o vórtice plano fica,
espraia-se no equador
        — equalizador dos disparates;
planifica notívagas luzes.
        Cessam
                voo
                e som!

Do sul ao norte um degrade de inimizades
separa os loucos dos sãos.

Deus dá as mãos a qualquer um,
mas prefere os loucos:
        a imagem e semelhança Sua.

■

Sombras artificiais

A cidade propaga
em tons indecisos os sons dos ruídos
cantados nas rodas, buzinas e gritos,
no desfiladeiro
abaixo do nível da serenidade.

Em frente a esquina
três cores dão ordens silentes acima
às moleiras-vulcões evolando enxofre,
fervendo as ilhas,
moldando-as em pedras que logo se esfriam.

O solo é cinza,
os prédios estiram as formas toldadas
nas ilhas cansadas das idas e vindas,
do distanciamento
do mar nos limites que as fazem afim.

Os sons não ecoam,
a ajuda uivada escorre ao bueiro
enquanto a sirene colore a via
do filme retrô,
poeira da estante da vida perdida.

As noites adentro,
são longas e frias, jogadas às calçadas
aguardam o dia barulhar a paz
moedas cintilar em cada esquina,
desesperançar o desdém.

Um dia
os gritos nas ruas serão sinfonia
se junto à plateia sentar compaixão
de olhos e braços abertos, tal guia
cachorro, que o cego conduz.

■

Da boca à bomba

Amor meu, beijo-te...
e salivar em tua boca
ingerindo dos fluídos
das parótidas em plena excitação.

Amor de delícias salivares
torne em mim teu líquido egrégio
das sublinguais nectáreas gotículas
— derretidos da pura essência tua.

E de ti embebido um litro e meio,
deleito-me da sapiência da tu'alma
em parte, cedida em pura luxúria
descendo a goela
    induz-me a eternizar
o licor gomoso — tu'aura.

A tua boca é a caverna escorregadia as tuas entranhas;
nela adentro e dissolvo-me.

Serei,
    mãos dadas ao suco gástrico teu,
nutriente ao plasma percorrendo os arteriais caminhos
até desembocar-me em teu coração;
    e lá eu fico,
turbilhonando então,
de um para outro ventrículo
rebelando-me
    ao fluxo sanguíneo.

■

Costuras caóticas com fios vagantes

Cravou tantas mágoas o tempo em nós,
fios de dor costurando em lenha e queda magia
nas mãos pacientes, também aguçadas,
carícias no peito rasgado aos lamentos,
e cada dos pontos se foi desfazendo o rude amor.

E das cicatrizes marcando, por vezes bisonhas,
linhas das tortas traçando remendos bizarros,
o sangue que outrora jorrava, sofrido,
agora se prende ao raso, o q'é quase nada,
nos laços incertos, unindo em trama o findo amor.

Costurando gestos truncados, dispersos,
dos fios quebradiços em vão vem as linhas,
e a alma desdiz e refaz fragmentos,
tentando unir pelas sombras, vestígios
daqueles perdidos em sonhos pacatos de nunca amor.

No acaso a mágoa se esvai diluindo
no onde o ponto encontra o abraço,
e a dor parasita no raso, em meio aos cacos
dos gestos quebrados, agudos, sem nexo,
unindo pedaços de uma das nossas histórias de amor.

Os traços, desenhos dos tempos curvados,
no aleatório, disperso acaso, encontram destinos
contínuos nas veias diversas, fluindo o vagar,
a contar histórias dos restos em nós,
dos passos incertos, das marcas do pravo amor.

E das cicatrizes em profundidade,
as linhas torcidas, alheias, clementes
perdendo-se em fios se cruzando ao acaso
um ponto caminho, local das desovas,
os laços da cura põem fim ao não reto amor.

■

Sardinha

Termômetro abaixo de zero.
Corpo enlatado inerte estrala,
é gelo.
As rachaduras espalham.

Pensa o corpo correr,
a fuga lhe é necessária.
O corpo inopera pensar:
reflexos sente do pensar da mente.

(A mente o corpo compõe?
A morte apaga a mente no ato?
o corpo ao vagar?

A mente a si não entende
não mede, não vê, não sente
aonde começa aonde termina;
perpétuo abstrai o seu fim.)

[...]

A mente adormece,
hiberna aos poucos
ao piscar e piscar...
fecham-se os olhos por fim;
porfiam o corpo e a mente:
a mente do corpo entende
o corpo se diz imanente
— a ela ignora —,
a mente contesta batendo na testa;
a palma em contato estala.

Rachado o piso revela o seu precipício
fluído, fluindo ao fundo da realidade apagando-se...
Pulsam memórias avulsas,
restos da força voraz
— a mente a tudo tragar/indagar —
num vórtice superazul
a cor da amplidão (despido o lindar).

Lá pois então
a mente não pode pensar;
o corpo não pode fazer.
Terminam a mente, o corpo,
mas antes a queda acena:
um sopro de leve, talvez indeciso,
um eco em volta ao vazio ao sumiço.
Calam-se, pois, os conflitos.

[...]

— Hipotermia é quando dá cria
um gato que mia
e um *hippo* miudinho da ilha bretã.

[...]

Das mortes q'eu posso escolher
de frio morreria, sorrindo,
contando piadas eu mesmo
pra só mesmo eu me ouvir.

■

O casório da Maria virgem

Perde-se entre espinhos o tempo da Rosa abrochar delicada. Em vão badalando os sinos, tentando manter algemadas a fúria, o ímpeto claustro das austeras mãos afincadas no seu ordenado labor. E tilintam na décima segunda vez, e ignora a Rosa, trespassando espinhos cosendo os sonhos da virgem Maria: véu, grinalda, e o longo vestido senil. O broche, herança em abraço perdido, é singelo, arcaico, desgosta Maria. No leito mirrado já quase esquecido do pai adorado, pintou ela tratos opacos, pequenos, não calcificados. O noivo não se intromete na senda, mas toca agitado ponteiros ariscos e teme emergir atilada incerteza se a amada olvidar a promessa anciã. Percalços vencidos a Rosa desata o sorrir. O noivo respira tranquilo. Maria vertendo no broche lágrimas crentes, vai conduzida na alma do pai vogando arriba ao tapete vermelho. E varre o vestido as castas, virginais passadas que ao noivo ela dá.

■

Idiomático

Mais janelado hoje do que ontem,
a não escolher, se fora ou dentro,
aprova haver modos de ser na estacionariedade;
brincando um jogo sério de realidades criar,
porque ela — a verdade —
        é escrava da linguagem.

Um poema inteiro desfolhado
é recorte de letrinhas no chão da sala:
        diz *nadica*
os pedaços seus revoando azul celeste.
Se aberta, a brisa passa, revira, desordena,
mas na ordem randômica toma
"a", "r", "m", "o"
e anagramas faz:
"amor";
"roma";
"mora";
"armo";
"ramo".

— Que é isso? — quer ela saber.

Iria explicar,
por exemplificação,
querer ser qualquer ser.
Mas, mais fácil é hermético estar,
pois suave a luz vaza
e mostra as coisas como são.
É terrível!

Como explicar a junção de "a" com "r"
        e das letrinhas outras?
Que sopro
o soprado em Adão por Yahweh!

Substantivar coisas é ser pena de ave
pousando em lugar qualquer.

Por não suportar o peso, enleio.
Anormalidades nuas pesam o céu,
pois daí invento "normais":
        receitas simples para cozer verdades.

Ela agora se arregala estupefata,
descrente.
Quer saber mais.

— E tem mais! — A cada letra um som,
e às junções também.
Bocas diferentes sons diferentes.
        É o caos
numa inexplicável ordem inteligível
açucarada das subjetividades.

— E vocês se comunicam? — pergunta intrigada.

Afirmo que sim,
sem som, cabeçando.

"EPIFANIA!"

— Parece nome de menina! — diz ela.

— De onde vem essa voz? — questiono tardio.

Minha inspiração parte dos computadores:
        código binário.
O melhor dos idiomas (?):
balançar de cabeça: sim ou não.
Atitude cristã, como diz:
"Sim, sim; Não, não;".

        Ser janela:
aberta ou fechada
— indecidível —,
eis a questão.

■

Esculturas de pedras

In memoriam ao Cassilandense Leonídio (ex-
morador da Rua José Cristino Sobrinho),
arquiteto das pedras, mal compreendido em
seu ofício.

Riem ao ver eu amontoando pedras
fragilmente apoiadas,
porque a miúda brisa
as derroca em escombros.
Supõem minha trivial existência,
subtraindo que carrego nos ombros
alguma medida de excelência,
porque não enxergam as porradas
retidas pela paciência basilar de amontoá-las.

Riem ao ouvir eu cantando
os passos subalternos das pegadas
que ficam sem querer na areia,
que é das pedras antigas.
Supõem minha trivial existência,
ignorando ser eu como formigas
laborando insistente em excelência,
porque os rivais me dão bofetadas
na face sem clemência, para as pegadas, abandoná-las.

Riem ao sentir eu esfacelando
minhas parcas forças algemadas,
presas ao amor singelo grato,
pela pequenez das atitudes.
Supõem minha trivial existência,
desprezando as beatitudes,
alcançadas em silenciosa excelência,
gradativa, impulsionada pelas lapadas
que avigoram com veemência o espírito para as paixões
[domá-las.

Riem ao degustar o mel extraído
das minhas ações ofuscadas
pelas luzes artificiais nos postes
erigidos pelas falsidades.
Supõem minha trivial existência,
omitindo que possuo verdades,
conquistadas amontoando em excelência,
as pedras que amenizam apancadas
proferidas com ardência pelas bocas que invejam, ao menos,
[tocá-las.

■

O baile do ganso e do pato

O ganso do tango grasnou brioso pra mim.
Ouvi amarelo seu pedido longo e rixoso.
Talvez,
ou sem dúvida,
assado seria saboroso,
mas não quero fender tempo num baile equivocado.

O ganso mudo
me olhou torto de lado.
Meu cutelo dourado afligiu o seu labor.
Uma lágrima caída escorreu do rosto em dor.
Ritmou suas patas
pra iniciar breve uma valsa.

Perdi o compasso
pelo advir do sincero pato.
De modéstia apagada
ressoou bem alto no salão.
Inalei vermelho o seu sabor da carne com pão.
O Bao Bun[57], pensei:
talvez não mesmo me enganasse,
pois a culinária Chinesa sabe-se que é milenar.

Me preocupo mais
com a vingança tola do pato.
Talvez em sabor
pelos dois eu ainda empato.
Gostaria mesmo de agradar os que são rivais.

■

[57] Pão Chinês cozido no vapor.

Primavera hostil

A flor avermelha entre os corpos.
Dos soldados,
os corpos,
tingem de rubro o chão.
Em carmim gritante,
a flor enfeitiça, encanta qualquer borboleta.
Vai ela e pousa por cima dos corpos dos soldados mortos.
Do néctar ensanguentado
alimento, o faz.

A alma alimenta a si pelos corpos.
O chão é alimento da flor
que a si ignora.
Os corpos também ignoram
a flor;
a borboleta;
o chão.

Ignora o soldado os mortos.
O soldado ignora a alma nos corpos.
A alma dos corpos,
fugindo dos corvos,
escapa dos mortos.

Vai transformar-se qualquer borboleta
em outro lugar:
longe da flor carmesim,
longe da guerra.

Os corpos serão transladados
— números mais;
medalhas de honra;
luto;
lágrimas;
mais funerais.
Tão simplesmente assim pois então.

A flor carmesim ignora,
espera,
desabe da hora:
aguarda os corpos tombarem
tingindo de rubro o chão;
crisálidas desabrocharem;
chamar atenção das verdes aladas
a verem de perto as pétalas suas
personalizadas
u m a a u m a .

A flor não desabe da guerra,
mas a borboleta prefere os corpos
pois a alma dos mortos
não sabe da flor
ou da borboleta também,
mas a borboleta prefere os corpos.

Os corpos sem alma na guerra
matam as flores e as borboletas.

A flor ignora os pés dos soldados
e brota em qualquer lugar.
Vai confiar em um dia da paz:
as asas sobre si planarem.

■

Conversas paralelas

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.[58]

Ela:

Conte as sutilezas do seu tempo delicado florescido na manhã pra ir ao sol acompanhar com alegres passos de mãos dadas, conversando sobre o horizonte a se afastar sempre de ti permitindo longas caminhadas, tempos como o arco-íris ponderando jamais terem fim, que empurram afora da estrada toda mágoa entalada pelejando a si evoluir, digerindo as dores na campina flavescente, colorida pelo sol rasgando o céu anil decididamente indo adiante, pois se o sol alcança o horizonte, permite-nos ser feliz.

Ele:

Fale desabrochando dos tons mais perspicazes no telhado desprendendo-se ser pétalas carentes a procurar regos d'águas, como a fim de enfeitá-los: sol rasante a irradiar campos usurpando as tristezas das estradas copiando a criança que ousa atoa ao céu sorrir ao soprar o vento manobrando forças aptas, indo as rosas cálidas ao trâmite do sol circulando o céu ─ a bola de cristal divina ─ ou trilha mais restrita para nos fazer feliz.

[...]

■

[58] Primeira estrofe do sexto soneto de Luis de Camões no livro Lírica: Redondilhas e Sonetos, p. 85, São Paulo: Publifolha, 1997.

A bela é fera

A porta espia quieta e delicada ELA a BELA ensimesmada a FERA, protagonizando o próprio filme que escreveu. Não quer ser a donzela, força a porta esmurra ela, joga a divisão ao chão, fecha o punho como o cavalheiro que usa sua força sem noção. Suas mãos, duas marretas tão viris, masculinamente suas e as unhas, coloridas de "um rosa", que nem mesmo a melhor prosa poderia descrever, continuam em seu brilho impecavelmente lindas. Atravessa o corredor arrastando tantas vistas parecendo um turista de aparência singular, implacavelmente firme nos destinos desenhados no seu mapa de conquistas bem grafado dos tais sonhos que não foram só sonhados, mas no coração impressos, e nas pernas, e nos braços. Feminina nos quadris, masculina na vaidade, deixa a tola hombridade a arma escusa dos rivais mal caída aos seus pés, mas tão bem pisoteada pelo salto plataforma ressaltando suas formas não inibem suas ações desbravarem terra estranha, tais os velhos, os barbudos, pelos seus antigos mundos, implantaram seu querer. Alguns não a admiram, ELA os vê de costas indo, abaixando e subindo os seus ombros invejosos desejosos de hombridade, mentirosos na vontade fingem construir um mundo onde as oportunidades estariam ao alcance de qualquer molde de mãos. ELA mira o castelo, não por que é belo e alto, também não por que as muitas, as princesas exaltadas, as tão frágeis e minguadas, lá esperam o salvador mui altivo e cintilante, cavalgando em esplendor um corcel negro de espaço. ELA o quer tomar à força sem mordaça que a impeça de cantar enquanto urra pelas ruas a bailar como a bailarina crua em seus puros movimentos, expurgando os lamentos encrustados nos deveres implicitamente seus, totalmente enviesados pelos machos que a culparam da vagina carregar. Os seus passos belicosos computando o fosso inócuo, que os preocupados guardas apontavam em precaução, intentando nELA o medo, insuflado no degredo, que imaginaram inutilmente ELA possuir, pois em seu caminho pedras eram atiradas sempre vulgarmente e propositadamente "sem querer". ELA os vê com mais desprezo. ELA exibe suas armas, a espada e o escudo, apontando-a para o alto, erigindo o aço duro. Como sabe da falência, que o ereto sempre cai e a sua masculinidade logo mais se esvai, porque o simbolismo fálico sucumbi na presença de uma fêmea que carrega uma espada tão imensa. ELA toma o castelo sem

borrar a maquiagem, esnobando as vontades e as ordens pra parar. Não deseja o belo trono, muito menos a coroa, antes, quer que admitam que o seu lugar é lá; e também é qualquer outro onde ELA queira estar. ELA é FERA, ELA é BELA, pode brincar de donzela esperando na janela o gentil amor chegar, ou então voltar à tarde, despedindo-se do sol, arrastando a cabeça de um dragão para o jantar.

■

Tombado na praia

Sentei na praia e te esperei
pueril pensei viria a mim
assim, tal ondinha suave,
em grave tom, tal meu amor,
que em penhor te ofereci.

Pois essa dívida impagável
é um agradável bel-prazer
quando ao colher os meus anseios,
pousei em teu seio o menino,
o sem destino até te achar.

Mas tu vieste tsunami,
e sem vexame me afoguei;
provei contente tua água,
e a mágoa densa carregada,
eu vi calado se ir. "Adeus".

Tu és tão desproporcional!
Tombou a nau como se nada
(onda na praia a revirar);
e eu no mar submergido
contigo fiz-me pleno, enfim.

Ao sufocar-me furiosa
ao todo te experimentei,
e desejei liquefazer-me
igual perfume ao se inalar,
pra ser em ti quem sou em mim.

Sua fúria, brando toque é.
De pé não pude suportar.
Quis dar de troco a promessa;
com pressa boba imaginei;
daí engenhei de vez te ter.

Cenário rápido mudou,
calou o ímpeto sem par
ao encarar sua decisão
de antemão quis desistir,
mas em partir não quis pensar.

Estou sereno ao pôr do sol
com um rol de tramas por fazer.
O meu querer é seu também,
e sei ninguém vai nos parar
já que o seu mar sou todo eu.

■

Dor e prazer

> "a dor das porções inferiores do nosso ser frequentemente conecta-se ao prazer das superiores"[59]

Como há prazer
ao sentir a mão delicada
o rosto acariciar.

Como há dor
ao sentir a mão violenta
o rosto esbofetear.

A mesma mão
o mesmo rosto.
Ou sinto êxtase
ou então desgosto.

A dor
é a extrapolação do prazer!

■

[59] Shelley, P. B. Uma defesa da poesia e outros ensaios. Tradução: Fabio Cyrino e Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2008.

Doxomania

Jujubeiro-espinhoso
um símbolo do amor,
da dor que outrora
o mundo rasgou,
pois mudo e injusto,
calado ao louvor,
ele não compreende,
sem causa, ingrato,
os símbolos do amor.

Por isso em partes,
rasgado em frangalhos,
cada qual ao seu modo
vão desesperançados
e por todos os lados,
erigindo em pedras
intrincados altares:
que espelham o autor,
mas a alma esconde,
rasgada em frangalhos.

Espinhos cravados
o fazem chorar
triste espinheiro
em sangue derrama
a antiga intenção
de um mundo salvar.
Mesmo sendo por Deus
o projeto almejado,
encarando os fatos
se revelam os fracassos
que O fazem chorar.

Mas se a fonte é a todos
acessível e bastante,
jorra água e sangue
aos pontos cardeais,
por que morrem de sede
tantas partes ingratas,
(beduínos na areia)
inventando miragens?
Querem matar a sede,
mas não pulam no poço,
ao suporem ser fonte,
acessível e bastante.

Abstraindo a vida,
a resumem em papel,
elaboram grafias
explicando o sentido
do que não podem ver.
Grãos de areia na praia
dizem sim ensinar
do mar os seus segredos,
do oceano o que há.
Mas o vento indeciso,
e as fortuitas marés,
expõe o acaso da vida,
a resumem em papel.

E derramaram sangue
prantearam as almas,
tantas partes insontes
em conflitos sem fim.
Ao fincar o estandarte
com o símbolo da cruz
maquinaram o resgate
que a mente abduz;
nivelando as crenças
desmontando histórias,
empunhando a bandeira
branca, mas respingada
pelas vidas perdidas
pranteadas das almas.

Conquistaram a lua
e o fundo do mar,
mas um só mandamento
— que é crucial da cruz —
já não sabem bradar.
Foi por ele os espinhos,
o vinagre e a dor,
o madeiro arrastado,
e a lança do lado.
Ele diz em bom tom:
para amar, só amar,
em princípio a Deus,
em seguida, quem há
ao redor, derredor,
até o fundo do mar.

Jujubeiro perdoe
os espinhos cravados,
inculpáveis ações
sim serão bem julgadas.
Pelo justo pregado
no cruzeiro do sul,
morto, ressuscitado,
pela via expressa
sim derrama perdões,
a fim de alcançar
todas partes no caos
que provém dos altares
na autoidolatria;
do receio ao martírio
e o desprezo ao custo
dos espinhos cravados.

■

Funerais

I

Dores carpideiras vadiam gotas secas
rente à sepultura (brabo fim?).
Lenços pretos, roupas brancas...
pregação *trompética* blasfema
coagindo anjos não agirem.
Dolores caminham redizendo reza esparsa
cada qual ensimesmada dentro o breu,
abduzem roupas d'água postas de um velório antigo
cujo morto gotas d'olhos mereceu.

Sabem elas o porquê de estar ali.
Flutuando pelos versos repetidos
pelo vento inebriado das sevícias, dos pecados
remarcados tantas vezes pela pele
pelejando escapar, desistir, carregar a cicatriz
ir pra longe
para onde o monge esconde
na colina aonde a coluna ereta há de ficar.
Lembram elas densos versos,
os motivos, as tramoias
de porquê ali estar:

"Na sala o defunto desanda a falar
desfala a andar.
Em ásperos tons
reclama da vida que está a levar
na sua varanda ao ver pôr do breu.
Se atira ao sofá, e tíbia no fêmur deixa-se cruzar,
sem pele, só ossos, seu maxilar
articulando os sons
dessabe dos troços que dantes falou.

Os corpos se vão, a mágoa floresce
o falante defunto sim finge que esquece.
Mas os olhos vivos estão a julgar,
os cacos-dizeres de vidro no chão.
Em toda sua prosa a mesquinharia,
desculpas guardadas nas solas dos pés.

Palavras que nunca consolam: 'mentira!'
A fé em perdões já passou de morrer.
Só fala o defunto, mas nada entende
os ouvidos vivos ouviram chinfrim;
acenos singelos na mente esquecidos
jazeram à porta esperando partir.
'Enquanto a vida sim há esperança',
mas com essa tecla não dá pra compor
qualquer melodia que a alma alcance;
a vida aviou, e o perdão não brotou.
A foto no canto da sala, oculta
em meio aos sorrisos,
        as dores brutais;
do tempo que o vivo defunto falava
sons extenuantes em setas-desdém.
Agora ele mudo ecoa o passado
que no pé de mágoa floresce assim:
        brotando castigos
        que adubam a raiva,
        arraigam a vida
        frustrando a ida.

Na sala o defunto desaba no chão.
A mão que outrora não se defendeu
rechaça enfim, e redimindo a si,
enterra de vez o verdugo amor."

II

Entre palácios, banquetes, saudações do vencedor
        pairam sobre o pântano
— desova das conquistas todo-custo —,
eflúvios dos aspectos benéficos,
        flores singulares solitárias
        dos cactos desérticos
        reprimindo docemente das tais águas cristalinas,
        retardando brotações
dos aguilhões autênticos ferindo em si a cura.

Para a noite a trocar pneu,
ante à penúltima gotícula de luz-sol evaporando;
        vão embora as carpideiras!?
Haverá manhãs para as hodiernas dores,

intercalando nuances de gozo, deleite,
choros pelo leite entornado,
carícias sem afeto;
desalentos com abraços;
lágrimas silentes reptando a gravidade
adentrando olhos dentro ao corpo fora
de uma sincronicidade lastimosa dos adeuses.

Na praça das almas, funesta,
a festa noturna começa;
bailes varam madrugada adentro,
afora,
até raiar as crônicas dos galos
remendando peças de roupas rotas.
A sinfonia vai balsâmica pairando rente as árvores
move-as ao sopro das harmônicas
dissonantes e poliformes melodias guturais.
Os galos gestam a madrugada lesma,
lerda, pois o choro incontido aderiu-se à testa na terra
e as gotas serenas — camufladas de colírio —
procrastinaram, ao entupirem o fluxo,
a vinda
das outras sinceras da alma liquefeita,
sem contenções na barragem trincada das dores,
Dolores,
as três,
aquelas carpindo, limpando o mato,
as ervas daninhas
do seu bel jardim nuclear,
pra desabrocharem mesquinhas as rosas
expondo as caras ao sol;
ao adentrarem os cactos verdes
mostrando as flores do ser já se foi
aspergindo a límpida água ao redor, derredor,
farão primavera;
chover rente ao meio da tarde;
fazer colorir os delírios
e rir só o choro real,
porque o de antes cansou de chorar por colírios.

Após sete palmos, nivelam-se atos, fatos;
e os gatos garantem
nos lacrimais cemitérios

tétricas auras
pra cativarem as dores ao choro
nas jaulas sem grades, paredes ou chaves
das portas fechadas na era de ar respirar.
As portas se abrem nos mesmos ─ os colos ─,
aqueles pisando os ossos dos pés
plantando na terra espiritual
as almas-sementes que ascendem
aonde os anjos guiarem-nas.

Jeremiel assoprando o fagote;
as valsas tristonhas-alegres
r e - b a - t e m ,
r e - b a - t e m ,
r e - b a - t e m . . .
quicando os sons nas quinas de mármore
frias e brancas e fixamente morridas
só querem das flores de plástico verem brotar.

Pares de pés levantando poeira fantasma
mal cansam.
O baile não sega,
e o som revigora a vida.
Aplaudem o solo dissimulando não verem as dores reais,
também as fingidas.
A música tapa os ouvidos sensíveis
ao toque dos ossos
e o mármore tenta esconder
pra'o lado de fora a vida de dentro
tateavelmente veraz.

Alguns dissabores insistem viver nas memórias
dos outros:
terrenos,
feridos,
mancando,
visando perdões de quem boca não tem.
Memórias Dolores em cores, odores,
deitadas nas flores, vertidas de prantos sinceros ou não,
onde o quando fecha a cara
o tempo cômico eterno para
o riso otário, quando o onde
para o tempo rindo eterno.

III

E uma pergunta atando o rabo:
— Por que deixo as rosas? —
E responde num divã monólogo na grama baixa deitada
frisando os olhos ao céu azul-gritante;
assovia uma introdução improvisada,
melancólica como as dores das cólicas menstruais
ecoando da cantiga melódica
por Jeremiel e os seus menestréis.

"Não pela falta
escondida a palmos,
sete palmos no chão
(desprovido de ar,
soterrado em sonhos,
putrefato de amores),
q'eu deixo as rosas.

Não é pela fé,
largada do pelo
caída à porta
tal um velho jornal
(não se vê, nem se lê,
mas se limpam os pés),
q'eu deixo as rosas.

Não pelo rancor
revelado nos olhos
(borrifados em rubro)
arraigado à alma;
inventado longevo;
conduzido no lombo,
q'eu deixo as rosas.

Não é por você
vapor de história;
corrente do rio;
foto amarela
(deitada a cara
na velha estante),
q'eu deixo as rosas.

Não é por mim,
um triste remendo
de tantos amores
contidos *in vitro*
no cofre perdido
fora do coração
q'eu deixo as rosas."

IV

A outra sem fé, manchada em mostarda
do quente sanduba mordido na festa
— a de despedida
(não aquela das almas dançando as valsas),
recolhe o choro e socorre uma sombra de nuvem transitória
de lá para cá rumando ao sumiço;
sem desperdício entoa no seu bandolim
ao desconhecido na foto
uma canção *multiacinzentada*, trocista,
perpassando harmonias de cores.

"Batuco a lira sem cordas
caminhando ao cemitério.
Despeço o mistério esquecido
e pulo no brejo molhado:
espelho que há tempos me espera,
velando memórias do umbigo
no tempo do embrionário
estado ornado de plumas
do pinto ainda não nascido.

Cravado na boca, o caimão
devora sem saber por quê
suspiro cantando a vida
se ela, me abraça e lesiona
a tenra umbilical corda,
a morte, vadia de branco.
Ouvindo por entre as tumbas
a muda canção ritmando
os passos, pisando na lira,
compondo batuques estranhos
q'ouvidos não podem saber:
o ser sim desfaz-se na tumba."

V

E mais uma
        — a outra das três —
tenciona os melodiosos acordes de Jeremiel
e berra o trombone de vara na boca medonha.
        Desafinadamente
procura a grave, específica nota acertar.
        Erra toda vez na lúbrica escala,
vai do grave ao agudo num átimo mudo
e lembra da vida-senoide em náuseas clamando;
        mas canta de modo precário, mas canta,
        porque afinal só lhe resta cantar.

"A vela branca quero ser
que queima ao desatento
        igual a todas velas
derretendo-se aos poucos.
Acesa na calçada ou beco ao faltar sentimento.
A vela esquecida
        que ao derreter vela ao morto.

A vela ímpar quero ser
que queima até o fim.
Aquela acesa há dias
lá no tumba do indigente
sem foto, nome, e dia do nascer,
mas tão somente
        a vela
que a chuva e o vento dó tem de extinguir.

A chama só, da vela, quero ser
        a insistente,
fingindo ser a lua (ego
em mais escura noite)
no invernal amor cristalizado em censura
        do coração descrente
que ao indigente se fez cego."

VI

Aquela que esqueceu a sombrinha dependurada
no mirrado arbusto entre túmulos pequenos,
ao voltar tropeça,
chora,
recorda,
e fere a si,
solmizando sua partitura inteligível
tropeça no drama das três Marias choronas
fingidas ou não atuando bem, convencem
até mesmo os anjos cansados
vivendo o dia da volta ao céu:

"Chamas se erguem no campo aberto;
sentimentais nos consomem sem prévio aviso.
No ar nevoado
fumaças espalham, adensam acertos;
palavras mentais, não boçalizadas, o peito, comprimem.
E o fogo imposto das mãos desconhece,
o peso da pele lesada:
pavor de feitura a face a ser.

Paisagem estéril, histérica queima o vento,
redemoinhos laranjas consomem as dúvidas nossas.
Das folhas ardendo em brilhos destinos
assim vão-se os olhos sumindo ao resquício de algum calor.
A terra, outrora festiva, agora em cinzas;
e os corações esboroam em pó ressecado do negro carvão.

As marcas dos corpos cremados, no solo compõe
um quadro de cinzas-história finais
no dia da separação.
Por que acendemos a palha sabendo do pronto perigo?"

VII

O anjo sabido então se intromete,
põe o seu pote de lado na terra,
faz um sermão amainado de plumas
interiorizando-o nos vácuos dos corpos:

"Se não fosse o silêncio nessa clareira,
nesse canto esquecido tão longe e frio,
se não fosse o desejo desse abrigo
onde o mundo cala sem qualquer carreira;
se não fosse o sossego,
o fio cortando o ruído em sua fronteira;
se não fosse o refúgio
a maneira de fugir ao tumulto, ao som vadio.
Se não fosse por isso...

Se não fosse pelo espaço sereno, sem labirinto,
sem o eco das vozes se impondo,
sem o peso do ruído indistinto,
        não haveriam pazes,
        nem a leve força
guiando-nos ao lugar dos ventos brandos.

Se não fosse por isso...
não haveria na mente espaços
para brotar discreta sem agonia
aquela poesia tagarela e tardia.
Se não fosse essa fuga, essa trilha
por entre as árvores altas.
O dia?
        Só ruído,
        pura vigília,
        barulho altivo.

Se não fosse por essa busca, esse desejo
no encalço dos silêncios:
        o lar esquecido,
onde o tempo dobra-se em seu ensejo,
e o ruído não alcança os sentidos.
Se não fosse essa rota solitária,
afastando o caos e o som invasor,
não haveria calma necessária
        para viver as pazes,
na clareira das claridades santas.

Se não fosse o afastar-se dos rumores,
insistindo (impostor), incessante,
não ter-se-ia alívio nem mergulho
nas águas pacatas do instante.

E no refúgio quieto, minguante e lento,
onde a mente desvenda os segredos ocultados
entre os muitos dos barulhos indolores,
o espírito emana, vasculhando algum descanso.

Se não fosse a quietude entre as pausas,
'Não!' é certo, aos espaços ao pensar.
Ao fluir sem mais amarras,
        e sem pressa,
        e sem medo,
e o coração pulsante mais querendo acelerar
numa busca incessante,
mais viria a se perder.
        É talvez
pelos ecos dos ruídos inconstantes,
exceto pelos tantos se não fosse.
Se não fosse por isso..."

VIII

Um morto defunto levanta, de ouvir as canções
também o sermão do anjo intrometido.
Quer ele dizer, com a rouca expressão,
        a particular desde a mocidade;
todos os lamuriantes demais para o seu paladar
clamam ficar por ali enquanto os outros se vão.
Mas ele recém neste trampo de morto
já pode aprender pelo velho vizinho
a poetizar sobre embaixo do chão.
Daí num ai de uma noite fugida escreveu:

"Trincam os ossos riscados no éter cinzento
estalando sob a pressão das ideias murchadas.
        Rachaduras miúdas
revelam no branco do negro oculto
as veias rompidas.
Cartilagens esgarçam ao toque,
as sombras das palavras rabiscadas no gesso do tempo.

A lâmina corre fria desajuntando articulações,
e inventa fraturas ressoando ao ar.
Será que me dói?
O silêncio das fendas sorrindo sem boca,
porque cada osso é um verso curvado,
poema quebrado refeito nos seus fragmentos de si.

Deslizam aos dedos: falanges-memória,
se encaixando mal, pois cacos de uma escultura falida.
Tudo demole,
exemplo de um corpo que fosse pretexto
querendo as palavras morressem cansadas
ao metaforá-las,
sabendo o peso já não mais sustém.

No fim do final do cansaço:
só osso,
só resta o pó;
um eu-esqueleto de ideias só terra
tão bem soterradas e calcificadas
nalgum cemitério de páginas brancas."

IX

Bem contagiado um outro defunto levanta a mão,
e logo em seguida a voz.
— Será minha vez — pede que prestem a sua atenção,
e calem, pois, sabe jamais falará.

"Na linha além-mar
o barco amíngua
a esperança surge,
e o leão que ruge
aqui dentro de mim,
se aquieta indefeso,
pois mesmo o medo
(abundante alimento),
atinge seu fim.

Me serve de mula
enquanto a esperança
reflete os sóis:
meus olhos infantes
(amantes do mar),
chorando a cantiga
das jovens sereias
expulsas da praia
por não esperar.

Calçando as pantufas
me atrevo a um café
e espero a esperança,
e dança a fumaça
tocando o nariz.
Despeço as amigas
e peço ao mar,
meu bravio espelho,
pra ser aprendiz.
A lua retorna
geometricamente,
e suas marés
sempre hão de voltar.
A vida é eterna
a morte uma só.
Sem nó, infindável,
há vida pra sempre
se a morte enterra.

Esperar na vida,
— bem nesta, vencida
de dia e de noite;
no açoite do tempo
que rugas oferta
e curva o ereto;
e a morte, silente,
já espera por nós —,
é a escolha deserta.

Melhor olvidar
o mancebo sadio,
pois mesmo um rio
evapora, se esvai;

a fruta apodrece;
falece a montanha
e vai-se ser garfo,
cadeira ou suporte.
E ninguém permanece.

Depois que as pás
nos plantam na terra
e a guerra encerra,
mãos juntas concordam
com olhos fechados:
no fim, o começo,
um preço grafado,
o mesmo pra todos,
co'a vida eterna
eternos casados."

X

Medra um silêncio dos espectrais,
pois ergue-se alto o Senhor dos ossos,
e, erguendo-se alto
vagarosamente caem fragmentos de terra
dos quais fogem o dilúculo orvalho.
Tenebroso, conspícuo e altivo
magnetiza os olhares todos
impondo reverência inexplicável
estampando uma deidade manifesta ali.
Em volume quase inaudível narra a sua história
ao modo do protagonista ser outrem:

"No cais do destino aguarda sozinho, na névoa serena, silente e mesquinha. Aguarda o barqueiro — de olhos vidrados —, no triste trabalho, de remo em remo, ir lá, ir buscar.

No amplexo escuro do canto da vida, talvez 'despedida' soasse cortês; mas por ser amargo, sozinho no trago, palavras faltaram e a falta sobrou, na última ida, sem volta, guarida de abraços perdidos forçou desmanchar.

No frio sem abrigo o banco amigo não quer aquecer, porque se esquece o quão enlouquece em ti se sentar. E escuta calado: mortiço acuado notando a vida na porta da morte, de sorte, que ainda, tempo há pra viver.

A ponte quebrada por não suportar tantos os delitos o ilha de lá. Descalço e insensato revê o passado, um sonho apagado, mas fere seus pés tais reles pedrinhas na via do mar.

Se é isso viver: revirar o lixo, lamber as férias tão autoinfligidas? Subirá no barco, vendando os olhos, como uma donzela a ser conduzida num virgem passeio bem *atardezinha* a fim de entreter seus olhos xeretas ao ver se esconder o sol entre as linhas:

divisa do mar,
divisa do céu.

A água é mansa falar nada quer, e quieta espera que vá sem clamar. A paz conquistada nas luas da noite 'é mais que sagrada: um templo esquecido do deus que morreu'. Já que é ateu afronta o desejo, paquera as pedras na palma da mão: lançadas na água, pulando atrevidas vão muito estorvar. É isso ou não?

Ao longe destoa ao nível do mar qualquer parca luz, de vela ou candeia, que não alumina, porém anuncia: ─ Barqueiro chegou! Espere na areia. ─ A água é fria dessabe da sina; o ar ao redor esfria também, abraçam gelados mostrando o futuro, gemendo o passado, trateiam as chagas com fogo e sal.

De braços abertos joelhos na praia ingênuo se dá: o corpo e a alma. Não há cortejar, ou toque nas mãos, o arrasta na areia, mão no tornozelo. Cara à milanesa, um grito escapa berrando perdões. As unhas na terra almejam parar à força o barqueiro. ─ Que força o barqueiro tem pra lhe levar!

As folhas revolvem a floresta canta, toada senil escondida bem. As lágrimas salgam as águas do mar. No barco jogado seu corpo então, pensando ser trapo que a velha usou pra limpar o ralo por onde escoou o líquido imundo do mundo qual viu mil atos escusos.

Sorri o barqueiro cantando no coro, se unindo à floresta; o tempo parou, tão só para si: estúpido esperto. Na rede, no barco debate-se insano, peixinho jantado logo mais será. Talvez é no monte, no

fundo do mar, espera que sirva ao paladar bem. Quem sabe a partida desta curta vida não seja azar.

Embora relembre as mortes vividas que sim provocou sem saber por quê; servir de jantar alivia bem: calote não dar ao que nunca pagou. Por isso desiste. Vidrados os olhos, inerte na rede, fingindo cadáver, encara o barqueiro que sério sorri. Enrugando a cara ajeita o chapéu, esconde os rumos e a foice também.

Na névoa sumidos, nos idos e vindos barqueiros do mar, um volta sozinho, estranho no ninho: não usa chapéu manejar não sabe a foice comprida, que pra sua vida seria o castigo, o cordão rompido, o ovo no chão.

Achega-se a praia. A foice arrastando, mentindo o maestro a ergue pra o ar. Regendo a floresta embala a cantiga a foice-batuta dá a ordem: — Pausar! Silêncio sombrio, mas logo cessado, à força derruba de lado a lado, arbóreas cantoras, no chão vão roladas os troncos sem vida a ponte compõe.

Voltando de volta, de volta pra casa no sujo caminho, pisando as lambanças caídas pra trás, — migalhas de pão de João e Maria —, não matam a fome, mas quando a mentira suplanta a ciência, a percepção do sonho e o real, venenos mortais são fontes de vida; comido os pães retoma o voltar.

De longe avista: janelas da casa, só uma acesa. Já é madrugada e a noite dormindo o galo esqueceu, não quer acordar. Espia nas frestas, nas fendas-verdades, por entre as paredes, a prole a dormir. A paz exalada, perfuma os sonhos, aquece a lareira, descobre as ações e o deixa no frio, no alpendre vazio, na tácita noite, sem lua, nublada, desesperançada por o ver ali.

Tombado na porta caído no acesso, a casa antiga — perdido jardim —, inerte de fora os olhos vidrados jejuam ciências: o fim é fatal. O dia já vem, a noite esvai. Um dia alguém bateu sua porta pediu para entrar, mas ele negou um copo molhado ou mesmo um olhar, vetado favor.

Agora o cachorro, seu único amigo aquece os pés, até vir o sol. Mas o sol não vem, também se esqueceu de abrir a janela pra terra o ver. O morto fugido pensando consigo: 'eu vou me matar'. Esternotomia com sílex agudo, sem anestesia, sem gritos de dor,

pois sim, o rancor veneno da alma, insensibiliza; narcótico canto ecoa ao rasgar o peito em dois.

Tum-tum decomposto. O negro da noite espanta o amigo e as moscas atrai. O sangue umedece a porta de entrada exala o fedor das tantas ações maldosas e más.

O sol aparece enfim no horizonte mostrando o fim que logo se vai. À alma fendida ordena o Inferno voltar um barqueiro (resgatar-lhe-á) levar os seus sacos juntar os pedaços, o costurarão chegando ele lá.

Um átimo morre um outro origina, singelo momento, mas tão singular, que não se repete em lugar nenhum. A morte e a vida
são linhas de Deus:
divisa do mar,
divisa do céu."

XI

Se só resta o coveiro esquecido por todos de lá,
o sempre presente (inobservável),
um móvel de canto;
ele sabe dos pensares pesarosos
sombreados e tão bem discretamente disfarçados
nas lacrimais lástimas vertidas na grama, na terra
aparadas pelo anjo coletor;
no pote de barro as lágrimas narram silêncios,
os reais verdadeiros motivos,
e ele sabe,
pois é ele que só resta lá
depois de todos partirem abandonando pedaços para trás.
Por saber além, por saber demais,
concluiu um discurso desajeitado e introspectivo
ao anjo coletor ─ fingindo distraído, mas cônscio ─,
ao ouvir as últimas notas decadentes de Jeremiel,
por assim se diz:

"Depois do quase,
já bem perto de onde lá,
rente à margem do ali,
onde o vento há de pousar tranquilo e quieto parar para me ouvir,

vou soprar tuas orelhas
coisas quase, como:
ver uma qualquer flor se abrir;
ver a derradeira luz do sol que vai;
ver a poça d'água perder a última gota;
ver um passarinho despencando lá do céu;
ver o que há pra ver na derradeira vez o ver.

No epílogo da vida cada frase
(das sentenças rabiscadas
antes de,
depois da,
antes da,
depois de)
principiam-se com Quase".

■

A suspeição da culpa

Ah culpa...
Por que tu me culpas só agora?
Onde estavas tu,
enquanto esboçava o que executaria?
Onde estavas tu,
enquanto executava o que esbocei?

Se houvesses tão somente assoviado,
ou escarrado a garganta,
ou deixado algo tilintar no chão...

Mas só agora surges em minha presença
para proclamares meus erros!?

Tu julgas o meu passado
mas,
quando era futuro unistes os lábios,
quando era presente juntastes as pálpebras.

Invoco tua suspeição, ó nobre julgadora!
Te arrolo como minha testemunha.
Não julgaras minha lide!

Minha sentença foi prolatada há tempos,
pelo inculpável,
que da cruz verteu perdões,
entornando-os até
o passado,
o presente
e o futuro.

■

Empréstimo luminoso

A lâmpada apagou caída e já era noite.
A noite ascendeu o sono.

No sonho queimei mais campinas clareei a noite da luz apagada.
A lâmpada avocou sozinha o poder da luz.

Caída e quebrada ao solo espalhou-se o fogo ascendida a chama combustão interna nas gorduras moles.
A luz chamou-me atenção, porque já era dia.

Sozinho apaguei as chamas antes de espalharem devorando campos.
A morte se encheu de gozo.

Tão já corri em solo cinza junto a atenção e recolhi cadáver juntos espraiados pelos lagos pares.
O dia ofuscou as culpas.

Culpado terra em solo vivo emprestei do dia o poder da luz e adi à lâmpada um gesto ingrato.
A luz me revelou os planos esquecidos antes.

Cadáver acudi ferido juras de joelhos penhorei a luz a escondi calado pensativo aos prantos e chorei miragens.
A lâmpada negou os sonhos ao afugentar o mor poder da luz.

Na noite fomos capengando (desbotando o dia) lâmpada no breu evitou o fogo pleno adormecido em seu seio podre desisti dos sonhos.
A lua corrigiu o signo, desenho antigo ao fogo pendor.

A lâmpada eu queimei enquanto os olhos eu fechava já adormecido todo o mundo escuro pois já era noite em um sono eterno era eu miragem descansando ao solo cinzas dialéticas paisagens raras.
A alma caboucou a trégua.

Eivado desisti da trégua empunhei a tocha e fugi em pasmo pelos campos cinzas mergulhei aos lagos.
A alma despistou o dia por achar luz pouca.

Na treva luz à costa-escura revivi o plano mal fechados olhos socorri o grito na cabana morta.

A alma se encheu do fogo e queimou as águas.

Vapores espalharam brilho desta tocha turva tanto peregrina revirando os sonhos encontrou a barga.

O grito ecoou espanto ao me ver sozinho sem a luz escura.

Porque amores brotam só ao se regar no choro pós a queima escusa pela noite escura quando o fogo sacro faz-se emudecer.

A alma livre na cabana agrilhoou a porta.

Cercando circulei a casa tocha rastejando fez caminho o fogo espargiu ao centro alastrou os gritos e a fumaça ao céu.

A luz chorou a noite toda se apegando a lua.

A morte desculpou a dívida cedi a lâmpada e corri calado luz à costa-surda palmilhei retornos preterindo a lua sua luz escura.

O grito logo embatucado ao romper o círculo a morte queda.

Descido da colina ao vale começou o dia revelou as chagas e as cicatrizes luz do sol ardente desprezou passados despejou na mente minha desvalida toda luz escura clara tocha fogo lâmpada sonhadas quando confundido pelos Eus nas rédeas dominando as brasas.

A alma apagou sozinha o poder da luz.

■

Quando parei o meu tempo na estação

Na estação
o esperamos sentado,
aguardando
que no tempo esperado,
o Tempo pare
e nos deixe entrar.

Mas ele não para!

Passa sorrindo. Esnoba os acenos.
Sossegado segue, porque sabe que é pleno,
pois carrega consigo todo o tempo que temos.

Olho obsceno
meu singelo relógio:
o ponteiro magrinho girando ansioso.

Puxo o pino...
e vejo o meu tempo parar.

Ordeno então, sagaz e teimoso, que os três se detenham no
[mesmo lugar.

Aqueles na estação miram sérios em mim.
E eu assim,
dando de ombros,
arrotando alegria
olho o relógio:
doze horas marcaria
para sempre.
"Para sempre" eu grito!

Inocente Tempo,
ignorou minha astúcia,
pois não estava escrito,
que um tolo, irrequieto e aflito
poderia pueril
o tempo parar.

Volto plumando pra casa
deixando na estação minha pasta
lotada de itinerários,
documentos de trabalho
e todos os ideários
        engendrados
pra vida nortear.

Dobrando solto a esquina,
hesitante em voltar
vislumbro o Tempo indo adiante e calmo embora;
digo adeus, dirigindo pacato minha eternidade.
Revejo a estação no espelho,
ofuscada e sem hora.

Talvez um dia volte,
        se meu tempo quiser saudade.

■

Um banco esquecido

Eu vi Deus e sentado na praça.
Muito só?! "Meio só"
eu pensei Ele estava:
a pomba ciscava do lado
do banco quebrado esquecido
e o Cristo no fundo chorava
cansado da mesma igreja,
de tantos os dias colado
na cruz que um dia deixou.
(Ou no trono ou no banco da praça
diluir Sua graça sustendo a gangorra
isola o divino do lado oposto,
de tanto que há mal. Balançando
no desce e sobe nivela com dificuldade
ao custo de mui imisções: queimando
cidades; afogando a humanidade;
às guerras fechando os olhos;
exilando povos; vulcões, maremotos
as pestes e pragas, repetidamente,
verdugos servindo ao mal do amor).

E o Deus era tão curioso.
De olhos infante, estelar,
sentado em cima das mãos
os pés balançavam brincando
em recordações do playground,
louquices na sala do trono.
Viu de todas as formas e o cego sentiu
(passava ali tateando no escuro),
pintando, ao piscar, o início de tudo
no breu do vazio antes mesmo do mundo
e os desejos sublimes secretos pra nós.
Inalou o perfume do cachorro quente,
pensou no Jesus de barriga vazia
no jejum forçado naquela abadia,
cercado de deuses calados demais.
Passou a menina, Ele assoviou.
Ela riu ao dizer: — Pode ser meu avô.
Em Seus olhos fulgiram porvires sombrios
dos primeiros caminhos pra ela evitar.

Eu vi Deus levantar-se do banco.
Meio mal-encarado Ele andou devagar.
Invadiu a igreja e o Cristo roubou.
Com a pomba no ombro fingiu o pirata
Jesus convidando o corsário atuar.

Nas palmas das mãos apontando aos céus,
vazados por luz os buracos da cruz:
multiplicou os pães e as salsichas também.
E o Pai com os braços cruzados
mirava orgulhoso pra pomba ao lado:
o Filho pilhava as almas famintas
(a cruz o impedia de bem laborar),
a cada mordida do pobre esquecido
debaixo do banco da praça caída
calçada de hipocrisia sem fim.

Os crentes sedentos por mais de milagres
lançaram Jesus para ser presidente.
Empenho, cartazes, palavras e cantos
rimando os feitos do mítico santo.
Mentaram um homem perfeito ao mundo
que não O contém, pois não Seu lugar.
Lançando a inveja no palco seu ato
seus adversários brotaram tal sapos
na praga que o Pai o Egito *trollou*.

Verdades metidas no excesso de fatos
num antro infestado de falsos togados,
surtiram efeito, num ato, um mandado
falseando o enredo, a ordem dos feitos,
penaram a pena: voltar para a cruz.

E o Deus derradeiro soou Seu sinal.
Jesus evadiu-se voando em balão.
A pomba ficou a bicar as cabeças
ferindo-as dolorosamente a cura
do elo nefasto herdado em Adão.
Cansad'os famintos da mesma receita
(por não entenderem as renovações,
a cada manhã, nos amanheceres
das firmes palavras jorradas da cruz,
que não o madeiro tão apodrecido,
mas graça premente a quem aceitar
as gotas divinas de orvalho pingando
enchendo a botija, aperfeiçoando)
pedradas em chuva voaram ao Santo,
já que Zaratustra o Deus enterrou.

Vestiram o manto dos magos antigos[60]
pensando os sonhos poder revelar
na sua estultícia a calamidade
mostrou-se feroz, mas cegos estando
resolutamente seguiram os cursos
por abjurarem palavras agudas:
espada afiada em dois gumes, que nada
escapa da sua cortante intenção.

Três dias depois se encontraram no céu:
e Deus balançava no ar mavioso
prevendo o futuro em seu vai-e-vem,
detendo o tempo de ao trampo voltar;
a pomba voava sem ter onde ir
provocando aos anjos cosquinhas
fazendo-os sorrir, bicando as liras;
Jesus desenhava no *karesansui*
lembrando do banco esquecido,
compondo poemas divinos.

■

[60] Referência aos magos citados no capítulo 2 do livro de Daniel.

Cão ateu

Meu cachorro é ateu,
ontem mesmo percebi
o danado a ladrar:
— "Au au au au au au au au au".
Como pode dizer isso,
esnobar as provisões,
a comida na vasilha,
água limpa pra beber?
Ser ateu é estar na moda,
até posso compreender,
mas você tão estimado,
bem cuidado como é,
vai ignorar o teto,
os mimos e as atenções
despendidas a você?
Mesmo quando caga em casa,
come meu sapato caro,
uiva sem parar a noite inteira adentro, nunca cansa,
late, corre e nada alcança?

É bem fácil ser ateu,
se o deus está aí
e não vai se despedir,
esperando que você
abra os olhos para ler
os escritos invisíveis
ou sentir tornando-se sensível aos fogos de artifícios.

Mas, sem medo,
cão ateu.

■

Safrinha

Essas colheitas,
as que procuras
entre as alturas
as mais perfeitas,
são bem mais puras
do que suspeitas...[61]

Por entre atalhos
dos mais caminhos
não esmoreça,
então persista.

É de caminhos
tão feita a vida
ou das passagens
e recomeços.

Peça licença
e pule a corda
os desafios
nos fortes fazem.

Entre as safras
há de descansos
pare e pense
deixe passar.

■

61 Excerto da poesia Ars Poetica de Bruno Tolentino, do livro As horas da Katharina. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

O você e a luz cruel

Nas horas arcanas a indômita realidade desfaz-se,
e os sonhos vagueiam, procurando altares,
enquanto ilusões na peleja se erguem
profanas aos pares — da realidade —
de olhos da xucra megera selvagem,
e forçosamente exige perversa
a minha completa e inteira e plena e total rendição.

Névoas suaves desenhando linhas
— oníricos mundos —,
jamais serão vistos nas percepções
se de deslumbradas caírem molengas,
erguendo a alva bandeira da paz.
Belezas se escondem nas dobras da sombra
e a nua verdade insiste mostrar-se,
mentindo ser una, e a outra em bruma
o é tão somente criada fugaz.

No chão é concreto e rígidas cores,
e o céu se contorce: promessas difusas.
Há falsos murmúrios. Silêncios repousam
e mais novos sonhos emergem das sombras,
local onde o ser e o não-ser fundir-se-ão
se a luz do mal dia, cruel nos seus raios,
— a luz da verdade forjando-se treva —,
não aniquilar do sonial você
o tão abismado poder de criar o seu sonho audaz.

■

A derradeira pluma

Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor
caem, são plumas.

Outra pluma, o céu se desfaz.[62]

Tal como patos pelados
por entre as plumas no chão
— cobertura das asas —,
ciscam os anjos em reprovação.

O lugar de morar ele está em frangalhos,
caiu sobre a terra; sobrou a Tristeza no resto do céu.

Na terra abundam a eternidade, a graça e o amor.
Não mais necessário é olhar para o céu!

Entre o tudo e o nada
a fé preenchia os espaços;
a fé: a última pluma a cair.
Deus responde e pergunta: Não sei! Morrerei?

■

[62] Excerto da poesia "Tristeza no Céu" de Carlos Drummond de Andrade, Antologia Poética, 61ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Animal-humano, humano-animal

O humano quer ser humano
sem que o animal no humano
seja animal.

Mas o animal tem fome
que o humano bem fácil combate.
Enquanto o humano tem fome
daquilo que o animal não abate.

Saciado o animal, o sono vem
e ele em paz descansa.
Insaciado o humano, toma-se de agonia,
pois o desejado nunca alcança.

O humano para ser humano
precisa devorar o animal no humano
sem que seja animal.

Mas o animal sangra no humano
para que a morte venha.
Enquanto o humano sofre as dores
para que nele o animal se detenha.

O ser humano nunca será humano,
porque o animal no humano sempre será animal.

■

Poeira perdida

Espiar o futuro pela fresta rasgada no tempo
quando Deus por aqui passou — neste quarto sombroso —
a instruir o meu anjo napeiro sobre como aplacar os pavores
daquelas, as noites sem sono dormidas co'alma encolhida...

Quando Deus por aqui passou
dormia o meu medo também,
e brancos, os sonhos imotos,
a Sua presença não mesmo abalaram.
Vi tão só da Sua luz
em um rastro incoerente:
p a c í f i c a ;
h o r r í f i c a ;
ecoava de uma musicalidade *ornitorrínica*[63].

O medo acordou foi e pôs-se de pé;
escondi-me cão medroso pelas luzes explosivas de artifícios
clareando de arco-íris denso céu
e terror a minha mente pequenina
na presença da Presença indo ausência inefável.

E dormi bem depois de tombar do lado direito da cama
certezando[64] o lampejo ser as sobras do meu sonho.
Mas depois acordei
consciente da estupidez
e me fiz de estátua
a admirar algum mar se abrir em um outro lugar.

O anjo agora desperto ao meu lado,
seus olhos de vidro brilhavam,
meus olhos espelhando os seus
não poderiam a Luz enxergar,
foi porque eu chorei vagalumes;
e eles ligeiros e zonzos
riscando no céu, o do quarto pequeno:

---

[63] Que tem das características discrepantes do ornitorrinco.
[64] Gerúndio do verbo *certezar*, que significar "ter certeza de".

um mundo enorme mas fora de mim
em intermináveis minúcias, pequenas astúcias,
pó, germens, prótons e nêutrons, matéria escura,
espaço completo dos indiscerníveis,
finito acolhendo a séria das infinitudes
das somas tendendo morosas ao ponto central
no zero — o nada — de onde o tudo provém;
esquivaram-se bobos da fresta entreaberta
pra não anular qualquer sua existência
e foram p a i r a n d o janela montanha à vista,
ao céu ascenderam cravando na abóboda a si
— para mim uma tela noturna
do mais perspicaz dos artistas —,
a crua, soturna, a áspera vida
(um dia ela finda
e vai brilhar noutro lugar).

De estátua gerando alguns pensamentos
os tempos diante de mim figuraram mistérios
nos desenrolares destinos aonde a vista não ia;
sequei-me ao sol desalmado
— debaixo da sua feroz vaidade —,
trincado caí aos pedaços,
e como escamado em mais nova pele refeito
libertino, liberto corri nu na areia ardente
pelado pulei dentro o lago-miragem-de-areia-só-ser;
notívago frio cobrou caro o preço do glabro
que d'alma encolhida ao corpo encolhido gemeu
a noite inteira: a noite leiteira mostrando a via do leite
nitidamente precisa nos pontos alados colados no teto
daqueles que antes fugiram por insuportável a deífica luz
perigando a sua singela existência.
Cuspi da areia indigesta;
segui as pegadas d'um inseto qualquer
até que encontrei a saída dali.

Sentei pela cama: na xícara a mão,
do chá da chaleira que dantes chiava,
e agora o silêncio a si conservava,
sozinha e largada naquela cozinha;
o silêncio naquela cozinha largado sozinho.

Chá de blasfémias bem apimentadas;
por bem-educado,
mantida as ações aprendidas enquanto criança,
eu lhe ofereci mais que algum bocado;
negou de cabeça em sermão tenebroso
nas sérias pestanas frisando o nariz.
O anjo segurava firme a bainha,
tão pronto a espada a desembainhá-la;
os olhos vidrados perscrutando o espaço
(um chumaço de grávitons indo de mim
revertendo os pesos molestos
em alguns pequenos tornados de ontem acomodações:
represas cingindo pecados quais os deveria
tão cedo ter abandonado nos rios
dos hoje arcaicos batismos do João sem cabeça)
alguma testilha aguardavam.

De tantas conversas eu escorreguei:
sonhando morar nas montanhas
e pela manhã,
a cara na névoa ver humedecer
— olhando daqui, deste quarto-prisão
através desta LCD
tão impermeável às minhas ações,
porque vira-e-volta me torno à estátua
e preso na máscara dura,
moldada em firme aroeira,
esqueço de olhar no espelho
revirar os olhos pra dentro e ver
daquilo de mim que eu quero ocultar.
Mas sonho atrevido, senão
sobeja a mim então esta cela
de quieta que é amofina a mais paciente *ansiez*[65],
me aparta no leito do Rio, tão seco de rio;
e o anjo dormiu outra vez,
não compartilhava da mesma intenção,
da minha intenção assoprada no chá
das últimas gotas de água do Rio

[65] Emoção relacionada a ansiedade; uma mistura de expectativa e preocupação.

assoreado nos erros humanos da pura essência animal,
instintivas vertigens segregam o espiritual do lado de lá;
lá do lado, da banda das dunas escondendo o mar
cercando alguém que não sabe nadar nestas águas de areia.

Tomei-lhe a espada pesada
no sono pesado qual o sufocava, tirando da cena o guerreiro.
Fendi nova fresta no tempo sonoro
na pele do espaço ferida rasguei.
E u v i a h a r m o n i a v a z a r p e l o q u a r t o :
bruma com gosto de luz flamejante,
aurora austral-boreal coloriu-me nefastas.

Pensei que iria morrer...

Eu vi Deus e sentado na praça[66]
de costas;
de olhos fechados sonhava sorrindo,
sem dizer palavras
do sonho só Seu me enxotou.

[...]

A vela já quase extinta tintava a dança da sombra
silhuetamente moldada;
marcava instantes pra o fim
o seu;
o meu;
o seu também;
o Dele não.
Falhava o ritmo meio ao suplício do postremo fóton
postumeira sombra pequena o quarto envolveu,
a fresta pois já se fechou;
a vela por fim se apegou
ao fio final de existência.
E o anjo a assoprou pré-vendo desejos.

Escuro.
Socorro!

[66] Referente ao poesia Um banco esquecido.

Eco do osso.
Socorro!
Escuro.
Ouro do *rosco*.

[...]

Não haveria de estar ali a poeira estelar
donde provim;
ou a sopa gosmenta de milhões de anos atrás.
Foi do barro inerte,
do barro pisado os divinos pés;
do barro fedido, nojoso,
a raça humana, os fez.
De tanta matéria a servir...
podia das nuvens;
do canto de algum colibri;
das águas do mar;
ou penas de um tordo qualquer;
do ouro, da prata, ou metal vulgar;
tão bem construir-nos.

Da sempre imanente, a dúvida sacra,
pareço estar patinando no mesmo lugar:
um carro de bois atolado na lama,
sem bois:
fugiram pra um abatedouro qualquer.
As teologais *soverdades*[67] de várias das teologias,
sempre escapam da indiscernível verdade na realidade intocável.
De apostasias,
delírios,
mitos fundados da imaginação (centelha divina),
emulações do tangível
em meras, soberbas aproximações
grosseiras, como as frieiras dos dedos do pé:
que são, já não, depois voltam e logo se vão.

[67] Verdade avassaladora e absoluta que se impõe de maneira implacável, consumindo qualquer dúvida ou oposição; verdade maior; verdade superior.

Melhor afastar-me dos tantos rabiscos
na lousa já embranquecida
pelas memórias das suposições recicláveis
dos fúteis criados da mente
da qual eles pouco entendem.

"A pedra secreta segredos sem fragmentá-la
quando na mão a pedra não é expressada".

"Num campo deserto florescem tulipas de todas as cores
não há para alguém o porquê de vir admirá-las".

O mundo não cabe em palavras.
Palavras distorcem a face do mundo.
Sente espesso o mundo o analfabeto
— as várias camadas em profundidade.
Inocente sente.
Ao menos não quer explicá-lo.

Por isto desisto e vou me embrenhar nas montanhas
juntar-me carente à trompa, ao fato, à vara,
à tropa selvagem fugida.

[...]

Quando Deus por aqui passou
eu perdido no sonho não pude tocá-Lo
e o medo de lado a lado mais descoloria,
pois eu só queria meu céu ser a mesa:
esconder em baixo da mesa, da cama,
cavar um buraco não-cova,
sumir das sonoras pauladas
— lembrança do quão cão ateu
sou eu, latindo as ingratidões[68];
ter alguém com quem conversar,
sorrindo do só, só do riso alheio poder distrair-me
sem mesmo ao certo saber o porquê do sorrir.
E as descoradas bagunças mentais,
os sonhos de branco tão branco:

[68] Referência ao poesia Cão ateu.

sem cantos;
sem marcas;
sem geolocalização.

Quando Deus por aqui passou
cochilava o anjo ao meu lado
e só bem depois acordou
após as censuras do Seu criador.

No fixo céu fixados os brilhos das gotas aladas
— os tais vagalumes fugidos da luz —
lembravam a mim meus pecados,
a desculpa do anjo e a minha também:
foi por isto tão só o Seu rápido escape,
e a fresta então já se fechou
ao seguir os meus olhos o facho de luz,
mas eu pude ao piscar espiar o futuro
em uma tão breve faísca do sonho de Deus.

Na estátua escapei de afirmar a verdade.
Adiei aceitar os perigos de empalidecer
a tortura da realidade que esfrega na cara
a verdade da alma tão nua distante de Deus.
E se dentro senti por um tempo estar protegido
foi porque insisti enganar-me;
foi porque eu fingi cego ser;
foi porque dividi as razões nas metades de suas metades
e continuei indecente até eu me esfarelar
em pequeninníssimas partes
que o todo não dá pra contar.

Eu vi Deus pendular no balanço.
Ele viu meu futuro
e o Seu eu não vi.
Ele vive lá fora do tempo,
e eu me esqueci
do chá esfriando em cima da mesa;
do anjo dormindo de pé;
do céu-vagalumes.

■

Autoridades

Os libertadores pasmam os muros
nas forças escandalosas,
aos gritos e bandeirolas multicolores.
Combatem conservas clássicas
no anoso azeite mantidas;
e ordenham as crias agrestes:
seu leite impuro
impor ao consumo desejam.

Os muros tencionam no chão;
e novas muralhas erguer — o intento escuso (ou não).
Libertar, vindicam, as já liberdades cravadas;
queimar os livreiros, autores também
escritores os amordaçar.
O escravocrata torna-lo escravo;
o rico leva-lo a miséria;
o crente fazê-lo ateu;
"Olho por olho, dente por dente".

— A existência do outro agride a nossa. —
pensam no escuro
pesando-se iluminados.
Repetir injustiças passadas,
na imatura humana afeição social e tão degenerada,
é de tantos estúpidos modos de agir,
aquele escolhido olhando o próprio umbigo
esquivando-se de antever o mesmo destino:
no futuro,
o pretérito aniquilado
ser-lhe-á seu presente.

Aos erros passados precisam os dedos mirarem,
mas mãos empunhando saberes
na ponta do lápis, caneta,
nas teclas do computador
não podem borracha ou Delete usarem,
pois é compulsório entender porquê das cicatrizes:

as armas intelectivas e os tantos feridos;
porquê aceitamos viver uma porca moral;
donde proveio a soberba ao modo do outro;
também sobre tanta ambição que no âmago é má.

Daí pois sim nos confrontarmos a vil natureza,
humana na essência, na prática há
de sempre vir obliterar as vozes dos outros
os eus sempiternos lutando por subsistir.

Espíritos dóceis e domesticáveis,
ingênuos, provêm de um Deus
qual presentou os pais primitivos
com um proibitivo presente a abrir.

A arte do palavrear eleva os eus,
os eus escondidos no lado de dentro,
querendo transpor as montanhas da ignorância
bebendo das fontes de sabedorias escritas em qualquer papel.

Melhor é saber que há tipos de Idi Amin[69] por aí,
e que muitos houveram,
e quem sabe os que mais haverão!?
No livro a palavra "escravo" vir amofinar,
exigindo mais reflexões,
mas que haja o livro no tom desprezível: o original.
Meus filhos precisam saber
por onde andaram os pés insolentes dos seus ancestrais.

Dos sete listados pecados, os tais capitais,
fazermos uns quadros de arte soturna
e dependura-los em torno dos nossos espelhos.
Daí pois sim nos confrontarmos a vil natureza humana,
na essência imana os eus flexíveis,
ocultos no lado de dentro, querendo sair,
aos dotes espirituais, aos dons espalhados no ar
— amoldamentos individuais

[69] Idi Amin Dada foi um militar que governou Uganda de forma ditatorial e violenta entre 1971 e 1979. Considerado um dos ditadores mais cruéis da história, seu regime foi marcado por perseguição a minorias étnicas, assassinatos em massa, violações de direitos humanos e instabilidade econômica.

pra criar muitas pluralidades.

Os libertadores precisam de rédeas.
Também focinheiras aos raiva-sem-jaula.
Os conservadores se calam, pois querem o mesmo,
mas pelo contrário, olhando umbigos,
desejam censura ao que, pois, pra eles é mal.
Esquecem ou fingem tão bem esquecer
que o livro sagrado esbanja maldades.
Os tais escolhidos do povo escolhido
pecaram,
pecaram,
pecaram,
pecaram.
O rei principal, o tão pequenino pastor,
passou o cajado na bela mulher do pobre soldado Urias
e o dedo apontado no *front*, sua morte selou.
Davi — o Rei do harém —
no vasto cardápio da poligamia,
escolhia com quem copular.

Exemplos ruins, tais aos montes se têm,
por isso é preciso falar:
da capacidade inata humana:
saber distinguir dentre as sombras das letras;
saber diferenciar ficcionais;
saber dos exemplos a não imitar;
saber que o passado nos ensina mais;

A história humana caminha assim:
progride,
regride
e torna;
decanta o aprendizado
antes de então avançar.

■

A vida passa?

A vida passa diz[70].
A vida passa!

Mas Bandeira, onde é que a vida passa?
O carro passa; a bicicleta; o carroceiro.
O passarinho passa, e o nenenzinho passa.

Eu sentada na cadeira a vida inteira
na estrada eu não vi vida passar.

Passou a moça atrasada pra igreja;
e o senhor aposentado assoviando;
a cachorrada em plena época do cio.
Passou de tudo, mas não vi vida passando.

A vida passa diz.
A vida passa!

Pra mim não passa
a dita vida me arrasta.

■

[70] Referência ao poema "A Estrada" de Manuel Bandeira do livro Antologia Poética, Editora J. Olympio, 1982, 14ª edição.

Sem fôrma a forma é disforme

Não me deixo à forma
pra não ser disforme
quanto à prima fôrma.

Esta forma emula
o que me é disforme,
não moldou na fôrma.

Pra esta forma eu grito
pra não ser disforme,
não sair da fôrma.

Mas a forma é chula
quer o que é disforme,
pois não vem da fôrma.

Nesta forma existe
um mal tão disforme
que entristece a fôrma.

Vai a forma enfim
tornar-se disforme
rejeitar a fôrma.

■

Ubíquo

Estive por tanto tempo mudo
ansiando minha vez à mesa,
numa morosa reunião enfadonha,
de soberbas pairando as cabeças.

Dedos na cara, tapas na mesa
olhares vermelhos infensos,
        acenos de lutas deixadas pra traz.

Tantas palavras cuspidas nas faces,
despertando a sanha das vozes caladas,
que dariam inveja ao brutal Coliseu.

Estive por tanto tempo mudo
pensando o meu corpo...
        Sentindo.
        Ouvindo.
        Refletindo.
        Ponderando.
        Ouvindo.
        Sentindo.
        Calculando.
        Extrapolando.
Que ao meu turno,
emudeci por inteiro.

Amedrontei-me ao conceber um ignoto gás
surgido do caos, espontaneamente,
como numa guerra biológica
principiada pela mãe-natureza zangada.

O gás adentrando meus pulmões,
estrangulando os alvéolos,
torcendo-os como pano de chão,
asfixiando cada célula do corpo.

Supus que o tambor que ritma
daria umas seis batidas mais,
quando as sinoatriais, inibidas,
não faiscariam em sincronia,
e, logo em seguida,
a bomba de sangue
em débito cardíaco.

Conclui que sem fluxo sanguíneo
meu cérebro desligaria sua rede neuronal.
As sinapses que permitem aprender
a filosofia,
a ciência,
a arte,
a andar,
a amar,
não propagariam os impulsos nervosos
e os músculos, todos eles, paralisariam.

Minhas lentes oculares inertes
captariam a luz uma última vez:
justamente as faces iradas,
fitando-me, tal miragem fantasmagórica.

O maxilar travado na mesma posição
daquele instante trivial,
quando pesei o falar,
jamais se moveria,
para qualquer som expressar.

Estive por tanto tempo mudo
que aos berros,
um tapa nas costas,
um tranco no torço,
esfolegou meu espírito dormente,
arrebatando-me do torpor profundo
dos pensamentos agonizantes.

Levantei angustiado da cadeira,
perseguido pelos olhares intrigados,
mas também, preocupados,
dos colegas impulsivos
que, pausando a ofensiva,
se voltaram,
        pouco a pouco,
a uma tímida hombridade.

Andei erradio pela sala
        curioso e febril,
tal qual um infante abduzido
pela beleza de uma arte ocultada pelos séculos,
revelada de antemão.

Da janela o céu mirei:
        mirabolante infinito
        que se finda em toda parte,
        mas as partes não têm fim.

Consternado e absorto,
pensativo indaguei-me:
qual o tamanho do suplício
experimentado por um Deus
cujo cosmo é o todo Seu?

■

Aceldama

Meu óculos tem
as digitais de um crime
        necessário indigesto,
ósculo amigo no ventre sabido,
turvado segredo aos 12,
embora só 11 se surpreenderiam:
        a última ceia serviu-o a todos
        por baixo dos p(l)anos
        das amicais palmas no prato,
        querendo o mesmo pedaço de pão,
        penúltimo toque fortuito(?), singelo,
        dos olhos abertos querendo ocultar
        o vil desentronizar desejado
        de um rei sem um reino terreno em alvo,
                "não quisera Ele assim, no tempo
                os reinos dos homens falecem cansados"[71],
        só então na morte coroado enfim
        por bobos da corte romanos,
        violentamente insanos,
        politicamente certeiros,
        ferindo em Mim legiões
        de tantos os tipos de fúria
        (nos golpes, nos goles do fel)
        do povo migrante, coitados!
        no reino dos gatos tornado escravos,
        zigzagueando em idolatrias
        tais novas camelas constantes no cio[72],
        dormindo seus corpos, prostíbulos sujos,
        nas camas dos deuses de barro, de pedra,
        de vento, de raios do céu, das águas do mar,
        mutados os tais elementos no gelo do norte,
        em sacras relíquias, nos sacros museus,
        pretensas igrejas (lugar de oração),
                destino de tantas peregrinações
                        caducas e vãs, velas acessas ao sol

[71] Está entre aspas, pois se refere a fala de um terceiro distinto do eu-poético o qual mimetiza Jesus.
[72] Referência ao livro de Jeremias 2:23.

em pleno deserto, no meio do dia
pra alumiar um qualquer grão d'areia,
(erguidos nos ossos e peles humanos
ao mando dos reis, frequentes profanos):
controle das massas insanas
que a simples mensagem:
(a Minha verdadeiramente
sacra e santa nos fatos e atos)
seu corpo é seu templo,
lugar onde Eu quero estar,
não compreenderam pedaço nenhum.
É a mesma cansada e velha história de sempre:
barganham O Deus eviterno
por tantos retalhos de nada,
engenhosamente tornados divinos,
cosidos por fios de ouro sagrados
benzidos nas águas do tanque *Bet-Hesda*,
prometem os céus,
vendendo
o que não é seu.

Amar só a Deus bem acima de tudo,
a régia imanente *perfecta* Lei
britada por trinta pedaços de prata
nas secas pancadas dos lábios marreta
do corpo discípulo endemoniado.
Talvez sem escolha? Não creio que o Pai
na onisciência dos vários destinos
um outro que não ombro a ombro ao meu
pudesse apontar; um outro, talvez fariseu
de urtigas palavras, embate capaz.

Por que profecias previram um amigo?
Bem logo entre os doze, a dedo escolhido?

[...]

Fui deus emperrado em corpo de homem,
mas mesmo o Deus incorpóreo em luz,
não pôde nos atos dedo-cutucar.
Não fora assim no ilustre jardim?
Ah... se eu não o tivesse escolhido
talvez elas pedras pudessem falar,

as mesmas nas plantas dos pés
à beira do monte que a alma decanta
espesso azeite, no breve jardim
Getsêmani, *Gethsemane*,
onde olivos pingos de lágrimas correm
entornando azeite nas pósteras chagas
infinitamente vasando aos rebentos,
que hora Me esquecem, hora repintam,
hora Me elevam ao deus sem igual;
(chá sem sabor, sem fio de quentura,
sem definição, mistura de muitas misturas,
catados à esmo, no chão, nos cantos das ruas
das ervas que brotam sem gente cuidar);
contar o enredo da épica trama
que desde o princípio Eu verbalizei,
por Ser o Eu Sou só de verbo forjado
construto inato da realidade
criada nos traços, nas vozes
nos gestos, na mente que
curto-circuito nas percepções
ocasiona, moldando o barro
num ente que sabe que é,
no ser geratriz d'outros seres,
parindo não-seres, coisitas e nadas,
ou substitutos pr'Aquele que É.
Mas pedras não tem a centelha divina
(por que haveriam de ter?),
nos corpos-fogueiras, soprado
o deífico ar, o cerne incendeia,
converte as leis biológicas cruas
(instintos ligados ao ser animal)
em intoleráveis cascatas de escolhas,
errantes, randomicamente levando,
um breve recado escrito a mão
guardado na vítrea garrafa, ao léu
do espírito-mar (dessabe o que faz,
é pedra molhada, não sabe falar).

Mas Eu bem entendo o sacrificar
de um corpo augusto, heroico, seleto
em prol outros corpos parelhos ao Meu
na forma terrena,
escrava do ar.

[...]

Um tal sacrifício tão tolo e vão...
Se ao menos tivesse esperado!
Dali mais um pouco viria Eu na cruz
derramar Meu sangue. Podia ser ele
o outro do lado. Do lado esquerdo acuado
clamando um campo, ou vinha,
ou qualquer pedaço de terra no céu.
Mas foi pendurar-se sem cruz
sorvendo sozinho o seu desamparo,
derramou entranhas tingindo o chão
no Campo de Sangue[73] partido ao meio
pisado nos pés sacerdotes do Pai,
firmando a culpa do mundo ali,
a mesma do cálice q'Eu
divino,
não quis degustar,
mas pelo inequívoco enredo traçado
Me submeti à vontade do Pai.

[...]

Pressagiar o ar se esvaindo de si,
e o corpo cordeiro imolado torcido
enquanto seu tépido beijo, o toque nos ombros
a Mim entregava aos enfurecidos
do povo, futuro de todos aqueles
que dali adiante, de qualquer maneira,
de modos sutis viriam Me atraiçoar,
derrete a alma que vaza dos olhos
gotejando em terra as humanas dores,
a onipotência contida, esmagada
por entre os ossos e nervos vitais,
nos órgãos querendo mais ar,
SÓ MAIS AR,
no molde de barro tão endurecido
secado em 33 anos seguidos.

---

[73] Referência a Atos 1:18.

Podia até ressuscitá-lo...
Mas se foi a morte caminho parido
— duelo que mais logo Eu venceria,
aquela pisada por Lázaro, amigo —,
Eu Me atreverei a romper essa lei
das livres escolhas da mente humana
que nunca bem sabe ao certo onde vai,
imposta do céu, menina dos olhos do Pai,
Iavé, que É o que É, e sabe o que faz?
Queria saltar ao final da tramoia
e relampear pelo céu[74], instantâneo
voltando em glória,
e os que são os Meus
Eu buscar.

[...]

No Sheol o vi pela última vez
contemplando os átrios da grande mansão,
as portas imensas, entrada de tantos.
Fingi-me de morto qualquer procurando
parentes, sentidos para estar ali.
Cheguei de mansinho, lembrando o menino
que fui espiando segredos do além.
Pedi-lhe um beijo e ele chorou.
Abraçou-me urso faminto enjaulado
clamando su'alma uns 30 perdões.
O realistei ao rol discipular
partimos 3 dias evangelizando
a todos antigos, que desde a enchente,
morrerão sem sentir o toque do Pai.
O Fiz pedra dura e pedra de esquina
pra edificar a igreja infernal.
Porque suas portas não suportariam
o Meu sacrifício,
Meu ressuscitar.

[74] Referência a Mateus 24:27.

[...]

Meu óculos minora a visão do Meu mundo.
Limita a omnipotência como as janelas
decepam qualquer horizonte ideal.
Vejo sem eles
        inimagináveis ramificações
        das ínfimas solos
        decisões humanas
        ante o primeiro disparo do neurônio primo,
desde o princípio
d e s d e o p r i m e i r o p r i n c í p i o
d e s d e o p r i m e i r o p r i n c í p i o v e r b a l .

■

Deus-homem revelado

O mistério do Deus que se esconde,
mas quer ser conhecido,
como uma flor que desabrocha
quando ninguém vê,

é o mistério do Deus que se revela,
mas não é entendido,
que se amíngua humano,
mas há gente que não crê.

■

Manual de sobrevivência

A saraiva cruel assole os campos,
Ou torrada a seara as esperanças
Do lavrador desminta.
Negros fumos espalhe sobre as terras,
De humano sangue tinja as águas claras
A guerra assoladora.[75]

Se no mundo estiver perdido
tenho comigo façanhas,
coisadas aos poucos
de um manual quase-exato,
e posso emprestar a você:
Lanternas de sapo-zumbi
recheados de caga-fogo.
Um mapa de onça pintado
mostrando felinos caminhos.
Dois dragões-fogueira de lenha assoprar
e flambar ruidoso, rosicler, as nuvens.
Asas de azul-baleia ainda de couro
para empreender uma tenda comprida.
Vassoura de cutucar ventos
prestando a varrer para longe as tais explosões.
Da pelúcia-drácula, tem-se as antenas
servindo a ouvir os conselhos Vulcanos[76].
Vara de ossos de anjos, porque necessário será
pescar algum bagre-sabão para limpar feridas.
Trompas de falópio de bronze ungido
para anunciar os profetas no alto do monte.

[75] Excerto da poesia À meninice de D. Frei Alexandre da Sagrada Família, Pedro Silveira (org.) Antologia de Poesia Açoriana: do século XVIII a 1975, Lisboa: Sá da Costa, p. 48, 1977.

[76] Os Vulcanos, originários do planeta árido Vulcano, são uma espécie humanoide conhecida por sua lógica e racionalidade. Membros fundadores da Federação Unida dos Planetas, contribuem com conhecimento científico e liderança. Sua filosofia, centrada no equilíbrio entre lógica e emoção, é fundamental para sua cultura.

O inverno das bombas rasteiras — cogumelo-enfumaçadas —
pousaram de mansinho sem
catástrofe; ou
alarde; ou
trombeta; ou
dor.
Uma vez no ninho acomodadas
esperando das minhocas matinais, tem:
dor; e
trombeta; e
alarde; e
catástrofe.

Relâmpagos guturais semeando as nuvens de choro incontível;
chuva ácida enquanto as montanhas, sorvete derretem.
Almas petrificadas nos corpos detendo o nirvana,
pois céu e inferno enlace, dos santificados, cunharam.
Gritos de parto presos nas bolhas plutônicas
numa colmeia de 239 aglomerações.

O resto de nós fugirá às braçadas rumando às cavernas.
Reinicializar a humana e tão decadente provada
a evolução da espécie...
quem sabe Krenak forneça as peças
e as engenhocas mentais
naturais
e espirituais
dos ancestrais seus,
para esta façanha terrestre.
É preciso demais decantar a humana espécie,
e deixar para trás os restos,
se sobras houverem.
Tenho planos dos sós segredados num bunker
nas costelas da curva cachoeira, aquela do Socorro[77]:
na caixa de papel carbono
cópias do manual, várias fiz de guardado,
mas receio os vírus zumbi (devorantes brocados),
faros agudos caçando famintos as massas cinzentas.

[77] Uma referência à Cachoeira do Socorro em Cassilândia-MS.

Após contar novamente a história, a pomba,
trazendo no bico pavios de esperança
roubados sorrateiramente das bombas,
poderei, pois então, pôr a cara ao sol.

A mais de um palmo da sorte,
no aguardo, espero você,
e "preciso que me espere ao fim da estrada e lá pare"[78],
suando tristezas por ver as cidades em pó reluzente de urânio.

O louco imprestável, acionando louco os códigos
codificados, coisificados,
numericamente instáveis;
alfabeticamente profanos;
poeticamente estridentes.
Detonações em cascata fremente
como contágio de riso na roda da festa tardando ter fim,
por toda a terra brilharam a vista dos abandonados no espaço.
Das inteligências pensando por nós
as PEM terminaram com todas.
Agora é preciso voltar às cavernas
e reaprender a pensar sobre as sombras por lá.

Saber do primeiro disparo agora: inútil real, ilusão,
na contramão:
fila indiana;
mãos *encordadas*[79];
prantos, também orações;
saudades de ver a tragédia em jornais;
histéricas gotas com gosto de buraco fundo
sem fundo de ver-enxergar;
caras descrentes, crentes da horda
das superstições dirimidas nos livros —
dos velhos profetas —, digitalizados,
perdidos, substituídos por mais de romance,
mais de mentiras das ficcionais,
mas da política borra de esgoto,

[78] Citação de um verso da poesia Turrão.
[79] Feito corda.

mais do passado revivificado,
reinterpretado ou desconstruído
em reinvenções infindáveis:
montanhas de monte de esterco como o que escrevo;
eu como o que escrevo; eu como o esterco que escrevo.
E invejo (e não vejo) o exilado João
— profeta cadivo — por éter elã divinal
no espírito arrebatado, penando escrever:
"escreve as coisas que são,
e as que depois destas hão de acontecer"[80].
E os mais fogem, fieis, ao mar,
mas o mar não tem peixe.
A radiação; a evolução; a tal seleção natural
golfou pela praia as desafinadas sereias,
de línguas e pélvis também bifurcadas
e mentes virosas, intoxicando a névoa, o ar.

Na segunda parte, ainda importante,
no quase-exato, o meu manual,
há *ultimidades*[81] de múltiplas várias:
Receita de colores giz de gosma de flores
a fim de pintar as cavernas ao modo dos Neandertais.
Nomes de banda de rock:
Ácidos Gástricos; Poeira Estelar; Minerva.
Um passo a passo para confecção de pedra-tambor
(as armas PEM[82] destruíram todos os mecatrônicos).
Um curso escrito à lápis-carvão
educando na arte do canto à capela.
Dados da sorte sem marca aparente
visando adestrar a capacidade de adivinhação.

Serão necessários modos arcaicos,
modos pacatos de muito comum:
as mãos serão os megafones
quando a lonjura for mansa,
sem pressa da peça na prensa
que prensa a peça com pressa
e impeça que eu meça a distância.

---

[80] Referência ao versículo 19 do capítulo 1 do Livro de Apocalipse.
[81] São as utilidades úteis para os últimos dias.
[82] Pulso Eletromagnético.

Sem corvos pra telegrafar as mensagens,
eu ordenarei os tatus; por baixa da terra
seguindo o caminho dos mortos
cavemos, sem engenharia, as linhas
        do novo metrô.
Não haveremos, é claro,
supor suportar o escuro informacional,
notícias suas ou dúvidas algorítmicas,
as verei no inverno atômico do céu impreciso.

Talvez a linguagem, ao desuso, enferruje,
ou ao medo escuso das aves cortando os céus militares,
mesmo munidos da máquina criptográfica certa,
riscos, dos não mais aqueles escritos à lápis-carvão,
as nuvens dos tais pensamentos gibis rondarão,
        então use WD-40[83]
(a fórmula está anotada bem no rodapé
da 52 e da 53).
Manipule com tão delicado cuidado
e preste atenção nas ob-
servações!

Eu já quis escrever uns Haikais,
pensando ser bom no *linguar*,
brincar com os verbos, forjar coisa e tal.
Mas cuspi só uns versos banais,
pois o que eu sei bem
é tão bem cozinhar muito mal:

"A galinha me encara tão séria.
De cabeça baixa: a frigideira.
O seu filho ela não o verá ciscar.

A Fabíola é uma menina linda.
Não dá mesmo para entender
que ela matou o marido.

A natureza é um eterno consumir-se

[83] Óleo desengripante.

em renovações constantes:
Big Bang. Big Crunch.

Amor é melhor com café.
Café é melhor de manhã.
Manhã é melhor com amor e café.

Ser feliz é escalar o Everest
e no pico, após tudo contemplar,
saber: é preciso voltar para casa.

— Poesia não serve pra nada!
— Com você eu discordo, de fato;
a poesia serve para encher o saco.

Sob os ossos das paixões sepultadas,
o amor enraizará certezas
e florescerá; há de se espalhar.

De pressa em pressa,
das humanas pressas,
a morte enche o papo."

[...]

Se esforce a não se zangar pelos modos Vulcanos.
Eles passaram por nós, e, mesmo aos cacos
saíram do lado de lá integrados
ao modo logicamente não bem espontâneo de ser.
Empregue a lógica com sensatez,
permita espaços dos mais generosos
ao choro provindo do admirar uma flor sendo desabrochar.

Das façanhas que posso emprestar,
atente-se, não há de obtê-las,
por simples, banal, inexata, e-
xecuções afinadas de meras receitas de bolo.
Pormenores, intercalados, silenciosos,
justamente não discriminados nas entrelinhas
por ser inequívoca chave criptográfica,
chave privada sabida,
(tal como só sabiá o sabe imitá-lo),
compartilhada por ambos aqueles leitores

compreendendo os nós da digital-corda
unindo os remanescestes adoradores das letras,
serão dicionário de *nadagrafias*
colhidas do livro do nada
repleto das sabedorias
inapreensíveis, mas sim acessíveis pois a qualquer um
disposto a deixar sua mente vazia
sabendo que nunca se chega ao fim,
porque não há fim
— limites são nadas criados pra gente ficar confortável.

Infelizmente os jovens — as crias sangradas
dos úteros-bits das redes informacionais,
mães das piores q'em terra brotou:
aos filhos só ofertam peitos
mesmo crescidos, querendo sustância,
necessitando de carne, arroz e feijão,
a teta esfregam na cara do *bebezerrão*[84];
franzino aos frangalhos e fraco frigindo
a intelecção, a mãe não percebe
ou fecha os olhos pra ver,
a morte inodora intelectual —
não saberão ler o meu manual,
tão pouco também sobre a fala do sol;
a onça rosnando no mato o veado aos saltos;
as folhas secando no chão;
a formiga bunduda na mesma toada de todos os dias
desvendo[85] delírios daqueles que pisam suas trilhas;
a falta de sorte de algum jacaré querendo comer
algum siriri, que radioativo, derrete, faceiro, o lagarto.

A vaca cava a cova avacalhando
covardias cavalgando no acovardado
sua insensata *aberratrix*[86], uma falha na matriz
revelando os sujeitos, arquitetos das gaiolas.
A vaca é a teta-mãe dos jovens
os desmiolados vão as compras
compram um iPhone importado,

---

[84] Mescla das palavras bebê + bezerro, no aumentativo.
[85] Gerúndio do verbo "desver" que significa ignorar, fingir que não viu.
[86] Máquina de construir aberrações.

mas não sabem que a Mônica
não tem coelho dourado.
A vaca morreu na radiação.
As *selfies*, todas, nem sequer são pó.
Os jovens perambulam procurando artistas,
influencerstubes, *vlogs* de destinos,
dicas de empreendedorismo da cantora a nau
levando rio afora todos nossos maus costumes.

Se as trompas de falópio, porventura, fracassarem
também eu descrevi da arte, da confecção
dos cornos em berrantes pra marcar bem o compasso
das pernas a *pernarem* rumo aos montes,
        no alto da serrinha,
bem onde o *véi* Matusalém nos aguarda em pé.
Não sei se bem ao certo se ele nos entenderá,
        é tanta tec, tec, tec, tecnologia
que mesmo injuria, e cansa o cabeção.
E não permitiremos tempo para explicações,
as aves de rapina sim poderão nos ouvir,
        e mesmo à distância.
Então será melhor,
talvez calar o som.

A mim só me sobrou meu manual mal manuscrito,
        porque escrito às pressas
bem ao primeiro grito,
copiado dos backups mesmo sem um qualquer rito:
        cópias digitais de um menino esquisito.

Tenho frases que não servem para nada,
a não ser passar o tempo sopesando a enxurrada,
inspiradas nas mais úteis inutilidades caras:
        "No deserto qualquer brisa refresca."
        "Prefiro ser chato. O irregular não serve pra mesa."
        "De tudo que há em mim o que mais incomoda é a falta."
        "Pensar demais entope o cano."
        "Minha maior ambição é a paciência."
        "Ser livre é cerca-se de limites amigáveis."
        "A sua sabedoria é a medida da minha tolice."

Tereré sempre será e é essencial,
então separei muitas seções especiais:
alguns tutoriais
ensinando a plantar, colher, secar, a erva pura,
a utilizar do cifre de unicórnio para a cuia
e o caniço do mamão para bomba (sucção).

Reservei mais umas laudas, para as coisas de comer:
quebra-queixo cozinhado com os hook[87] do Maguila;
de um galã de cinema fazer cueca virada;
e terá maria mole se alguém achar Marias
daquelas não duronas quanto as que conheci.

[...]

Se me perguntar, sincero, que livro eu traria
para uma ilha deserta e apocalíptica,
dir-se-ia sem arraste
era esse manual.

[...]

Mas no fim do mundo,
se esqueça de tudo:
o que eu disse;
o que eu quis dizer;
o que eu nunca diz[88].
Se agarre ao desespero,
pois ele guiará você.

■

[87] É um golpe fundamental no boxe e em outras artes marciais que utiliza o movimento do quadril, tronco e ombros para gerar potência e conectar com o oponente.
[88] Tempo verbal propositadamente errado.

Posfácio

Se há um deus
onde ele há?
Ele há de cá
ou há acolá?

Se mesmo há,
se lá ou cá,
como há de ser
um ser que há
tão lá, tão cá
no mesmo já?

Ah! Se ele é,
se é o que há
no mesmo já;
se cá ou lá,
acá[89], acolá!
Onde ele há,
o há é o ser
o ser é o há[90].

■

[89] Em itálico pois subverte o significado da palavra no dicionário. Aqui pretende significar "além de cá" em analogia à acolá, que pode ser entendido como "para mais além". Como na reta numérica, acolá e acá é análogo a tender ao infinito positivo ou ao infinito negativo, respectivamente. Ressalto que no dicionário Michaelis acá é assim explicado: Árvore de grande porte (Pouteria torta), da família das sapotáceas, de folhas ovaladas e frutos comestíveis, pouco carnosos e pilosos; abiorana, curiola, grão-de-galo.

[90] Em referência à Êxodo 3:14.

Apêndice

Um algoritmo para construir poemas

Objetivo: falar do contraste entre ideal e real.
Método (algoritmo):

- Passo 1: parir um verso cru;
- Passo 2: analisar o verso e a métrica;
- Passo 3: corrigir;
    - Passo 3.1: analisar a correção
        - Passo 3.1.1: se houver desgosto, voltar ao Passo 3.1;
        - Passo 3.1.1: se não houver desgosto, inicia no Passo 1.

Observação: o tempo transcrito entre um verso e outro não indica, precisamente, o tempo transcorrido para sua confecção ou análise, pois outras atividades interferiram, como: lavar a louça, ir ao banheiro, verificar a temperatura da filha, pegar café, pesquisar a bula da Cefalexina na internet, dentre outras.

Execução (iniciada 31/05, 17:00):

Verso	Dia e hora
~~O sol se põe entre o mar e o céu~~	31/05, 17:01
~~O sol se põe entre a terra e o céu~~	31/05, 17:23
~~O sol se põe entre a terra e o céu~~	31/05, 17:26
~~O sol vai se pôr entre a terra e o céu~~	31/05, 17:26
~~O sol vai se põe entre a terra e o céu...~~	31/05, 17:30
O sol vai se pôr entre a terra e o céu...	31/05, 17:50
~~e cria discórdias~~	31/05, 17:24
~~e cria elefante discórdias~~	31/05, 17:26
~~criar elefante discórdias~~	31/05, 17:26
~~e cria elefante discórdias~~	31/05, 17:31
e cria elefantes discórdias.	31/05, 17:50
~~Da linha que o seu horizonte empresta~~	31/05, 17:51
~~Da linha que o seu horizonte emprestou~~	31/05, 17:56
Da linha que o seu Horizonte emprestou	31/05, 17:57
~~escrevo os primeiros acordes.~~	31/05, 17:51
~~desenho os primeiros acordes.~~	31/05, 17:56
~~desenho meus próprios acordes.~~	31/05, 18:49
escrevo verazes acordes.	31/05, 18:53
~~Concedo ao vento algum dedilhar~~	31/05, 17:59
Concedo ao vento o meu dedilhar	31/05, 18:02

Verso	Dia e hora
~~esperarei que não se importe~~	31/05, 18:04
~~espero que não mais se importe.~~	31/05, 18:05
e esperarei não conte a sorte.	01/06, 07:23
~~Na terra soaram mui lindos aqui~~	31/05, 18:06
~~Na terra eles soam mui lindos aqui~~	31/05, 18:13
~~Na terra ressoam mui lindos aqui~~	31/05, 18:24
Na terra ressoam perfeitos assim,	31/05, 18:43
~~no céu destoaram discordes.~~	31/05, 18:07
~~no céu ressoaram discordes.~~	31/05, 18:10
~~no céu só ressoam discordes.~~	31/05, 18:10
~~no céu só retumbam discordes.~~	31/05, 18:26
~~no céu só ecoam discordes.~~	31/05, 18:30
~~no céu reverberam discordes.~~	31/05, 18:32
~~no céu reverberam covardes.~~	01/06, 07:12
no céu reverberam disformes.	01/06, 07:44

Resultado (finalizado):

O sol vai se pôr entre a terra e o céu...
e cria elefantes discórdias.

Da linha que o seu Horizonte emprestou
escrevo verazes acordes.

Concedo ao vento o meu dedilhar
e esperarei não conte a sorte.

Na terra ressoam perfeitos assim,
no céu reverberam disformes.

■

Sobre o autor



Nasceu em Cassilândia, Mato Grosso do Sul (MS), em janeiro de 1984, numa sexta-feira 13, do encontro entre Mauro e Fátima. Brincou de escrever poesias na adolescência, utilizando como matéria prima as paixões efêmeras desta fase. Viveu naquela cidade, banhada pelo rio Aporé, até 2002 quando se mudou para Chapadão do Sul-MS, juntamente com sua família. Um ano depois iniciou seus estudos no curso de Matemática da UEMS/Cassilândia. Ingressou no Judiciário Sul-Mato-Grossense na Comarca de Chapadão do Sul-MS em 2006, onde permanece. Entre 2007 e 2011 foi baterista na falecida Banda Contra Corrente, integrada por Josel, Gleison, Zezinho (Pedreiro) e Luís (Milionário). Nestes anos, bem como nos anteriores, compôs algumas canções e poesias no portal overmundo. Casou-se em 2009 com Camila, com quem pretende se casar o resto da vida. Voltou a escrever poesias, mas logo a falta de tempo o proibiu, porque em 2010 nasceu o primogênito Felipe, e cinco anos depois Maria Helena; ela a tempestade e ele a calmaria que vem depois. Em 2015 e 2020 concluiu o Mestrado e Doutorado em Engenharia Elétrica pela UNESP de Ilha Solteira, respectivamente. No ano seguinte, o Pós-doutorado pela UFMS/Chapadão do Sul. Em 2019 se uniu ao conselho de editores da Pantanal Editora, juntamente com Alan e Jorge.

Em 2023 publicou Pseudo-Sonetos Randômicos.
Em 2024 publicou Esternotomia.
Em 2025 publicou Antologia de Poesia Marciana.
Em 2026 publicou Duos Líricos.



Pantanal Editora
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)
https://www.editorapantanal.com.br
contato@editorapantanal.com.br

9786585756464